



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o anúncio da conclusão das metas do “Luz para Todos” em Pernambuco**

**Recife - PE, 1º de dezembro de 2008**

Eu e o Eduardo Campos utilizamos, no nosso tempo aqui, esquecer um pouco a nominata para ver se a gente ganha um pouco de tempo no palavrório.

Uma coisa importante, sobretudo para a imprensa ter noção do que nós estamos falando – o Lobão já falou da quantidade de empregos que gerou o Programa até agora, o Lobão falou de quanto foi investido pelo governo federal em parceria com os governos estaduais – mas só para vocês terem idéia, somente de material, de cabos, de fios utilizados até agora, foram 790 mil quilômetros de fios que nós colocamos até agora no programa Luz para Todos. Imaginem quantos quilômetros tem a Terra e imaginem quantas vezes a gente poderia enrolar o planeta Terra com a quantidade de fios que nós colocamos. Eu não vou falar se são 28 mil quilômetros. Se forem 28 mil, vocês imaginem que nós poderíamos ter enrolado a Terra 30 vezes com a quantidade de cabos que nós colocamos aqui. Imaginem a quantidade de postes: 4 bilhões de postes já foram colocados no programa Luz para Todos.

Se esse Programa fosse discutido dentro de uma universidade, analisando apenas do ponto de vista da viabilidade econômica, certamente nós nunca teríamos o programa Luz para Todos. Em algumas regiões do País, a ligação em uma casa chega a custar 5 mil reais, porque a distância está ficando cada vez maior e a quantidade de postes cada vez maior, a quantidade de fios cada vez maior. Então, às vezes, custa mais de 5 mil reais uma ligação, e nós levamos de graça, colocamos três tomadas, colocamos três bicos de luz e damos o pontapé inicial.

Na primeira vez que eu fui inaugurar o Programa, a sensação que eu tive era de que a gente, com um apertar de dedos, estava tirando uma pessoa



do século XVIII ou do século XVII para o século XXI, porque é uma coisa que, somente a gente vendo, percebe a grandeza do que é um bico de luz na casa de uma pessoa que passou a vida inteira com um candeeiro.

Eu me lembro que em 1979, Eduardo, quando fui à casa de uma tia minha... depois eu voltei lá e quando foi inaugurado o bico de luz na casa dela, ela saiu correndo da cozinha porque foi muita claridade para ela. Ela disse que ficou cega, ficou areada, não conseguia ver mais nada. A pessoa acostumada a cozinhar com candeeiro, a costurar com candeeiro, a cuidar do filho à noite com candeeiro, com um fogão a lenha daqueles de uma boquinha só, Dilma. Não era de quatro bocas, como a gente tem no Centro-Sul: em uma bota polenta, em outra bota quiabo, em outra bota não sei das quantas. Era uma boquinha. Faz o feijão primeiro, depois faz outra coisinha, ou seja, não tem boca de esquentamento ou boca de espera. Vocês imaginem uma pessoa criada 50 anos fazendo isso, e de repente acende uma luz dessas na cara dela. É para assustar.

O Programa... é importante vocês atentarem para o que falou o Kelman, que é o presidente da Agência, para o que falou o ministro Lobão. É importante lembrar, porque nós estamos falando em universalização. Na verdade, nós estamos comparando a universalização com a meta que nós nos comprometemos a cumprir no início do Programa. Então, nós temos alguns estados extremamente importantes, que já cumpriram a meta feita pelos dados do IBGE: Alagoas; Ceará, não, Espírito Santo, o Ceará tem 99,62%; Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe e São Paulo. Na verdade, nós temos 12 estados em que nós já ultrapassamos, e muito, a meta inicial.

O que aconteceu, de fato, é que quando nós entramos em campo para fazer as ligações, descobrimos mais 1 milhão e 700 mil pessoas que não estavam nas pesquisas feitas pelo IBGE. Então, nós assumimos o



compromisso de esticar o Programa e, até 2010, atender todas essas pessoas que nós descobrimos. Aqui, no caso de Pernambuco, tem uma coisa importante: o nosso compromisso, já contratado, de atender as 8 mil e 700 famílias que falta atender, vamos fazer. Enquanto isso, se as pessoas quiserem ir se inscrevendo, vão se inscrevendo porque nós vamos fazer mais.

Depois que terminar essa parte das 8 mil, a empresa estadual, portanto, a Celpe, vai receber orientação e determinação da nossa agência reguladora para que a partir daí tenha continuidade o Programa, com ligações feitas de graça. O importante é que (inaudível) tem que fiscalizar, porque se a gente não tomar cuidado... só quem gosta de fazer coisas de graça neste país é o governo, é o Estado. A nossa preocupação é não permitir que, porque essas ligações não dão lucro e às vezes são deficitárias, as empresas vão deixando de fazer, e daqui a pouco a gente tem um outro estoque de milhões de brasileiros sem energia elétrica. Aí o papel da Agência é fundamental para que a gente, todos os meses, cobre quantas ligações foram feitas: que tenha 0900, zero não sei das quantas na Agência, que tenha no Ministério, que tenha no governo do estado, que tenha em todos os lugares.

Na medida em que a gente atendeu a demanda que estava como estoque secular, nós agora precisamos ser mais duros na fiscalização, mais competentes e não permitir... se a gente permitir que um mês fique uma casa, no outro mês duas, num ano 50, no outro ano 100, daqui a pouco nós teremos o mesmo estoque de casas sem energia para a gente atender. Então, agora é atender prontamente, com esquema de fiscalização, com condições de o povo comunicar imediatamente ao governo. Os deputados, no final de semana, percorram o estado para saber se ainda tem casa com lampião, para que a gente possa não permitir que o Brasil sofra um retrocesso nesse Programa.

Eu quero agradecer especialmente à companheira Dilma Rousseff pelo trabalho extraordinário que foi feito na hora que nós lançamos esse Programa, em 2003. Quero agradecer aos governadores, que prontamente atenderam ao



chamamento do governo federal para que nós construíssemos uma parceria e levássemos esse benefício à população brasileira. Eu me lembro que teve gente que não gostou, em 2003, quando a Dilma estava fazendo aquele discurso em que ela citou o doutor Miguel Arraes como o governador que mais tinha feito pela eletrificação rural aqui no estado. As pessoas podem não gostar politicamente, mas os dados estatísticos, os números não podem ser desmentidos e têm que ser contados, gostem ou não gostem.

O dado concreto é que nós não precisamos ficar perguntando agora quem fez mais ou quem fez menos. Eu só quero que o outro presidente que entrar depois de mim faça, de tudo o que eu fiz, o dobro ou o triplo, porque certamente o povo brasileiro vai ganhar com isso.

Parabéns, Eduardo. Parabéns, Lobão. Parabéns, Dilma. Parabéns, Kelman. Parabéns ao povo de Pernambuco.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante reunião do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas**

**Palácio do Planalto, 1º de dezembro de 2008**

Vou apenas, Minc, dar os parabéns pelo trabalho e pelo pouco tempo em que esse trabalho surgiu, porque esse trabalho seria muito fácil de ser feito se fosse contratada uma equipe de assessoria, de consultores, e eles produzissem dentro de um gabinete e fosse vendido como se fosse um programa, um plano sobre mudanças climáticas.

Nesse plano foi tomada uma decisão do governo: foi criado um comitê interministerial que envolveu praticamente 17 Ministérios, e foi feita uma série de debates com a opinião pública, com a sociedade civil organizada, que resultou em um embrião de um plano sobre mudanças climáticas que, certamente, ainda terá muitas críticas quando outros forem ler. Mas a gente já pode dizer, alto e bom som, que apresentamos, segundo a Suzana, um melhor do que a China e do que a Índia e, certamente, melhor do que os outros países que sequer assinaram o Protocolo de Quioto.

A segunda coisa que eu considero importante é todo mundo ter clareza de que não basta ter o Plano, que não basta ter todos os decretos que o Presidente fizer. Nós temos que ter um processo de conscientização da sociedade brasileira sobre as vantagens comparativas que um país como o Brasil tem, de preservar a natureza, de cuidar corretamente das suas florestas, porque isso termina sendo um ganho para o País, em vez de ser um prejuízo como alguns pensavam alguns anos atrás.

A terceira coisa que eu considero extraordinária, Pinguelli, é a produção de um livro para professores. Isso aqui você tem que levar para Poznan para poder mostrar, porque não sei quantos países tiveram a competência de produzir um livro extraordinário desses, para que os nossos professores



aprendam a ensinar, no ensino médio e fundamental, a questão das mudanças climáticas.

Por último, eu queria dizer, Minc, três coisas. Primeiro ao Pinguelli, como coordenador. Pinguelli, eu acho que era preciso construir um grupo dos mais importantes especialistas brasileiros, para que a gente pudesse estudar o que está acontecendo em Santa Catarina, porque nós nunca tivemos conhecimento de uma catástrofe como esta que está acontecendo. Já tivemos notícias de cheias e mais cheias naquela região, mas a catástrofe que estamos tendo, de terras inclusive que estão em parques de preservação ambiental, portanto, totalmente arborizadas, que estão se movendo com uma facilidade muito grande. Eu até falei para o ministro Lobão para pegar o pessoal especialista ligado à Eletrobrás, e fazer um levantamento do que a gente pode fazer para evitar que, em outras chuvas, ocorra enchentes.

São duas coisas distintas: uma coisa é a enchente do rio, o povo já estava acostumado com determinado nível de enchente, mas não com essa deste período. A outra é a quantidade de chuvas. Certamente tem problema de mudança climática, mas tem a questão da fragilidade da terra de se agüentar no seu lugar. É um negócio que eu acho que mereceria um estudo, para que a gente não tenha daqui a 100 anos uma outra coisa dessas, e que a gente não tenha prestado o serviço necessário.

A quarta coisa importante, Suzana, eu estava comentando com o Minc na mesa, que o companheiro de Minas Gerais entregou um estudo sobre cada setor e a emissão de gases de cada setor lá em Minas Gerais. Quando fui ao G-8, no Japão, por acaso eu recebi da Embrapa – não foi do Minc, foi da Embrapa – um documento do Departamento de Energia dos Estados Unidos que mostrava a emissão de gases de efeito estufa no ano de 2005. Como o pessoal estava discutindo a questão climática, eu perguntei se cada um deles sabia do que estava falando e se cada um deles tinha noção do que o seu país tinha emitido de gases de efeito estufa. Eles não sabiam, e eu comecei a ler:



Estados Unidos, tanto; China, tanto; Alemanha, tanto; Holanda, tanto. O Brasil, na verdade, era um dos que menos emitiam, mas todos eles viraram palpiteiros contumazes com relação ao Brasil e à Amazônia.

Então, é importante que a gente tenha esses dados. Eu falei para o Minc estudar a questão do G-20: pegar o G-20 e quanto cada país do G-20 tem de responsabilidade na emissão de gases de efeito estufa nos últimos anos, para a gente poder fazer o debate.

Quais são os compromissos que nós temos que fazer pela frente? Primeiro, a questão do zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar e aonde ela vai poder chegar. Segundo, nós vamos receber, na semana que vem, um debate com o ministro Reinhold Stephanes para discutir o programa de produção de dendê, e também qual é a área em que nós vamos plantar o dendê e saber se tem necessidade de fazer zoneamento para a área de dendê.

A terceira coisa que eu acho importante é a questão de uma conversa que eu e o Minc vamos ter com o Ministro da Justiça para ver se a gente consegue criar uma polícia nacional para cuidar da questão ambiental ou uma polícia florestal. Alguma coisa nós vamos ter que fazer, porque não adianta a gente querer preservar, fazer um plano, e depois tem um fiscal do Ibama com um carrinho sem gasolina e, muitas vezes, sem nenhuma segurança.

Eu estava comentando com a Dilma, eu vi na televisão na semana passada que, por conta de o Ibama bloquear o comércio de madeira que foi cortada ilegalmente, tocaram fogo no carro do Ibama. Nós temos que saber que está tudo bonitinho no programa, mas o ser humano, na sua individualidade, no seu corporativismo, é mais complicado do que as ONGs, do que as pessoas que disputam esse negócio. Então, é preciso que a gente discuta isso.

Eu me comprometi com o Minc no começo do ano na questão do desmatamento. Nós sabemos quais são as principais cidades brasileiras onde acontece o desmatamento. Estas cidades têm prefeitos eleitos que vão tomar



posse no dia 1º de janeiro. Nós sabemos quem são os governadores dos estados onde estas cidades estão situadas. Portanto, nós vamos ter que chamá-los para conversar seriamente e em vez de ficar apenas acompanhando, sofrendo, esperando que o Inpe divulgue suas fotografias, nós vamos ter que ter estes prefeitos como parceiros na questão da preservação ambiental, para evitar o desmatamento.

É preciso que a gente discuta com eles, Minc, e estabeleça metas com os prefeitos para que eles sejam, de verdade, os primeiros cidadãos a ter interesse em não permitir que haja desmatamento. Para isso, nós temos que estender uma mão nos dispondo a ajudá-los, mas com a outra mão nós temos que dizer que haverá punição se não cuidarem corretamente da preservação ambiental.

Para terminar, eu quero ver se até o final do ano nós mandamos ainda a questão do zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar, que está pronto, faltam apenas alguns detalhes. E quero ver se a gente faz tudo isso, companheiro Casagrande, para ver se a gente conta com a sensibilidade do Congresso Nacional. Isso vai como projeto de lei, não vai como medida provisória. Tudo vai como projeto de lei, para que isso não demore muito, porque a cada vez que demorar nós vamos estar reféns daqueles que querem continuar pregando o desmatamento no Brasil.

Pinguelli, eu queria dizer que valeu a pena você brigar com algumas pessoas aqui, valeu a pena você brigar com gente do governo, porque o que vocês conseguiram fazer, eu penso que este país nunca imaginou ter. Mas agora, certamente, estamos mais preparados hoje do que estávamos ontem.

Quero dizer para a imprensa que quem vai dar entrevista são os companheiros Carlos Minc e o companheiro Pinguelli, porque o tema hoje chama-se mudanças climáticas.

Um abraço e parabéns a todos vocês.

(\$211A)





**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a etapa final e premiação das Olimpíadas da Língua Portuguesa**

**Hotel Alvorada Park – Brasília-DF, 1º de dezembro de 2008**

Meu querido companheiro Fernando Haddad, Ministro da Educação,  
Meu caro amigo Roberto Setúbal, presidente do Banco Itaú,  
Senhora Maria Alice Setúbal, presidente do Cenpec,  
Senhora Maria do Pilar Lacerda, em nome de quem cumprimento a comissão julgadora da Olimpíada,

Queridos alunos,  
Professores,  
Diretores,  
Pais e mães que participaram desta Olimpíada,  
Quero cumprimentar a nossa apresentadora, Rosi Campos,  
O Gabriel, o Pensador, que eu pensei que era aluno de ensino médio e que ia ganhar um prêmio aqui,

Eu tenho que ser rapidinho, porque tenho que ainda participar... hoje é Dia do Combate à Aids no mundo inteiro, e nós temos um ato aqui. Temos um probleminha, que as pessoas de meia idade, ou seja, da terceira idade, estão com problema também de pegar a doença e nós precisamos tratá-los com carinho. E ainda tenho que ir para Pernambuco discutir a questão da educação com os governadores do Nordeste brasileiro. Mas eu vou ser muito rápido aqui.

Primeiro, Roberto, Fernando Haddad e Alice, é importante compreender uma coisa. O que aconteceu hoje só não me deixa mais feliz porque nós temos a tragédia de Santa Catarina, que termina sendo um problema da nossa responsabilidade. Porque a natureza está sendo, no mínimo, para não dizer cruel... está praticando uma revolta muito grande com o Estado de Santa



Catarina. Eu penso que aquele povo precisa da nossa solidariedade, da nossa ajuda e é por isso que eu não estou aqui mais radiante.

Mas queria dizer para vocês que eu estou com a alma lavada, porque essa conversa, sobre a Olimpíada de Português e sobre a Olimpíada de Matemática, é importante que vocês conheçam, não é uma coisa simples de a gente fazer no Brasil.

Primeiro, as Olimpíadas de Matemática. Em 2004, o Fernando Haddad era Secretário-Executivo do Ministério da Educação, que tinha como ministro o Tarso Genro. E eu recebi aqui a professora Sueli, que é do Instituto de Matemática, e ela me trouxe os cinco premiados de um concurso internacional que tinha acontecido, de matemática, e me contou a história das Olimpíadas de Matemática. Nós não tínhamos a Olimpíada de Matemática em escola pública, nós tínhamos em escolas particulares.

E eu fiquei tão encantado com a idéia que disse ao Tarso Genro e ao Fernando Haddad: “vamos introduzir a Olimpíada de Matemática nas escolas públicas?”. Como de hábito e como de costume, sempre aparecem aqueles para dizer: “Não, na escola pública não dá, os alunos não têm interesse, os professores não querem, não dá para fazer”. “Vamos tentar?” “Vamos”. Montamos um esquema para fazer a Olimpíada de Matemática.

No primeiro ano, se inscreveram 10 milhões de pessoas. O segundo ano era um ano eleitoral, não permitiram que a gente fizesse sequer um cartaz para fixar nas escolas. Não deixaram a gente fazer nada, a Justiça Eleitoral proibiu até um simples comunicado na sala de aula. Conclusão: se inscreveram 14 milhões de pessoas. No terceiro, se inscreveram 18 milhões e 300 mil pessoas, que foi para este ano, da Olimpíada de Matemática.

Mas, no ano passado, eu chamei o Fernando Haddad e falei: “Fernando Haddad, nós vamos ter que fazer a Olimpíada de Português”. E o Fernando Haddad falou: “Olha, não existe experiência como na matemática, não tem um instituto organizado como tem na matemática, mas nós vamos pesquisar”.



E, para minha surpresa, Alice, o Fernando Haddad falou: “Presidente, sabe quem tem uma experiência muito bem sucedida? O Itaú. O Itaú tem um programa chamado Escrevendo o Futuro, que pode se transformar numa grande parceria para fazer a Olimpíada de Português. Nós não sabemos se vai dar certo, mas vamos tentar”.

Pois bem, hoje nós estamos aqui colhendo o resultado da crença. Estamos colhendo o resultado de pessoas que acreditam. Estamos colhendo o resultado de pessoas que, em vez de ficarem imaginando o impossível, acreditam em construir juntos aquilo que está ao nosso alcance. Porque no Brasil, muitas vezes, nós somos jogados para baixo. A gente, muitas vezes, assiste a um programa ou lê um artigo tentando jogar a sociedade brasileira para baixo, ou seja, “nós somos pequenos, nós não podemos nada, nós somos Terceiro Mundo”.

Na verdade, o que foi demonstrado aqui hoje é o seguinte: ninguém, nenhum ser humano, se movimenta se ele não estiver motivado, nenhum ser humano se movimenta se ele não tiver esperança. O que nós assistimos hoje aqui é a maior demonstração do que eu tenho tentado falar todo santo dia nos meus discursos. O que nós vimos hoje aqui é a maior demonstração de que para esse povo extraordinário, resultado de uma mistura de europeus, índios e negros, que deu a nossa gente, a única coisa que ele precisa é de uma pequena provocação e uma pequena oportunidade. Essa oportunidade foi dada e nós colhemos estas coisas extraordinárias.

Eu me lembro, Fernando, de quando o pessoal dizia: “A Argentina tem um milhão de crianças e adolescentes participando da Olimpíada de Matemática; os Estados Unidos têm seis milhões. Nós nunca vamos chegar a ser igual aos Estados Unidos”. Nós hoje temos 18 milhões de crianças e adolescentes participando, três vezes os Estados Unidos da América do Norte.

Esta Olimpíada de Português... este é o primeiro ano, foi extraordinário, seis milhões de pessoas, de crianças e adolescentes, quase todas as cidades



do Brasil, 55 mil escolas. Certamente a do ano que vem será melhor, teremos mais alunos, mais escolas e mais prêmios. Depois que esta for consagrada, se preparem, porque nós vamos fazer outra Olimpíada daquelas matérias mais difíceis para as crianças, e eu acho que Ciências precisa de uma Olimpíada, para motivar. Depois das Ciências, nós vamos para Física, depois da Física vamos para Química, até que a gente tenha mais público participando das Olimpíadas das matérias escolares do que público participando do Brasileirão. Aí, sim, nós estaremos consagrados nisso.

Eu queria, Alice, te dar mais do que parabéns, um abraço. Fernando Haddad, meus parabéns ao seu pessoal do ensino fundamental, porque quando o prato está pronto fica mais fácil de todo mundo comer. Mas ir para a beira do fogão fazer o prato é mais difícil, e vocês foram para a beira do fogão, fizeram o prato e nós hoje estamos podendo comer esta deliciosa experiência de vitória do povo brasileiro. Nossos adolescentes e crianças que participaram, eu tenho certeza de que vocês viverão num mundo muito melhor do que aquele que o pai de vocês viveu.

Um abraço, parabéns a todos. Parabéns, Roberto.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o  
IX Fórum de Governadores do Nordeste**

**Recife-PE, 02 de dezembro de 2008**

Eu queria dar para vocês dois dados importantes ainda sobre a questão da crise, que são possivelmente enriquecedores para o debate, se é que a gente vai debater isso aqui.

Uma coisa importante que nós temos que reconhecer é que poucos países do mundo têm os bancos públicos que nós temos no Brasil. A Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil, o BNDES, e mais o BNB e o Basa, em menor proporção, são garantias de que esses bancos representam praticamente 40% do crédito que nós temos hoje no Brasil. Poucos países do mundo têm isso.

A segunda coisa que é importante, companheiros, e eu acho que os governadores, tanto quanto eu, devem estar percebendo, é que nós temos uma crise financeira que começou no coração do sistema capitalista. Essa crise financeira pode se transformar numa crise real em outros países, porque ela já atingiu o centro do mundo desenvolvido, ou seja, os Estados Unidos e a Europa já estão vivendo recessão, e a recessão é medida quando um país tem crescimento negativo durante dois trimestres consecutivos.

Essa crise, na verdade, vai chegar a outros países muito mais frágil do que vai atingir os países ricos. Mas, certamente ela vai atingir. Por quê? Porque se os países entram em recessão, vão diminuir as importações. Diminuindo as importações, vai atingir países exportadores de grande monta, como a China.

Qual é a vantagem do Brasil? Eu vou dizer da vantagem comparativa do Brasil: é que a China tem... 40% do seu PIB depende das exportações. O Brasil, apenas 13%. Essa é uma vantagem. A segunda vantagem importante



do Brasil é que nós temos um mercado exportador muito diversificado. Há dez anos nós tínhamos, praticamente, 26% ou 27% da nossa balança comercial com os Estados Unidos, mais ou menos 27% ou 28% com a Europa, e um outro tanto com a América Latina. Embora nós tenhamos crescido durante todo esse período 20% das nossas exportações com os Estados Unidos, hoje os Estados Unidos, que representavam 27%, representam apenas 14% das nossas exportações. E a Europa representa, possivelmente, 14% ou 15%.

Por que isso nos dá uma garantia maior? É porque nós exportamos mais para países emergentes, para países em vias de desenvolvimento. Por exemplo, a nossa balança comercial com a China vai ultrapassar os 30 bilhões, com possibilidade de chegar a 35 bilhões este ano. Com a África, a gente tinha pouco mais de 4 ou 5 bilhões, estamos com quase R\$ 18 bilhões.

Isso porque ainda nós temos um setor empresarial muito subordinado a uma visão estadunidense ou a uma visão europeia quando, na verdade, neste mundo globalizado nós temos que procurar diversificar muito mais o nosso mercado exportador.

Uma coisa importante é que as pessoas se queixam que vai cair o preço das *commodities*, mas é importante a gente lembrar que a compensação da queda de preços é compensada pela valorização do dólar. Então, é importante que a gente atente para as reclamações, e faça uma medição correta para perceber que as pessoas podem até exportar um grão a menos, R\$ 1 mais barato, mas certamente estarão ganhando um pouco mais, por causa do dólar.

Vocês perceberam que nós agimos prontamente para atender os setores principais da economia brasileira. A Dilma mostrou: a indústria automobilística, que representa 24,5% do PIB industrial brasileiro; a indústria da construção civil, que depois de 20 anos sem crescer, retomou o crescimento e a gente não queria deixar ficar paralisada; financiamento para a pequena e média empresa, sobretudo capital de giro, para que ela possa se manter funcionando a todo vapor; e a agricultura, que nós colocamos aquilo que, na discussão com o



setor, entendemos que fosse disponibilizado.

Qual o problema que nós temos? É que mesmo disponibilizando os recursos... Eu sei que o Aécio disponibilizou um pouco de recursos, o governo do estado de São Paulo disponibilizou um pouco de recursos. O Guido deve ter conversado com alguns de vocês, e é importante se vocês puderem reduzir... prorrogar o recebimento do ICMS por 45 dias, 30 dias ou 2 meses, para criar capital de giro. No governo federal nós já disponibilizamos alguns impostos federais. Tudo isso para a gente fomentar o capital de giro da pequena e média indústria brasileira, sobretudo para essas que precisam mais.

Mas uma coisa que ainda continua desagradável é que mesmo disponibilizando essa quantidade de recursos... no mundo inteiro, vocês podem perceber que o dinheiro ainda não chegou à ponta. O Brasil tem outra vantagem comparativa, se comparado ao dinheiro que os Estados Unidos já colocaram, que a França já colocou, que a Alemanha já colocou. Eles estão colocando dinheiro para salvar bancos que estavam quebrando, e nós estamos colocando dinheiro, primeiro, para comprar carteira de bancos pequenos para não deixar criar problemas e estamos colocando dinheiro para fomentar o crédito. Só que esse crédito ainda não tem chegado à ponta do jeito que nós gostaríamos que chegasse. Depois, obviamente, todo mundo sabe que nós temos uma taxa de juros agora, mesmo (inaudível), acima daquilo que o bom senso indica que deveríamos ter.

Tem um outro problema, que é um problema que nós temos que enfrentar, que é a forma com que a sociedade está recebendo a informação da crise. Isso não é menor, isso é tão grave quanto a própria crise. Pasmem: um trabalhador comum, um trabalhador que trabalha aqui no Palácio do Governador do estado de Pernambuco, que está pensando em comprar um carro, ele não tem medo de perder o emprego porque é concursado. Mesmo assim, como ele está ouvindo falar muito em crise, vai preferir pegar o dinheirinho de comprar o carro, a geladeira, e vai preferir guardar na poupança,





porque ele não sabe o tamanho da crise que vai vir. Mas um outro brasileiro comum, que não tem estabilidade no emprego como tem o servidor público, que estava pensando em comprar geladeira, televisão, carro, ou comprar sei lá o quê, o computador dele, na medida em que ele vê falar tanto de crise, falar tanto de desemprego, mesmo no momento em que o emprego está crescendo, o que esse trabalhador faz? Ele, com medo de perder o emprego, não compra, pensando em guardar o dinheiro para enfrentar o possível desemprego. O que ele não sabe é que ele vai perder o emprego exatamente porque não comprou. Não comprando, a indústria não produz, o comércio não vende, o povo não consome, e esse é um desafio que nós vamos ter que discutir: como fazer esse debate na sociedade brasileira.

Nós estamos convencidos de que o crédito no Brasil será regularizado mais rápido. Esses dias vocês viram, na apresentação do Meirelles, que o crédito está semanalmente se recuperando. Nós achamos que ele pode voltar à normalidade primeiro do que em outros países e, por isso, foi importante a Dilma falar do PAC, porque agora nós precisamos desvendar todo e qualquer segredo que tiver na dificuldade de uma obra do PAC e a gente tocar essa obra o mais rápido possível.

Nós agora temos que fazer uma operação pente-fino. O que está acontecendo de problema na obra de tal estado, de tal cidade, e o que não está acontecendo. É o governo federal que está criando confusão? É a Caixa Econômica que é morosa? É o Banco do Brasil que não está conseguindo emprestar? É o BNB? É o governador que não tem um projeto executivo? É o prefeito que não apresentou ao governador o projeto executivo e, às vezes, a obra fica parada? É o Tribunal de Contas?

Agora é a hora de a gente trabalhar com todo o rigor e com toda a ousadia, para que a gente não permita que dinheiro que já está disponibilizado para estados e municípios deixe de ser aplicado nas obras para gerar emprego e renda, fique guardado em um banco por ineficiência nossa. Ademais, os



estados adquiriram, nesses últimos 15 meses, maior capacidade de endividamento, ou seja, todos os estados adquiriram uma capacidade de endividamento maior. Há muito tempo que os estados brasileiros não podiam tomar dinheiro emprestado. Eu sei que vários governadores fizeram acordo com o ministro Guido Mantega. Quase todos os estados tiveram dinheiro bastante. O Aécio que diga quanto ele teve. Ele disputa... Uma coisa sagrada para nós é o seguinte: quando a situação do País era muito vulnerável, os de fora diziam para nós que a gente não podia gastar, que era preciso cumprir com os compromissos de pagar o FMI, de pagar juros, de pagar isso, de pagar aquilo, e o País se retraía. O País se retraindo não tinha investimento público, não tinha investimento privado, a economia ficava atrofiada.

Nesse momento em que nós temos bases de garantia, de estabilização, com as reservas que nós temos e com as condições fiscais que nós temos, que é das melhores que qualquer outro momento da história deste país – e tem pouco país rico na situação fiscal que está o Brasil – nós agora temos que dizer o seguinte: nós precisamos economizar o máximo que a gente puder economizar em custeio e gastar o máximo que a gente puder em investimentos públicos, em obras públicas, para que a gente possa... Na verdade, nesse momento, os estados, a prefeitura, os governadores de estados e o governo federal podem ser os indutores de que a gente pode sair dessa crise sem nenhum arranhão ou com uma coisa muito pequena, que não vai doer. Vai depender muito da nossa capacidade de ousadia. Nós temos disposição para isso.

Vocês todos conhecem a disponibilidade de investimento que tem a Petrobrás, e eu quero dizer para vocês: não haverá diminuição nas obras da Petrobras em nem US\$ 1, por conta da crise. Não haverá. A refinaria do Maranhão, a refinaria do Ceará, a refinaria de Natal, a refinaria de Pernambuco, todas elas serão mantidas. Os contratos que nós vamos fazer do pré-sal, os contratos que nós vamos ter para contratação de navios e sondas,



nós vamos continuar fazendo.

Também queria pedir para os governadores... eu acho que os governadores brasileiros têm viajado muito, mas acho que os governadores brasileiros precisam viajar um pouco mais, para provocar mais investimentos no Brasil. Sobretudo quem tiver interesse em construir estaleiro, a possibilidade de produção de navios neste país é muito grande. Eu acho que está na hora de a gente descobrir onde tem tecnologia, e a gente viajar em nome dos estados fazendo propostas para convencer pessoas a virem fazer investimentos.

Dito isso, companheiros, eu acho que nós queremos ouvir o que cada companheiro tem para falar, disso e das queixas que vocês têm, porque os companheiros aqui só falaram coisas boas, coisas bonitas, e as coisas que são amargas, possivelmente vocês dirão agora.

Obrigado, Eduardo.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega das primeiras unidades habitacionais do saneamento integrado/PAC**

**Olinda-PE, 02 de dezembro de 2008**

Eu não vou citar o nome de todo mundo aqui, porque todo mundo já foi eleito. Eleições, agora, só em 2010. Quando chegar em 2010, eu começo a citar.

Eu só queria cumprimentar a prefeita Luciana, o nosso querido companheiro governador, Eduardo Campos, e o nosso querido companheiro prefeito de Recife, João Paulo.

Também quero cumprimentar o nosso futuro prefeito de Olinda, companheiro Renildo, e o nosso futuro prefeito de Recife, João da Costa.

A dona Maria das Dores, que está aqui, esta galega bonita... Apenas para lembrar que quando eu vim aqui em 2006 nós fomos visitar uma casa, e nós chegamos exatamente na casa desta mulher aqui. O que me deixou impressionado, e eu tinha aprendido isso de criança, é que às vezes não é a pobreza que faz com que uma dona-de-casa não tenha a sua casa limpinha. Nós chegamos aqui, tinha dado uma enchente, estava uma fedentina muito grande no famoso Canal da Malária, nós entramos na casa desta mulher, o chão ainda estava molhado da enchente, mas a mesa estava arrumadinha, a cama, em cima dos tijolos, estava bem arrumadinha, demonstrando que limpeza não tem nada a ver com classe social. Limpeza tem muito a ver com aquilo que a gente aprende de berço, quando a gente é criança.

Esta mulher estava lá com um cachorrinho amarrado – não numa corda – com um arame, esta mulher que tinha perdido um genro de febre amarela, esta mulher que vivia com duas netinhas, me parece, e eu disse a ela que nós iríamos começar a resolver esse problema do V8 e do V9.



Eu achava inadmissível que numa capital extraordinária como Olinda a gente tivesse um canal com o nome de Canal da Malária. Era inconcebível a gente ter, entre a capital de Pernambuco, Recife, e a cidade histórica de Olinda, um canal chamado Canal da Malária, em que as pessoas viviam exatamente arriscadas a pegar doenças, vivendo no meio da poluição e vivendo numa fedentina.

É importante lembrar que a obra não terminou. Eu não vim aqui uns meses atrás inaugurar com o João Paulo 448 casas, e estou vindo agora com a Luciana porque a Luciana vai deixar o mandato agora e esta primeira parte está cumprida. Para mim, é simbólico vir aqui. A água ainda está poluída, o Canal, ainda falta fazer os mil metros. Quando o Canal estiver todo pronto, aí a gente não vai ter mais enchente e a água não vai ser mais poluída e nem vai ter aquele fedor que vocês viam todos os dias de manhã, quando levantavam, e não vai ter mais o mosquito.

É importante lembrar que a gente hoje está entregando apenas 128 casas das 661 que vão ser entregues na região. E mais ainda, não são apenas casas. Vocês vão receber um parque, construído numa área de 7,5 hectares, numa área de mangue, vão receber duas quadras, um campo de futebol, uma pista de cooper, uma ciclovia, um calçadão para pedestres e uma arena para apresentações culturais. Tudo isso, o nosso companheiro Renildo é que vai agora inaugurar o restante das obras.

Aqui tem que ter água encanada, aqui tem que ter coleta de esgoto e aqui vocês vão viver com dignidade. Muita gente que mora em outro bairro, certamente vai ficar com um certo ciúme do antigo Canal da Malária, porque vai ser um canal de decência para o povo desta região viver.

Nós estamos fazendo isso no Brasil inteiro. No ano que vem é que essas obras vão começar a produzir os seus grandes efeitos, porque entre 2009 e 2010 nós vamos inaugurar grande parte das obras do PAC, são R\$ 504 bilhões. Então, nós vamos inaugurar grande parte das obras aqui no estado de



Pernambuco, na cidade de Recife, na cidade de Olinda e em todos os estados brasileiros. A partir daí, nós vamos construir um novo PAC, um novo compromisso para que quem entrar no governo não tenha que perder tempo e já tenha as definições das obras prioritárias para este país.

O que vocês estão participando hoje da inauguração é apenas um exemplo de como é possível a gente mudar a cara deste Brasil. Aquela foto preta ali é o que era antes, e aquela foto azul é aquilo que vai ser quando estiver tudo pronto, e vocês percebem que vai ser motivo de orgulho. Isso não seria possível sem a parceria que nós construímos com o governador do estado; isso não seria possível se não houvesse a compreensão do governo do estado em pagar a contrapartida da Prefeitura de Olinda, que não tinha dinheiro; isso não seria possível se não fosse o bom caráter e a bondade da prefeita Luciana; e isso não seria possível se a gente não tivesse a coordenação da companheira Dilma, organizando o PAC, cuidando do PAC, fiscalizando o PAC.

Obviamente, eu tenho que agradecer ao ministro Márcio Fortes, que é o ministro das Cidades, e responsável pela área de construção e saneamento básico. Não poderia deixar de agradecer aqui a uma companheira pernambucana, que é a presidente da Caixa Econômica Federal, a companheira Maria Fernanda, que tem trabalhado muito para que a gente consiga agilizar o dinheiro disponibilizado pelo governo.

Isso que nós estamos fazendo com o PAC é apenas uma demonstração daquilo que pode acontecer no Brasil se a gente tiver continuidade nos programas pré-estabelecidos. Houve um tempo em que o Brasil era governado para 35% da população; 60% que ficasse marginalizada. O que nós estamos fazendo é não esquecer os 35% que vivem melhor, mas priorizar os 65% mais pobres deste País, que são quem precisa do Estado.

Esta mulher – vejam como é o povo – acaba de ganhar a casa. Ela não vai precisar mais amarrar o cachorrinho no arame, pode deixar o cachorrinho



solto no quintal, ela já pode plantar uma florzinha na frente da casa dela. Mais importante é que a partir desta casa, esta mulher vai começar a conquistar a cidadania, porque ela vai ter um banheirinho dentro de casa, ela vai ter um tanque dentro de casa, ela vai ter uma pia dentro de casa, ela vai ter água quente para tomar banho, não precisa mais tomar banho gelado.

Vejam que engraçado: eu nem entreguei a chave da casa para ela... Quando eu cheguei aqui, ela não recebia o Bolsa Família, agora ela já recebe Bolsa Família. Eu nem acabei de entregar a chave, e ela falou: “Presidente, eu quero aposentadoria”. Aposentadoria ela não pode ter, porque ela precisa ter 65 anos para receber aquele benefício de prestação continuada. Faltam só três anos, aí ela vai entrar com o pedido. Eu já não estarei mais no governo, mas se ela quiser, eu posso ser o advogado dela para poder... isso se o Tarso Genro e a Ordem dos Advogados permitir que quem não tem diploma de advogado possa advogar no caso dela.

Eu estava olhando – vocês estão vendo o sorriso dela – ela não tem mais dentes, nem na parte superior nem na parte de baixo. Eu falei para a Luciana: aqui em Olinda tem o Brasil Sorridente. E a Luciana assumiu o compromisso comigo de pegar a dona Maria das Dores, levar ao dentista para ela colocar uma prótese bonita, porque com 62 anos de idade ainda há muito tempo para namorar. A gente vê na televisão pessoas com 70 anos casando com meninos de 18. Por que não pode a dona Maria das Dores colocar os dentes, ficar bonita e arrumar um broto aqui para cuidar dela?

Eu penso, companheiros, que o que está acontecendo aqui é apenas um grande sinal de que é plenamente possível a gente mudar a cara do Brasil do andar de baixo, a cara do Brasil dos pobres, a cara do Brasil dos deserdados. O fato de a dona Maria das Dores receber uma casa e, a partir de agora, poder entrar dentro de sua casa e viver com um conforto humilde, mas com dignidade e com decência, não ter mais enchente, não ver mais a água invadir a casa dela, não ter daqui a algum tempo mais mosquito para colocar doença nas



peçoas, não ver mais ratos disputando espaço com as netas, é um motivo de grande orgulho.

Por isso eu quero agradecer a compreensão de vocês. De vez em quando eu acho que o povo brasileiro é o povo que tem mais paciência, porque agüentar o que agüenta o povo pobre deste país, esperando a vida inteira, é um povo que merece a nossa admiração. Graças a Deus, o povo tem elegido agora prefeitos e governadores que têm mais compromisso com o povo. É preciso a gente ter claro que é preciso banir da vida política do País aqueles que nunca olharam para os pobres, aqueles que fazem discurso para os pobres e governam para os ricos.

Nós ainda temos dois anos na Presidência, e temos dois anos para fazer muito mais do que aquilo que já fizemos, porque nós aprendemos a fazer, nós temos dinheiro para fazer. Vocês estão vendo na televisão que tem uma crise no mundo, uma crise causada nos Estados Unidos, e nós vamos mostrar para aqueles que querem que a crise chegue ao Brasil como nós vamos saber enfrentar essa crise e derrotá-la, para que o Brasil possa melhorar a vida do seu povo.

Um abraço, gente. Parabéns e até... eu voltarei aqui, já com o Renildo prefeito, para a gente inaugurar a totalidade das casas, do Canal, para a gente poder dizer: finalmente, o Canal da Malária virou o canal da decência.

Um abraço, gente.

(S211A)





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de lançamento do programa Território de Paz**

**Recife-PE, 02 de dezembro de 2008**

Primeiro, eu quero agradecer o carinho de vocês, por ficarem até à uma hora da tarde neste sol, ouvindo os nossos comunicados sobre o Pronasci aqui em Santo Amaro e no estado de Pernambuco.

Todos vocês receberam este livrinho aqui. Se não receberam este livrinho, é preciso que os companheiros... tem gente entregando aí. Seria importante que vocês pegassem este livrinho – tem gente entregando aí – levassem para casa, porque aqui serão 29 projetos do Pronasci. Aqui nós teremos muitas coisas acontecendo – já estão acontecendo – e vai acontecer muito mais.

O Pronasci é uma experiência inédita no Brasil. É a primeira vez que nós estamos entrando nos bairros de maior perigo, na periferia do País, sem pensar em apenas entrar com a polícia para bater ou para dar tiros em quem quer que seja. Nós também vamos ter polícia, mas o que nós queremos é fazer uma coisa de prevenção ligada a uma atividade cultural muito forte, ligada a políticas preventivas muito exitosas.

Nós estamos aqui em Santo Amaro, com essa experiência extraordinária. É uma pena que a gente não possa mostrar o centro de lazer e esporte que vai ser construído aqui, os Pontos de Cultura, a formação, a questão da saúde, que nós vamos tratar.

Nós temos uma opinião, e estamos convictos de que a melhor forma de combater a violência não é os governantes ficarem dentro dos seus gabinetes mandando a polícia invadir os bairros pobres. Mas é o Estado, o governo federal, o governo estadual e a prefeitura estarem presentes nos bairros mais pobres, com ações efetivas. Não adianta bater. As pessoas precisam saber o



seguinte: durante 365 dias por ano, o que eu tenho aqui em Santo Amaro? Eu quero participar de uma atividade cultural, não tem um centro; eu quero formar o meu filho, não tem um centro; eu quero aprender a fazer alguma atividade profissional, não tem formação.

Nós, então, queremos trazer, em uma ação combinada entre o governo do estado, o governo federal, a prefeitura do município, mais os vários Ministérios que participam do Pronasci, para que a gente possa transformar todos os bairros mais pobres deste país e todos os bairros mais violentos deste país em lugares prazerosos, para as pessoas viverem com segurança. Que ninguém possa discriminar alguém porque mora em Santo Amaro, porque mora no Coque, porque mora em qualquer outro bairro pobre. Que a polícia não venha aqui apenas no final de semana, de forma agressiva, sem que o Estado tenha estado aqui durante a semana inteira.

Este Programa... Na semana que vem, não, na quinta-feira nós estaremos lá no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, que vocês também só vêem na televisão, por guerra entre quadrilhas. Nós vamos entrar lá – o governo federal, o governo estadual, a prefeitura, as mães do bairro, os moradores do bairro, a juventude do bairro – para a gente dizer que a paz vai ganhar da guerra. A gente vai dizer, alto e bom som, que os homens e as mulheres de bem são maioria em qualquer lugar deste país e são maioria aqui em Santo Amaro. As mulheres, os homens e os adolescentes que querem trabalhar, que querem estudar e que querem viver em paz são a maioria, a esmagadora maioria.

Por isso, nós não podemos punir essa maioria a ficar trancafiada dentro de casa, com medo de sair na rua. Nós não podemos punir essa maioria de não dar segurança para as crianças, quando vão para a escola. Nós não podemos punir essa maioria de não criar condições da nossa juventude ter áreas de lazer, ter Pontos de Cultura, ter como aprender uma profissão, ter como ir para a universidade.



Por isso, meus queridos companheiros de Santo Amaro, é com muita alegria que eu venho aqui com o nosso Governador, com o nosso Prefeito e com o Ministro da Justiça. Quero assumir, Eduardo, um outro compromisso: antes de terminar o seu mandato e antes de terminar o meu mandato, nós voltaremos aqui para ver como está este programa do Pronasci.

É por isso que é importante vocês pegarem este panfleto aqui, este folder. Peguem este caderninho, levem para casa e guardem, porque daqui a 2 anos eu virei aqui e quero que vocês me digam se nós fizemos o que está escrito aqui ou se nós, mais vez, fizemos como a classe política fez historicamente com vocês, prometendo e não cumprindo, mentindo na época das eleições, beijando todo mundo. Depois das eleições “tchau, tchau”, e nunca mais voltava, a não ser nas próximas eleições.

Eduardo, eu tenho certeza absoluta de que sob o seu comando, a Prefeitura de Recife, agora sob o comando do nosso companheiro João Costa, e o ministro Tarso Genro, nós vamos cumprir cada palavra que está aqui, porque eu quero que esta meninada da periferia seja tratada nas mesmas condições em que são tratadas as pessoas que moram no centro, as pessoas de classe média.

Eu digo, todos os dias: nós não queremos tirar nada de ninguém. Nenhum rico precisa ter medo de nós, porque nós não queremos prejudicá-lo. O que nós queremos é que o pobre tenha acesso à comida, ao trabalho, à educação, ao lazer, à cultura e à segurança.

Ao companheiro João Paulo, meus agradecimentos. Eu acho, João Paulo, que Recife deve muito a você. Eu nunca pensei que um cabra magro como o João Paulo tivesse tanta coragem para fazer tudo o que ele fez. Eu nunca imaginei que aquele metalúrgico que eu conheci 20 anos atrás virasse deputado três vezes, e concorresse contra a burguesia de Recife, contra a elite de Recife, e a derrotasse por duas vezes. Agora derrotou pela terceira vez, elegendo o João da Costa como prefeito. Eu tenho certeza, João Paulo, de que



a história consagrará a sua passagem pela Prefeitura de Recife. O mais importante é que a gente tem, no João Paulo, o esteio para cobrar muito mais do companheiro João da Costa, que vai entrar agora. Ele, certamente, aprendeu com o João Paulo, e vai cobrar muito mais do governador Eduardo Campos; e o Eduardo Campos, que aprendeu com o João Paulo e o João da Costa, vai cobrar muito mais do governo federal. Cada um de nós, cobrando uns dos outros, vai fazer aquilo que o povo necessita.

Meus queridos companheiros e companheiras,

Eu só posso, mais uma vez, terminar dizendo a vocês que a primeira vez que eu vim aqui foi em um comício do retorno do dr. Arraes, em 1979. Já faz, praticamente, 30 anos. Estou voltando agora, 30 anos depois, para dizer a vocês que eu quero voltar em 2010, para poder provar e ver com os meus olhos que, finalmente, Santo Amaro virou orgulho, de verdade, do povo que mora nesta região.

Um abraço, companheiros e companheiras.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de entrega do Selo “Unicef Município Aprovado” - Edição 2008  
Recife - PE, 02 de dezembro de 2008**

Marinho, você poderia vir falar aqui no meu lugar. Dê um pouco de gente, um monte de máquinas fotográficas e um microfone, e um pernambucano não recusa a palavra. Eu vou falar muito rapidinho, porque eu acho que tanto a Daniela Mercury como o companheiro Marinho, a companheira Creusa e a nossa companheira Marie já falaram o que tinha que falar.

Antes de vir para cá, eu estava numa reunião com os nossos queridos governadores, e o assunto, Marie, foi exatamente prefeitos. O Eduardo Campos dizia hoje de manhã que no Brasil houve um tempo em que o prefeito culpava o governador, o governador culpava o presidente da República, o presidente da República culpava os prefeitos, os prefeitos culpavam o governador, ninguém assumia responsabilidade por nada e as coisas terminavam não acontecendo no Brasil.

Agora há pouco eu dizia aos governadores que no dia 10 de fevereiro eu estarei fazendo uma convocação de todos os prefeitos... uma convocação, não, um convite para que todos os prefeitos e prefeitas brasileiros se dirijam a Brasília para a gente fazer uma conversa, estabelecer um pacto. Sempre que tem a Marcha dos prefeitos é aquela coisa: os prefeitos chegam lá com uma pauta de reivindicações, falam dez ministros, dez prefeitos, termina... Agora eu quero ter uma prosa. Eu vou fazer uma pauta de reivindicações para vocês, para estabelecer uma cumplicidade boa, para a gente resolver os problemas que o Brasil ainda tem para resolver.

Na reunião dos governadores eu dizia exatamente sobre a questão da mortalidade infantil. Todas as pesquisas que nós fazemos no Brasil, quando



chega na região Norte e Nordeste nós temos um crescimento do índice da mortalidade infantil. Quando nós discutimos a questão do analfabetismo, quando chega no Norte e no Nordeste aumenta o número de analfabetos. São várias coisas que, quando chegamos às regiões mais pobres do País, aumenta o número de deserdados no nosso país.

Na verdade, nessa reunião eu quero discutir com vocês que parceria nós poderemos construir entre governadores, presidente da República e prefeitos para que a gente possa resolver esse problema. Como é que nós vamos fazer para que o índice de mortalidade infantil no Brasil possa chegar a padrões, como um país pobre como Cuba tem, de menos que 9,8 por 1000? Como acabar de uma vez por todas com o analfabetismo, se todos nós acreditamos que educação é a peça chave para que o Brasil entre, definitivamente, no patamar dos países altamente desenvolvidos?

Essas coisas, no fundo, no fundo, estão ao nosso alcance. Eu sou de uma família em que minha mãe teve 12 filhos, todos em casa, e perdeu quatro. Mas também, os oito que sobraram, dentre os quais eu sou o caçula dos homens... eu nunca lamentei que as coisas não dessem certo na minha vida e nunca fiquei lamentando as lágrimas derramadas no dia anterior.

Eu aprendi muito cedo a ir à luta, e houve um tempo em que nós, na Administração Pública brasileira, ficávamos procurando culpados pelas nossas mazelas e não assumíamos a responsabilidade pela nossa impotência ou pela nossa incompetência de fazer as coisas. Não existe espaço para prefeito nenhum do Brasil, nem prefeita, nem governador, nem presidente da República ficar chorando que não cuida da educação porque não tem dinheiro, que não cuida das crianças porque não tem dinheiro. Às vezes o dinheiro até que existe. É que a gente não define corretamente que cuidar daquela criança é prioridade número um na nossa vida pública.

Muitas vezes nós tentamos fazer 200, 300 coisas ao mesmo tempo quando, na verdade, se a gente definisse uma coisa a cada ano, em quatro



anos a gente faria quatro coisas. Como a gente não define prioridades, a gente pensa que vai fazer muita coisa, termina o mandato e a gente não completou nenhuma das coisas que pensou em fazer.

Então, eu penso, e eu digo sempre para a Marie, que o Brasil vai, em 2015, se apresentar na ONU e vai cumprir todas as Metas do Milênio que foram assinadas em Roma. Este país, Marie, tem condições de cumprir, nós temos gente especializada para cumprir, nós temos gente com vontade de cumprir isso, nós temos os instrumentos para cumprir. Este é um país potencialmente muito rico e socialmente injusto, porque durante séculos foi assim: a maioria não podia nada e uma minoria podia tudo. Graças a Deus, o povo está, aos poucos, ajeitando as coisas. O prefeito não é bom? Muda ele. O outro que vem é pior, enganou o povo? Mas daqui a quatro anos ele vai mudando, e aos poucos ele vai encontrando as pessoas certas para fazer as políticas certas.

Marie, eu tenho dito nos meus discursos: a coisa mais barata para um governo fazer é cuidar exatamente dos pobres. Eles custam nada. Eu digo sempre que um rico quando entra na minha sala, quer logo “Presidente, eu estou precisando de 2 bilhões, 3 bilhões”. O pobre entra apenas para dar a mão para a gente. Às vezes você dá 1 bilhão para um financiamento, e ele sai de lá mal-humorado com você. Você dá 75 reais para uma mulher pobre dar comida para o filho, e ela sai agradecida a Deus todo santo dia por ter conseguido isso.

Eu não quero culpar nenhum prefeito, quero terminar o meu mandato em 2010 e jamais culpar um prefeito ou um companheiro governador por alguma coisa. Eu quero sair com a lembrança do esforço que nós fizemos para cumprir a missão que nós nos propusemos a cumprir quando fomos às ruas pedir votos.

Posso dizer para vocês: eu conheço hoje muito o mundo, Eduardo. Tenho consciência, Daniela, de quanto o Brasil hoje é levado a sério. Mas não



é levado a sério pelos belos olhos do Presidente da República, que não são tão belos. É levado a sério pelo conjunto de políticas públicas que está acontecendo neste país, por governadores que estão aqui comprometidos, por prefeitos que estão aqui comprometidos, por gente da sociedade civil organizada, por pessoas como você, como Creusa, como Renata, como o nosso querido Marinho que se dispõem a dedicar um pouco do seu tempo, um pouco do seu conhecimento para estender a mão àqueles que mais precisam da gente.

Eu tive, ontem e hoje, Eduardo, só dias de alegria. Eu estava vendo os números aqui, toda essa coisa começou no Ceará em 2002, 2001, depois foi estendida a todos os estados com um pacto. Hoje já tem em Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Serão entregues selos a 259 municípios: 33 da Bahia, 8 do Maranhão, 21 de Pernambuco, 17 de Minas Gerais, 65 do Ceará, 20 da Paraíba, 7 do Espírito Santo, 33 do Piauí, 40 do Rio Grande do Norte, 8 de Alagoas, 7 de Sergipe. Os outros estados entraram por último, mas logo, logo vai ter uma disputa.

Qual é a coisa que vocês fizeram, gente? Qual é o milagre? Vocês foram apenas decentes e resolveram dedicar o mandato de vocês para cuidar daqueles que mais precisam dos governantes, que são as crianças e os pobres deste país.

Ontem eu participei de uma coisa – Creusa, você que é professora –, participei de uma coisa extraordinária: Olimpíada de Português. Nós a bolamos em 2005. Fizemos as primeiras inscrições no ano passado, e neste ano, Eduardo, 6 milhões de crianças se inscreveram para participar da Olimpíada de Português.

Na Matemática, em 2004, nós tínhamos apenas 274 mil crianças no Brasil, das quais o Ceará era campeão. O Ceará era campeão, ganhava prêmios internacionais, era o estado que tinha mais... só tinha crianças de





escolas particulares, não tinha crianças de escolas públicas. O Tarso Genro era ministro, e eu falei: Tarso, vamos fazer nas escolas públicas. Aí aparecem os otimistas de sempre: “Não, não vai fazer, porque criança de escola pública não tem interesse, ninguém vai entrar”. Sabe aquele negócio assim, aquele desprezo? Aquele cara que abre uma cerveja no barzinho e fala: “A brasileira não é boa. A boa é daquele país. A roupa brasileira não é boa, o sapato não é bom, a comida não é boa”?

Eu vou contar uma coisa para vocês. Um dia, quando a gente aprender que a nossa auto-estima em gostar deste país é uma peça importante, a gente nunca mais vai ser tratado como cidadão de segunda classe. Nunca mais.

Nós começamos a fazer as inscrições das crianças. Na primeira Olimpíada, em 2005, se inscreveram 10 milhões de crianças; na segunda, se inscreveram 14 milhões de crianças. Na segunda teve eleição para governador e presidente, e o Tribunal Eleitoral não deixou a gente fazer nem um papelete para colocar nas escolas, porque era uso eleitoral. Inscreveram-se 14 milhões de crianças. Na terceira, se inscreveram 17 milhões de crianças. Sabem, neste ano, quantas crianças se inscreveram na Olimpíada de Matemática? Dezoito milhões e 300 mil crianças se inscreveram na Olimpíada de Matemática.

Quando nós começamos, o pessoal falava: “Nós precisamos alcançar o nível da Argentina, que tem um milhão, ou dos Estados Unidos, que tem 6 milhões. Hoje nós já temos três vezes mais do que a Olimpíada dos Estados Unidos. A de Português, eu não tenho dúvida, nós vamos fazer mais uma vez no ano que vem. E no ano que vem vamos começar a fazer de Ciências ou, quem sabe, de Física. Nós vamos escolhendo as matérias mais complicadas e vamos criando motivação para essas crianças fazerem do aprendizado uma brincadeira. No dia em que as crianças perceberem que ir à escola é um prazer e não um sacrifício, nós teremos resolvido o problema da educação neste país.

Por isso, Marie, companheira Creusa, companheiro Eduardo Campos, companheira Renata, companheira Daniela Mercury, companheiro Marinho,



companheiros governadores, ministros, prefeitos, deputados, quero dizer para vocês: são pessoas como vocês, que agem com seriedade 24 horas por dia, que estão dispostas a dar o tempo de vocês para atender aqueles mais necessitados, que (me fazem acreditar) na melhora da classe política brasileira, que (me fazem acreditar) que este país, dentro de alguns anos, será uma potência econômica sem dever nada a nenhum país.

Quando eu tentei fazer a transposição do rio São Francisco, Eduardo, eu vivia um dilema, porque meus amigos da Bahia tinham divergência, os de Pernambuco gostavam; os de Alagoas tinham divergência, os do Ceará gostavam; os de Sergipe tinham problema, os companheiros do Rio Grande do Norte gostavam. Eu falei “três a três”, então eu vou desempatar, e desempatei por uma causa nobre.

Eu aprendi sabem onde? Não no meu Nordeste. No Canadá eu aprendi uma frase, olhando a neve. Sabe nordestino, que só via neve na televisão? Um dia eu fui ao Canadá: 26 graus abaixo de zero. Eu via aquele povo se divertir na neve, um jogava neve no outro, e não via ninguém reclamar da neve. Aí eu pensei: espera aí. Por que é que aqui ninguém se incomoda com a neve e no Nordeste o pessoal vive dizendo “É preciso acabar com a seca, é preciso acabar com a seca”? Então eu descobri que no Canadá, em vez de tentar acabar com a neve, eles estabeleceram uma política de boa convivência com a neve.

Aqui no Brasil nós deveríamos, em vez de acabar com a seca, estabelecer uma política de convivência com a seca. Como não foi dado a nós o direito de fazer chover, mas foi dado o direito de tomar emprestado de Minas Gerais, de Alagoas, de Sergipe e da Bahia um tiquinho de água para os outros estados daqui a um tempo... Só por provocação, eu chamei logo um baiano para poder tocar a coisa. Começou com um cearense, que era o Ciro... Não, começou com um mineiro, que era o José Alencar, passou para um cearense, que era o Ciro Gomes, e agora um baiano para puxar.



Se Deus quiser, até 2010, nós vamos inaugurar parte do projeto de revitalização do rio São Francisco para essas crianças poderem ir à escola com água de qualidade, para os seus pais plantarem com água, para as nossas cabrinhas não morrerem, e a gente dizer: finalmente, alguém no Brasil cumpriu aquilo que D. Pedro tentou criar em 1847 e que não conseguiu. Quase 200 anos para tentar fazer um canal para levar água aos (inaudível) que não têm.

É com essa crença, Marie, que eu sou o mais otimista dos brasileiros. Quando eu vejo essa crise aí, todo mundo falando “porque a crise, a crise...” Essa crise é o seguinte: eu sou um homem que gosta de crescer na crise, me provoquem que eu fico com muito mais vontade de crescer. Os países ricos se meteram numa encalacrada. Pareciam tão poderosos, mas viviam de especulação, ganhando dinheiro sem produzir um botão. Eu aprendi, na minha vida, que se eu quisesse comprar uma televisão, eu tinha que fazer 60 horas extras por mês na fábrica, para comprar a televisão. Agora eu vejo as pessoas ganharem bilhões e bilhões sem produzir uma folha de papel. Quebrou. Nós, que não especulamos, vamos dizer ao mundo: nós sabemos que a crise é delicada, mas este país vai sair dela e vai dar uma lição ao mundo, de que a gente não perde por ser sério, a gente não perde por ser responsável, e quem quiser ganhar dinheiro, trabalhe. Especular não é forma de ganhar dinheiro, nem no Brasil e nem em nenhum lugar do mundo.

Parabéns ao Unicef. Parabéns ao estado de Pernambuco. Parabéns aos nossos queridos prefeitos. Quando alguém falar mal de prefeito, eu falo: eu estava lá no prêmio do Unicef e vi que cresceu muito o número de prefeitos. Deus queira que no ano que vem a gente tenha o dobro de premiação, no outro ano o triplo, e eu ainda esteja vivo para participar da última reunião em que a gente vai anunciar: finalmente, o Brasil entrou no rol dos países de Primeiro Mundo no controle da mortalidade infantil.

Um beijo, um abraço, e que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante abertura do 3º Congresso Mundial de Engenheiros: Inovação com Responsabilidade Social**

**Centro de Convenções – Brasília-DF, 03 de dezembro de 2008**

Meu caro governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda,  
Senhores embaixadores e membros do corpo diplomático aqui presentes,

Senador Garibaldi Alves, presidente do Senado,  
Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,  
Ministros Paulo Bernardo, do Planejamento e Alfredo Nascimento, dos Transportes,

Senador Crivela,  
Deputados federais,  
Engenheiro Barry Gear, presidente da Federação Mundial das Organizações de Engenharia,

Meu caro amigo Paulo Simão, presidente da Câmara Brasileira,  
Senador Kamel Ayadi, da Federação Mundial das Organizações de Engenharia,

Engenheiro Marcos Túlio de Melo, presidente do Confea,  
Engenheiro Carlos Roberto dos Santos Moura, presidente da Febrae,  
Senhor Vincent Defourny, representante da Unesco no Brasil,  
Engenheiros,

Engenheiras,  
Companheiros e companheiras participantes da abertura deste 3º Congresso Mundial realizado aqui no nosso país,

É uma grande honra para mim recebê-los todos – engenheiros e



engenheiras de vários países do mundo – aqui em Brasília, e esta honra ganha ainda mais valor em um momento como esse que estamos vivendo agora.

A crise financeira internacional obriga todos nós a repensar, de forma profunda, como a riqueza vinha sendo produzida e distribuída nos últimos anos, e ao fazer isso, reafirma a importância da economia real, do setor produtivo e do trabalho. Nesse sentido, a Engenharia ocupa um papel fundamental. Estou falando de uma atividade voltada, acima de tudo, para a produção, a construção e a inovação, e com uma imensa capacidade de inovar e de criar, mesmo sobre escombros de modelos já ultrapassados, uma nova realidade.

Hoje, mais do que nunca, sabemos que será vitoriosa a nação que melhor aproveitar a infinita capacidade humana de reinvenção da vida e de superação de cada problema que se apresenta.

Portanto, não poderia ser mais oportuna a realização deste 3º Congresso Mundial de Engenheiros no Brasil e, em particular, nesta cidade de Brasília, exemplo tão evidente da capacidade de criação e da dedicação de arquitetos e engenheiros brasileiros.

Meus amigos e minhas amigas,

Como muitos de vocês devem saber, o Brasil vive hoje um momento peculiar. Retomamos o desenvolvimento econômico, e o fizemos distribuindo a riqueza e reduzindo a desigualdade social e a regional. Voltamos a construir e a expandir nossa produção. Isso nos levou a um dilema sadio: hoje, há mais demanda por engenheiros do que temos conseguido formar.

O problema tem raízes políticas e econômicas que remontam a pelo menos duas décadas. O fato é que nos anos 80 e 90 do século passado, a estagnação econômica do País causou uma queda brutal na demanda por engenheiros, mesmo por aqueles graduados em nossas melhores universidades. Nos anos 80, menos da metade dos graduados em Engenharia na Universidade de São Paulo encontrava trabalho, e muitos dos que



conseguiram emprego, se concentravam no setor financeiro.

Hoje a realidade é outra. O PAC-Programa de Aceleração do Crescimento, que está investindo, até 2010, R\$ 504 bilhões em infra-estrutura energética, logística, social e urbana, transformou o País em um verdadeiro canteiro de obras e provocou enorme aumento da demanda por engenheiros.

Isso ocorre no mesmo momento em que nossa indústria voltou a crescer e a ampliar seu parque produtivo, e no qual a demanda em setores como Telecomunicações e Biotecnologia estimula fortemente a formação de engenheiros em áreas de alta densidade tecnológica.

Precisamos de muito mais engenheiros no Brasil. Precisamos de profissionais cada vez melhores, com nível e variedade de formação equiparáveis aos dos países mais desenvolvidos, com os quais o Brasil agora vem competindo no cenário global. É claro que um salto dessa envergadura não pode ser dado da noite para o dia. Mas peço licença a todos vocês para citar alguns exemplos do que estamos fazendo com o objetivo de elevar a nossa Engenharia a um novo patamar.

As ações têm início ainda nos primeiros anos de escola, com o estímulo à formação básica. Ampliamos fortemente nossos investimentos nesse nível de ensino, criamos um piso nacional para os professores e até 2010 faremos conexão à internet em banda larga de todas as escolas públicas urbanas brasileiras.

No que se refere especificamente ao ensino de Matemática e Ciências, o interesse dos estudantes pode ser visto na Olimpíada de Matemática, uma competição voltada para a rede pública de ensino que contou com mais de 18 milhões de participantes apenas este ano.

Aí é importante dizer para vocês o que é a crença e a vontade de um povo, quando lhe é dada oportunidade. Em 2004, nós tínhamos apenas 274 mil jovens participando da Olimpíada de Matemática, todos de escolas privadas, e o Instituto Nacional de Matemática Aplicada, ao me trazer cinco premiados num



concurso internacional, me provocou a fazer a Olimpíada de Matemática na escola pública.

Quando nós tomamos a decisão de fazer... Vocês, tanto quanto eu, conhecem bem essa história. No Brasil tem muita gente que gosta de não acreditar em si mesmo, de não acreditar no País, me disseram: “Isso não vai dar certo na escola pública”. Na época, a Argentina tinha 1 milhão e 200 mil jovens participando da Olimpíada de Matemática, os Estados Unidos tinham 6 milhões e o Brasil tinha 274 mil jovens.

Fizemos a primeira Olimpíada de Matemática, e participaram 10 milhões de jovens. Fizemos a segunda. O Tribunal Eleitoral não permitiu que a gente fizesse nenhum panfleto convocando os alunos a participarem, porque achava que era campanha eleitoral, em 2006, e se inscreveram 14 milhões e meio de pessoas. Fizemos a terceira, e participaram 17 milhões de crianças. Fizemos a quarta este ano, e se inscreveram 18 milhões e 300 mil crianças de escola pública para participar da Olimpíada de Matemática.

Agora começamos a fazer – o engenheiro, além de ser bom de Matemática, tem que ser bom de Português – Olimpíada de Português. Esta foi a primeira Olimpíada, e se inscreveram 6 milhões de crianças para participar da Olimpíada de Português.

Para o próximo ano, eu quero instituir Olimpíada de Ciências, Olimpíada de Física, e haverá um dia em que nós teremos Olimpíada de todas as matérias, para motivar o nosso jovem a participar e, quem sabe, se motivar a estudar cada vez mais.

A segunda medida é a valorização de escolas técnicas, uma iniciativa recente no Brasil e à qual dedicamos especial atenção. Além de aumentarmos substancialmente o número de instituições de ensino e nossos investimentos na área, estamos agora reorganizando a rede. Para tanto, enviamos ao Congresso Nacional o projeto de lei que cria 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Esses institutos serão criados a partir de





escolas já existentes, e estarão presentes em todo o Brasil oferecendo licenciaturas, cursos superiores de Tecnologia e bacharelado em Engenharia, além do ensino médio integrado ao profissional.

A terceira medida é o aumento dos investimentos no ensino superior. Dobramos, de 2003 para cá, o número de novas vagas anuais ofertadas nas universidades federais, instituições que prestam um ensino gratuito e de qualidade reconhecida. Temos 61 novos campi universitários em funcionamento e mais 34 em preparação. Criamos 12 novas universidades federais e teremos outras quatro até 2010.

Essa expansão se reflete, é claro, na formação de engenheiros. Em 2006, as universidades federais ofereciam 17 mil vagas nos diferentes cursos de Engenharia. No ano letivo que se iniciará em breve, as vagas já serão mais de 28 mil, e trabalhamos com a estimativa de que, em 2012, elas superarão as 35 mil vagas para Engenharia, ou seja, estamos mais do que dobrando a oferta de vagas em apenas seis anos. Além disso, a Petrobras, via Prominp, estima capacitar 27 mil e 500 profissionais, dos quais 6 mil na área de Engenharia.

Meus amigos e minhas amigas,

Estamos também empenhados em elevar o padrão de produtividade e competitividade do sistema produtivo nacional. Queremos quebrar o modelo de estratégia competitiva baseado em baixos custos de mão-de-obra e na mera produção de *commodities*, e buscamos dinâmicas produtivas e de serviços permanentemente voltadas para a inovação.

O Plano de Ação “Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Nacional”, coordenado pelo Ministério da Ciência e da Tecnologia, é uma das ações nesse sentido, e tem como uma de suas principais vertentes o estímulo aos processos de inovação nas empresas.

O Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico receberá, no próximo ano, investimentos de R\$ 3 bilhões e 100 milhões. Isso representa aumento de 52% em relação aos recursos liberados neste ano.



Estão em julgamento, nos institutos nacionais de ciência e tecnologia, 260 propostas para formação de redes de pesquisa, que representarão investimentos de R\$ 475 milhões.

Também lançamos, em 12 de maio último, a Política de Desenvolvimento Produtivo que contempla, inicialmente, 24 setores de nossa economia, com ênfase para a inovação. Por meio dela, estabelecemos metas para aumentar a taxa de investimento da economia, ampliar investimentos privados em pesquisa e desenvolvimento, elevar a participação brasileira no comércio global e o número de micro e pequenas empresas exportadoras. São ações que, acredito, atendem às expectativas de todos os que vêm na produção e no trabalho o caminho mais seguro para o crescimento econômico e a elevação dos padrões nacionais de qualidade de vida.

Meus amigos e minhas amigas,

A recente experiência brasileira torna muito clara a importância de engenheiros e engenheiras em momentos de retomada do desenvolvimento. Falo de profissionais que precisam ter a inovação em seu DNA profissional, que devem estar cada vez mais habilitados para assegurar competitividade global e para enfrentar desafios do século XXI, que vão desde questões ambientais a econômicas.

Está claro que os debates que ocorrerão aqui vão exatamente nesse sentido, e têm muito a contribuir para a mobilização dos profissionais de engenharia de todo o mundo em torno dessas causas.

Quero, portanto, parabenizar o Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, a Federação Brasileira de Associações de Engenheiros e a Federação Mundial de Organizações de Engenharia por escolherem o Brasil como sede para este evento tão especial e que tanto nos orgulha, e os parabenizo mais ainda por privilegiarem a América do Sul ao escolherem a Argentina como sede do próximo encontro, em 2010.

Nosso subcontinente vive em pleno processo de integração, e estou



certo de que vocês, engenheiros e engenheiras, serão importantes artífices dessa construção, que se concretiza a cada quilômetro de estrada, a cada quilômetro de linha de transmissão, a cada nova usina, a cada intercâmbio de informações e tecnologias.

Meus amigos e minhas amigas,

Duas palavras a mais, para permitir que o Arlindo e o Garibaldi alcem, e o Paulo Bernardo cumpra o seu papel de Ministério do Planejamento, fazendo o discurso que eu estou fazendo aqui agora.

Vocês certamente estão acompanhando o noticiário diário do País e do mundo, e vocês estão percebendo que o mundo atravessa uma crise sem precedentes na história, possivelmente maior do que a de 1929. Só que desta vez é uma crise que nasceu no centro, no coração do sistema capitalista, nos Estados Unidos, e atingiu, em segundo lugar, países importantes da Europa, como Alemanha, França, Reino Unido, Itália e tantos outros.

Mas essa crise, embora tenha nascido lá, embora tenha sido uma crise da falta de controle que os governantes que foram eleitos com a responsabilidade de cuidar do povo deixaram de ter com o sistema financeiro... o sistema financeiro passou a cuidar muito mais da especulação do que de trabalhar junto com o setor produtivo.

No Brasil nós temos um sistema financeiro que só permite a alavancagem de 6 vezes e meia o patrimônio líquido de um banco, ou seja, um banco pequeno de investimentos, no Brasil, só pode emprestar até 6 vezes e meia o patrimônio líquido que ele tem. Nos Estados Unidos chegou a 35%, ou seja, as pessoas estavam emprestando o que não podiam emprestar, financiando o que não podiam financiar, e financiamentos que não geravam sequer uma folha de papel como produto produzido por esse investimento.

Nós tivemos uma reunião no G-20, vinte países participaram, os mais importantes, os países ricos, os países emergentes, e nós tomamos a decisão de que é preciso os Estados voltarem a regular o sistema financeiro mundial.



Os bancos não podem fazer o que fizeram nas últimas três décadas, em que se criou uma doutrina de que era preciso negar o papel do Estado, o Estado não podia nada, era o mercado que tinha que regular tudo. Quando chegamos a uma crise como essa, o mercado tremeu na base e quem teve que salvar foi o Estado, que durante três décadas foi atingido com críticas profundas por uma visão mercadológica e uma visão neoliberal do papel do Estado e do papel da economia.

Mas não há males que não permitam que a gente pense para a frente. Eu tenho dito que aqui no Brasil nós precisamos fazer dessa crise uma oportunidade para o País. Como é que essa crise atinge o Brasil? Nós temos um mercado interno potencial que poucos países do mundo têm, com exceção da China e da Índia, pela população que têm. Nós temos um mercado interno extraordinário, até porque durante décadas o povo brasileiro não teve acesso às coisas que eram consideradas essenciais e ele, portanto, tem um poder de ainda adquirir esses bens.

Como é que essa crise pode nos atingir? Ela pode nos atingir na medida em que o crédito está rareando no mundo, em que não existe uma irrigação para que a gente possa dinamizar a economia, essa crise pode chegar, porque muitas empresas brasileiras captavam em dólar e, portanto, não estão captando mais porque não tem dólar no mercado.

Nós temos um PIB mundial de US\$ 65 trilhões e uma especulação de US\$ 650 trilhões. Esse dinheiro desapareceu, e certamente não está todo nas Ilhas Cayman, porque senão a ilha já teria afundado. Elas não comportam US\$ 650 trilhões.

A verdade é que o sistema financeiro está com medo de emprestar dinheiro. Aqui no Brasil nós tomamos todas as medidas que entendíamos serem corretas, com a contribuição enorme do Congresso Nacional, porque nós, primeiro, pensamos: “nós não vamos parar”. E quero dizer aqui, para vocês: não iremos parar nenhuma obra do PAC. Nenhuma obra do PAC vai



parar.

Ontem, participei do Fórum de Governadores do Nordeste, com a participação do Governador de Minas Gerais, do Governador do Espírito Santo, e tomamos uma decisão: nenhum estado vai parar as obras que está fazendo. Pelo contrário, nós temos que procurar fazer mais obras, porque em momento de crise nós temos que fazer investimentos, sobretudo o Estado, para que as coisas possam continuar acontecendo neste país.

Mas nós temos um outro problema. E qual é o problema? Nós temos um pânico na sociedade. É normal, e o embaixador de qualquer país que está aqui sabe, ou o ministro, ou o engenheiro que está aqui. Se estivesse pensando em comprar um apartamento novo ou um carro novo – foi na Feira do Automóvel, viu um carro bonito e queria comprar um daqueles – ele tem dois pensamentos: “Eu não sei como é que vai ficar a crise, portanto, eu não vou comprar. Vou deixar para ver como é que essa crise melhora”. O outro pensamento é o seguinte: “Eu vou comprar, vou fazer uma dívida, vou ser mandado embora, então não posso comprar”.

Agora, o que ele não sabe é que pode ser mandado embora exatamente porque não comprou. Se ele não compra, o comércio não vende, o comércio não vende e a indústria não produz. Ele não compra, nós vamos produzir para quem?

Eu estou fazendo aqui propaganda de consumo, mas é que a economia tem uma dinâmica própria. Eu não quero pedir para ninguém que tenha dívida, (para) fazer mais dívida. Pelo amor de Deus, paguem as que já têm. Não quero. Mas eu quero pedir para que a gente torne à atividade econômica com uma certa normalidade. Por isso é que nós atendemos imediatamente a indústria automobilística, porque ela representa 24,5% do PIB industrial. Por isso é que nós colocamos logo dinheiro para movimentar o capital de giro das empresas de construção civil. Por isso é que nós colocamos dinheiro para a agricultura imediatamente. Por isso, nós colocamos dinheiro para capital de



giro da pequena e média empresa. Ainda assim, esse dinheiro não tem chegado à ponta com a presteza que nós queremos. Não no Brasil, em lugar nenhum do mundo o dinheiro disponibilizado tem chegado à ponta, porque gerou-se uma desconfiança.

Então, o que eu acho que nós temos que fazer? Primeiro, o Estado, agora, tem a oportunidade de mostrar que ele é o indutor, e para dizer para vocês do nosso pensamento afirmativo, nós vamos continuar. Não pensem que nós vamos parar com o investimento do pré-sal. Tudo aquilo que nós programamos fazer, nós vamos fazer. A Petrobras vai fazer investimento de US\$ 112 bilhões até 2010. Desses, 104 ela tem de caixa próprio.

Eu, de vez em quando, vejo crítica: “Mas a Petrobras tomou dinheiro emprestado na Caixa”. Sinceramente, qualquer um de nós vai tomar dinheiro onde tem. O que vocês não podem é pedir para mim. Vamos ser francos. Obviamente que eu acho, Paulo Bernardo, que a Petrobras é tão poderosa que ela, ir à Caixa pegar dinheiro, obviamente ela vai tirar o dinheiro de uma pequena empresa, de uma consultoria, de uma empresa pequena da construção civil, do comércio. É importante, então, que a gente estabeleça, com bancos estrangeiros, a possibilidade de financiar os grandes projetos de infra-estrutura para que uma empresa como a Petrobras ou a Vale do Rio Doce não dispute com pequenas empresas no sistema financeiro nacional. Tudo isso nós vamos cuidar, para ver se nós conseguimos fazer a roda da economia voltar a girar sem o medo e sem o pânico.

Eu fico vendo, lendo, ouvindo, escutando, eu fico imaginando uma pessoa que vai a um hospital visitar um parente que está com uma doença grave. Aí, senta na beira da cama e fala o seguinte: “Ih, ontem morreu uma vizinha minha com a mesma doença sua”. Ou o médico que recebe um paciente grave, olha para o paciente, examina e fala: “Meu, você já era. Pode tratar da alma”. Quando, na verdade, é exatamente por fazer o diagnóstico das coisas que nós temos que ter habilidade política para saber como é que nós



vamos encaminhar essas coisas.

Eu quero dizer para vocês, e termino com isso: nesses próximos dois anos nós vamos fazer tudo o que nos comprometemos a fazer. Não vai parar uma escola, não vai parar uma universidade, não vai parar uma extensão universitária, não vai parar nenhuma obra da Petrobras. Vamos ainda, se Deus quiser, fazer, até junho do ano que vem, a licitação do trem de rápida velocidade, ligando Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas, porque somente assim é que o Estado pode se transformar num indutor e num motivador da economia neste país e em outro país.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, as habitações que nós estamos fazendo no Brasil, vamos fazer muito mais. A Caixa Econômica tem a determinação de não parar de construir um telhado, nada, nós vamos continuar fazendo, porque é essa a contribuição que nós queremos dar para o Brasil.

Afinal de contas, acabou aquele tempo em que numa crise qualquer a primeira coisa que o Estado fazia era se encolher. Então, o Estado não fazia nada, aparece aquele dizendo: “Tem que cortar gasto, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo”, e a economia atrofiada. Nós somos a geração que viveu 20 anos assim. Vinte anos em que não se podia fazer nada neste país porque era preciso fazer o ajuste fiscal.

Hoje, Arlindo Chinaglia, o governo brasileiro tem orgulho de dizer aqui que poucos países do mundo tem uma dívida pública tão baixa quanto o Brasil, se comparado ao PIB: apenas 36% representa a nossa dívida pública. Portanto, nós temos margem de manobra para não permitir que este país pare de crescer. E formar mais engenheiros, mais engenheiras, cada vez melhor remunerados, porque formar mais não significa reduzir o custo do salário dos engenheiros brasileiros.

Muito obrigado, gente. Boa sorte. E que Deus abençoe este Congresso.

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento das linhas de ação do Fundo Setorial do Audiovisual**

**Rio de Janeiro-RJ, 04 de dezembro de 2008**

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Ministros Marcio Fortes, das Cidades; Edson Santos, do Ministério de Promoção da Igualdade Racial,

Meu caro amigo Manoel Rangel Neto, diretor-presidente da Agência Nacional de Cinema-Ancine. Quero lhe dar os parabéns pela exposição didática, porque o Juca passou três horas comigo e eu não entendi o que era o Fundo Setorial. Parabéns pela forma didática... Está certo que o Juca teve que explicar 300 outras coisas, mas esta foi a forma mais didática de uma apresentação. Tem uma coisa engraçada: se a pessoa faz a apresentação uma vez e a gente não entende, a gente é burro. Se a pessoa faz a segunda vez e a gente ainda não entende, a gente é meio burro. Mas, na terceira vez, burro é quem está explicando, porque a gente não entende. Desta vez, eu entendi tudo.

Quero cumprimentar o Luis Manuel Rebelo Fernandes, presidente da Financiadora de Estudos e Projetos-Finep,

Quero cumprimentar a Adriana Rattes, secretária estadual de Cultura,

O prefeito Eduardo Paes,

O Silvio Da-Rin, secretário de Audiovisual,

O Paulo Mendonça, diretor do Canal Brasil, em nome de quem cumprimento todos os profissionais do setor audiovisual,

Meus amigos e minhas amigas,



Não se assustem porque não tem nenhuma razão para eu ler este discurso aqui. Este discurso, no fundo, no fundo, é o que você, enquanto Presidente da Ancine, fez. Eu não vou repetir porque o meu não está tão didático. Eu penso que em um dia como este, a pessoa menos indicada para falar de audiovisual seria eu. Falar do Fundo Setorial, já foi falado. Eu queria discutir com vocês um outro assunto, aproveitando esta oportunidade.

Vocês, como brasileiros e brasileiras formadores de opinião pública, sabem que o mundo atravessa uma crise, possivelmente maior do que a crise de 1929, e é uma crise um pouco engraçada porque há um ano – desde setembro do ano passado – nós vínhamos falando da crise do *subprime* nos Estados Unidos. Discutia-se muito até que profundidade essa crise iria. Os países ricos nunca assimilaram que tinham uma crise. O dado concreto é que a crise apareceu de forma muito forte, e uma coisa muito paradoxal é que é uma crise surgida no coração dos países ricos, no centro do capitalismo mundial, e os países menos vulneráveis a essa crise são os países emergentes, dentre os quais faz parte o Brasil.

Vocês sabem que nós tivemos, dez anos atrás, a crise russa, a crise asiática e a crise mexicana. Essas três crises, juntas, importaram num aporte de recursos de US\$ 200 bilhões, e vocês sabem também que o Brasil quebrou duas vezes naquele período. Essa crise agora já envolveu o equivalente a US\$ 4 trilhões, e o Brasil não quebrou e nem vai quebrar.

Eu não quero ser mais otimista do que o “Rei”, mas eu sou originário de crise. Uma nordestina, quando tem o oitavo filho, é uma crise absoluta. Eu também nunca tive nada fácil na minha vida, eu nunca tive absolutamente nada fácil. O meu primeiro presente eu ganhei de mim mesmo, aos 17 anos de idade, que foi uma bicicleta que eu comprei, velha, não conhecia a bicicleta, mas tinha vontade de ter uma, e quando eu comprei, perdia mais tempo consertando a corrente do que andando de bicicleta. Ainda assim, fiquei muito feliz porque foi o primeiro presente.



Para chegar à Presidência da República, vocês sabem, eu perdi três eleições. E a cada vez que eu perdia, entrávamos em crise. E nem por isso eu deixei de ser Presidente da República.

Então, eu fico acompanhando a crise e fico vendo, muitas vezes, o que se escreve sobre a crise, o que se fala na televisão sobre a crise, o que se comenta no rádio. E, às vezes, eu fico imaginando que tem um tipo de gente que parece que torce para que a crise venha e quebre o Brasil. Ou seja, tem um tipo de gente que está doído para dizer: “Está vendo? Eu não falei que o Lula não sabia administrar o País? Eu não falei que o Lula não sabia cuidar da crise? Eu não falei que tinha crise, quando ele dizia que não tinha?”. E isso eu vejo todo santo dia, toda hora.

Obviamente que eu acho que é correto, necessário fazer a análise da crise. Mas é preciso que a gente dê a dimensão correta do que está acontecendo no mundo, porque o mundo também não é bobo de se deixar auto-quebrar. Nós temos situações, hoje, infinitamente melhores do que já tivemos em qualquer outro momento histórico do Brasil. Hoje nós somos um país com a economia consolidada, nós somos um país com 207 bilhões de reservas. Nós somos um país com uma dívida pública que representa apenas 36% do PIB, quando um país desenvolvido, como a Itália, tem 105% do PIB de dívida pública, um país desenvolvido como os Estados Unidos tem quase 70% do PIB na sua dívida pública.

Nós somos um país que tem uma exportação diversificada como em nenhum outro momento. Nós já tivemos, há 10 anos, os Estados Unidos representando quase 30% do fluxo da balança comercial brasileira, a Europa outros 30, e o mundo, o outro, quase não existia. Hoje nós temos os Estados Unidos representando para nós apenas 14,5% da nossa balança comercial, a Europa 15% ou 16%. Entretanto, na América Latina nós crescemos de forma extraordinária, nós crescemos na África, nós crescemos no Oriente Médio e nós crescemos na Ásia. Isso porque nós tomamos uma decisão, de não



ficarmos dependentes apenas de um bloco ou de um lado do mundo, de que era preciso construir uma diversificação, não apenas de países, de compradores nossos, mas também de produtos, para que a gente pudesse ficar um pouco mais independente.

Ao mesmo tempo, nós temos um mercado interno que poucos países têm. Obviamente, tem a China e a Índia com um mercado interno muito maior do que o nosso. Mas nós temos condições de resolver parte dos problemas das nossas exportações suprimindo as necessidades do mercado interno brasileiro.

Bem, essas coisas todas que estão acontecendo, acontecem num momento em que o Brasil vive o seu mais importante momento de respeitabilidade internacional. Vocês, que viajam para o exterior, sabem que não há momento na história do Brasil em que as pessoas tiveram tanta expectativa e tanta confiança na relação com o Brasil.

Qual é o problema que nós estamos tendo? O mundo produz um PIB de US\$ 65 trilhões, mas o dinheiro que circulava no mercado representava US\$ 650 trilhões, ou seja, dez vezes mais do que o PIB real. E o que acontece, na verdade, é que esse dinheiro desapareceu.

Vocês estão lembrados de quando caiu o Muro de Berlim? Eu tive a oportunidade de estar em Cuba no ano em que caiu o Muro de Berlim, quando Fidel Castro fazia um discurso de autocrítica de tanta confiança, durante tantos anos, na primazia russa, e até deixava de lado um pouco a América Latina. E todos os heróis que foram construídos na Rússia, e todos os bandidos, quase que inverteram de lado: quem foi herói durante 50 anos, virou bandido; quem era bandido virou herói. Na história, no momento em que a história é contada de forma verdadeira, as coisas que até então estavam embaixo do armário vêm à tona.

E nesse momento nós vivemos isso na economia. Os países que pareciam tão sólidos, os bancos que davam tanto palpite sobre a economia



brasileira... Eu tive a oportunidade de perder muitas eleições e por isso a gente aprende muito, e eu viajava muito para o exterior, porque quando a gente é candidato, que tem acima de 15%, 20% de voto, todo mundo quer ouvir o que pensa esse candidato do Brasil. Aí você ia para Londres, você ia para Nova Iorque, você ia para Paris. O banco tal quer conversar com o candidato, os banqueiros... Aí você ia e tinha um bando de *yuppies* - todos muitos jovens, que não sabiam onde ficava o Brasil, muito menos a Bolívia, nem a Argentina - a dar palpite sobre a economia brasileira. Isso predominou durante quanto tempo? Vejam que absurdo. Tem agências que medem o risco dos países. Os Estados Unidos quebram e o risco deles continua zero, o nosso é que cresce. Essas coisas absurdas de um mundo globalizado, onde...

Se não for demais, todos vocês aqui conhecem, estou vendo artistas importantes aqui. Vocês que de vez em quando (inaudível) quando vocês quiserem (inaudível) vocês batam uma palminha que eu desço para pegar aqui o meu cofre. Pois bem, o que aconteceu é que o dinheiro desapareceu no mundo e nós temos uma crise de crédito. Nós temos uma crise de crédito, ou seja, empresas importantes no mundo inteiro estão à procura de crédito, que está cada vez mais escasso e cada vez mais caro. E vocês estão lembrados de que nós tomamos algumas medidas há mais ou menos 30 dias, que foram medidas imediatas. Primeiro, nós resolvemos cuidar do financiamento do automóvel, porque a cadeia da indústria automobilística é muito ampla e ela representa 24,5% do PIB industrial brasileiro. Depois nós resolvemos cuidar da agricultura brasileira, pela importância que ela tem, não só para produzir alimentos, mas no fluxo da balança comercial brasileira. Depois nós resolvemos cuidar da construção civil, que depois de 20 anos paralisada, voltava a crescer de forma extraordinária, inclusive, com financiamento do setor privado para habitação de setores da classe média, e depois nós cuidamos de colocar capital de giro para as pequenas e médias empresas brasileiras.



Vocês estão lembrados de que nós disponibilizamos no começo US\$ 100 bilhões das reservas de compulsório que nós tínhamos. Acontece que esse dinheiro chega no banco, e esse é um dado que – ontem eu tive uma reunião com o Meirelles e com o Guido –, nós vamos começar agora a discutir mais profundamente. Esse dinheiro chega no banco, e como tem pouco dinheiro no sistema financeiro, o que acontece? Esse dinheiro fica mais caro, porque os bancos estão escolhendo clientes só seis estrelas, sete, oito... Mesmo empresas grandes, que eram clientes dos bancos, às vezes têm dificuldades de pegar dinheiro. Vocês viram, por exemplo, uma crítica esses dias à Petrobras porque ela foi na Caixa Econômica pegar dinheiro. Primeiro, quem quer pegar dinheiro pega onde tem dinheiro. Segundo, as pessoas pegam dinheiro onde é mais barato. Antigamente a Petrobras pegava no exterior porque tinha dinheiro farto e tinha juros mais baratos. Era normal.

Bem, isso está nos levando a uma situação, eu diria, mais temerária, está obrigando o governo a agir com maior rigor. Primeiro: em época de crise, a gente não se acovarda. Houve tempo em que, quando se falava em crise no Brasil, a primeira coisa, porque nós temos alguma... tem uma profissão que não está cadastrada ainda e nem codificada no Ministério do Trabalho, que são os “analistas de plantão”. Aqueles que, a toda hora que tem qualquer negócio, eles falam: “É preciso fazer um ajuste fiscal, é preciso cortar gasto, é preciso cortar salário, é preciso enxugar a máquina pública”. Em um país em que ainda tem tudo por fazer. Se você olhar este país apenas para 35 milhões, ou 40, ou 50 de potenciais consumidores, você pensa de um jeito. Mas se você olhar que este país ainda tem milhões de brasileiros que precisam adentrar em um mercado, que precisam conquistar a cidadania, você precisa... quanto mais crise, mais investimento, quanto mais crise, mais possibilidade de geração de emprego.

É por isso que nós assumimos o compromisso – os governadores, o Presidente da República e prefeituras – de que a gente não vai deixar de



investir nenhum centavo que está comprometido para investir, e vamos investir porque o investimento significa a geração da possibilidade de um posto de trabalho. Esse posto de trabalho significa a possibilidade de um consumidor, esse consumidor significa a possibilidade de um novo posto de trabalho, e vai se fazendo a roda gigante da economia girar, girar e girar sem parar. Porque na hora que pára, aí vem a crise.

Ora, eu comecei falando de coisas que eu leio, de coisas que eu escuto, de coisas que eu vejo. Imaginem vocês, se um de vocês fosse médico e atendesse a um paciente doente, o que vocês fariam para ele? Olha, companheiro, o senhor tem um problema, mas a medicina já avançou demais, a ciência avançou demais, nós vamos dar tal remédio e você vai se recuperar. Ou você diria: meu, (inaudível). Vocês fariam isso para um paciente de vocês? Vocês não fariam. Ou o presidente se comportar como aquela visita indesejada a um doente no hospital, não sei se já aconteceu com vocês. Vai visitar um parente no hospital, está lá o cidadão... Todo doente fica feio: ele emagrece, ele fica pálido, ele fica psicologicamente arrebitado, não é o melhor lugar do mundo o hospital, a gente está sempre mal vestido, às vezes não tomou banho direito. E aí chega lá a família toda para visitar e aí senta uma comadre e começa a falar: “Ih, ontem, lá na minha rua morreram dois com essa doença aí. E a minha vizinha disse que não tem cura. Um parente dela morreu lá em Pernambuco, em Garanhuns, com essa doença aí”. Ou seja, você acaba de matar o paciente.

Eu estou dizendo isso para ver se é possível entender o seguinte: outro dia eu chamei a Federação do Comércio de um determinado estado e falei para ele: meu companheiro, você faz uma pesquisa e constata que começa a aumentar a desconfiança do consumidor, aí você divulga a pesquisa da desconfiança e não divulga nada para restabelecer a confiança. Que vendedor que é você? Aí o cara publica assim: “o Natal vai ser menor, o povo vai comprar menos, porque o povo está desconfiado”. Na verdade, ele deveria ter



a pesquisa para tomar a decisão de chamar um publicitário e dizer: “Faça uma pesquisa para motivar esse povo, se não eu vou fomentar que ele compre menos”. Então, veja o que está acontecendo. Um funcionário público brasileiro: ele tem estabilidade, ele pode até ter dinheiro, mas ele não compra porque ele está ouvindo dizer que tem uma crise profunda, ele prefere colocar o dinheirinho dele na poupança. Você tem o trabalhador da fábrica: ele está ouvindo falar em crise. Ele tem até uma reservazinha, vai receber 13º, pegou férias, até poderia pensar em comprar um carro. Mas o mercado de carro usado despencou, porque ninguém quer financiar. Ele fala: “Bem, eu não vou comprar o carro porque eu posso perder meu emprego, e se eu perder meu emprego eu estou ferrado”. Ou seja, é preciso alguém dizer para ele que ele vai perder o emprego exatamente por não comprar. Na hora em que ele não compra, a indústria não produz, o comércio não vende e em algum lugar vai estourar. E vai estourar exatamente na produção industrial.

O cidadão que quer comprar uma casa, obviamente vai pensar: “bom, eu vou comprar uma casa e vou ficar desempregado”. Mas se ele não comprar a casa, a construção civil não produz, não tem trabalhador e, portanto, o comércio cai. Então este é o momento. Às vezes eu me sinto como se fosse o Dom Quixote, às vezes eu me sinto sozinho tentando pregar o otimismo de uma coisa muito prática, que é fazer a economia girar.

O sistema financeiro brasileiro não está comprometido com o *subprime*. Portanto, nós temos um sistema financeiro capaz de dar lição ao sistema financeiro, que durante tanto tempo deu palpite sobre nós. Nós temos um sistema financeiro até capaz de ensiná-los a cobrar juros mais caros. Nós temos. Nós temos uma economia crescendo depois de muitos e muitos anos em todos os setores da sociedade. O governo brasileiro tem previsto de investimento no PAC R\$ 504 bilhões e não vamos deixar de investir um único centavo. Um único centavo não será deixado de investir. Nós... o Sérgio assistiu a uma conversa minha com o Roger. Eu liguei para o Roger agora:





Roger, eu quero saber por que você mandou 1.200 trabalhadores embora. Qual é a crise? Ele falou: “Presidente, eu mandei embora, 400 estavam no Canadá. As pessoas foram dispensadas pela inovação tecnológica da empresa, a informática entrou duro e nós dispensamos muita gente que trabalhava no escritório. Mas uma coisa que a imprensa não diz é que este ano a Vale do Rio Doce contratou 6.200 funcionários”. Então, se a gente mostra apenas uma cor, a gente não permite que as pessoas vejam que o mundo também tem um colorido além daquela cor apresentada pelas pessoas.

Eu estou convencido de que não tem, dentro do G-20, nenhum país mais preparado do que o Brasil para enfrentar essa crise. Estou convencido de que essa crise, em vez de ser vendida como se fosse uma catástrofe, ela tem que ser vendida como se fosse uma oportunidade para este país sair dela mais preparado do que entrou.

Agora há pouco eu falei para o companheiro Roger: Roger, eu não te falei outro dia que você não pode continuar só vendendo minério de ferro, que era importante você colocar valor agregado nos produtos da Vale do Rio Doce? Porque você vende uma tonelada de bauxita por US\$ 30, uma tonelada de alumina por US\$ 500, e uma tonelada de alumínio por US\$ 3 mil. Está provado que é muito melhor a gente fazer o processo de transformação aqui dentro e, em vez de ficar vendendo minério, mais minério e mais minério para a China, para eles produzirem mais aço, mais aço e mais aço para venderem para nós, vamos nós produzir aqui dentro, vamos gerar os empregos necessários, vamos gerar o desenvolvimento tecnológico deste país. É quase uma coisa...

Então, deixe-me dizer para vocês uma coisa. Possivelmente, em outro momento um governo não viesse aqui anunciar um fundo setorial, em época de crise. Possivelmente não viesse, porque em época de crise sentam em cima do dinheiro e não gastam nada. Eu acho que em época de crise é que a gente tem que fazer os gastos necessários. O que nós precisamos, Sérgio, enquanto governador e presidente, é tomar a seguinte decisão: nós não vamos investir



nenhum centavo em custeio enquanto tiver dificuldade, mas vamos investir todos os centavos possíveis em coisas produtivas, em coisas que possam gerar empregos, em coisas que possam gerar distribuição de renda, salário e poder de compra para o povo brasileiro.

Por isso é que eu sou um cidadão otimista. Você me conhece há muito tempo, Serginho. Você sabe que eu adoro uma crise. Eu adoro ser provocado, porque eu acho que é nesse momento que você prova se pode crescer ou não pode crescer, se este país pode dar um salto de qualidade ou não pode dar um salto de qualidade.

Eu estava dizendo dos automóveis, Sérgio. Tem uma coisa que você já notou aqui no Rio de Janeiro? O cidadão de classe média, classe média baixa, para comprar um carro, quer vender o seu usado, que é comprado por uma pessoa um pouquinho mais pobre do que ele. Então, ele vende o carro usado dele e compra um carro novo. Se o mercado de carro usado pára, vai diminuir, obviamente, o de carro novo. O que aconteceu esses dias? Quando nós disponibilizamos dinheiro para as financiadoras das empresas automobilísticas venderem carros, o que aconteceu? Aumentou a entrada do carro de 20% para 30%, diminuiu o número de prestações de 60, 62 para 36, ou seja, em vez de você facilitar, você dificultou a compra do carro.

Essas coisas todas são problemas que nós vamos ter que tratar com muito carinho, porque precisamos resolver daqui para a frente, senão não vai sobrar dinheiro para as pessoas irem ao cinema, ao teatro ou a qualquer lugar.

Eu queria dizer isso para vocês porque eu acho que é importante que a gente não entre num clima de desespero, é importante que a gente saiba que este país é um país que está muito diferente, sobretudo a nossa geração, mais antiga, não mais velha, mas mais experiente. A nossa geração, que vem desde 1980 vendo este país andar para trás, vendo este país retroceder, vendo este país... Eu vou dar um dado. Vocês viram o discurso do Obama esses dias. O Obama disse: "Eu vou fazer de tudo para, até 2011, criar dois milhões e meio



de empregos”. Vocês viram isso? Vejam que interessante: aqui no Brasil, esse país pequeno, pobre, miserável, porque nós temos ainda uma parte da elite brasileira colonizada intelectualmente, este país... Quando o Obama propôs criar dois milhões de empregos, foi uma coisa fantástica, até 2011. Este ano, no Brasil, nós já criamos até agora 2 milhões e 149 mil empregos de carteira profissional assinada. E certamente que não mereceu 10% do destaque dos 2 milhões do Obama, até 2011.

Então, eu acho que é contra isso que nós precisamos trabalhar muito, para ir politizando a sociedade. Eu não sou daqueles que vou dar conselho: Mamberti, se você estiver endividado, Cacá, se você estiver endividado, não compre, pague a sua dívida antes, pelo amor de Deus. Mas se você quiser comprar um carro e não tem dívida, que compre. Qual é a lógica de parar de comprar? Por que tem crise?

E, depois, nós temos que trabalhar com a certeza do seguinte: o Obama sabe que ele tem que trabalhar logo para resolver a crise americana, porque se hoje a crise é do Bush – ele não tomou posse ainda – depois de oito meses a crise é dele, daqui a oito meses o povo já esqueceu que foi o Bush quem causou a crise, aí vai ser dele. Então, ele tem que tratar de resolver logo. Como o nosso companheiro Sarkozy tem que tratar de resolver logo, como todos os presidentes têm que tratar de resolver essa crise. Quem é que vai viver com crise a vida inteira?

E, depois, uma coisa importante que aconteceu, gente: eu acho que depois da queda do Muro de Berlim o mundo ficou um pouco mais “chocho”, porque o debate ficou mais “chocho”. Aqui, no Brasil, se criou até o pensamento único. Houve um tempo em que não tinha espaço para você nem ser ponderado, tinha que ser a favor.

Vocês estão lembrados da década de 90. Da metade da década de 80 até quase 2000 era um pensamento único, ou seja, era preciso vender todas as empresas do Estado, era preciso privatizar tudo, era preciso mandar muitos



funcionários embora, era preciso aumentar o tempo que o trabalhador tinha que trabalhar, porque ele se aposenta com pouco tempo, e por aí fora. Todo mundo viveu esse debate: o Estado não vale nada, o Estado só gasta.

Agora, vejam que interessante: os mais idosos, os mais experientes, quem têm filhos, aqui, devem estar vendo que o mercado, que era soberano, onipotente até outro dia, nada mais é do que um adolescente. Quem tem filho aqui sabe o seguinte: filhos de 16 a 21 anos, não precisam de pai e de mãe, eles são onipotentes, eles querem sair na hora que eles quiserem, não perguntam quanto a gente ganha e querem todo o dinheiro da gente, e por mais que a gente dê acham que é pouco, nós somos caretas, nós não somos modernos, nós não entendemos. No meu tempo, quando eu era adolescente, a gente tinha um quê de se vestir elegantemente, com calça. Hoje, a gente não sabe se é calça ou se é bermuda, o que é, porque é sempre no meio da “canela”, às vezes do joelho para baixo, e vão para baile assim, vão para tudo quanto é lugar, não tem mais aquela “chiqueza” que a nossa geração tinha. Não tem mais aquele charme. E o pior é que eles arrumam mais namoradas do que a gente arrumava na época.

Então, eu acho que o mercado virou um pouco adolescente, ou seja, o Estado não pode nada: você é careta, “coroca”, não conhece de nada, não é moderno, não gosta de funk, não gosta de rap, não gosta disso, música clássica é coisa atrasada, filme do Mazzaropi não dá nem para ver, e vai por aí fora.

Aí, quando tem uma crise... Filho, quando tem dor de barriga volta para casa, quando tem gripe volta para casa, quando não tem dinheiro volta para casa, aí o pai é “paizinho”, “mãezinha”. O que aconteceu com o famoso mercado onipotente? Quando o mercado teve a dor de barriga, que não foi uma dor de barrigazinha, foi uma diarreia daquelas, (inaudível), insuportável... Quando o mercado teve essa diarreia, quem é que eles chamaram para salvá-los? O Estado, que eles negaram durante 20 anos.



Por isso é que eu disse, no dia 26 de setembro, na abertura do Congresso das Nações Unidas, que era chegada a hora da política. Era chegada a hora de os chefes de Estado, eleitos democraticamente, fazer valer a razão pela qual eles tinham sido eleitos e tomar as decisões que tinham que tomar. O mercado financeiro precisa de controle e de regulação. Em um país como o Brasil, em que eles deram palpite a vida inteira, um banco de investimentos só pode alavancar até seis vezes e meia o patrimônio líquido dele. Nos Estados Unidos poderia alavancar até 35 vezes, ou seja, você empresta o que não tem, você empresta o que não pode, e um dia a casa cai.

A economia não pode ser feita de papéis. A economia tem que ser feita a provar que cada ponto de crescimento dela tenha o crescimento de um ponto de produto. Nós precisamos produzir uma caneta, um lápis, um alfinete, temos que produzir um filme, temos que produzir uma peça de teatro, temos que produzir qualquer coisa. Mas não pode, as pessoas ficarem bilionárias, sem produzir um alfinete. Eu conheço cidadãos, eu conheço pessoas aqui neste país e lá fora, que de repente são apresentados pela imprensa como um dos homens mais ricos do mundo. Aí você fala: qual é a fábrica dele? Qual é o banco dele? Não sabe. É troca de papel, vai trocando de papel, vai trocando e o resultado é nada, é uma economia virtual.

Então, o Estado agora tem que regular, e é por isso que eu acho que a reunião do G-20 foi extremamente importante, porque o Estado tem que voltar a exercer o papel... Não é o Estado gerenciador, é o Estado fiscalizador, é o Estado indutor, é o Estado que não permite que haja uma ciranda maluca.

Esse dinheiro que desapareceu, Sérgio, eu fico me perguntando: será que está todo nas Ilhas Cayman? É tanto dinheiro, que se estivesse lá, a ilha tinha afundado. Imaginem 600 trilhões. O pessoal fala tanto em trilhão que, sinceramente, na minha cabeça não cabe. Eu, talvez, não tenha todos os neurônios para compreender o que significam US\$ 600 trilhões. Se fossem reais, eu ainda saberia, mas dólares... É tanta coisa que eu não consigo saber.



O que eu queria, na verdade, é o seguinte. Posso dizer para vocês que nós vamos trabalhar com o esforço que for necessário para que o Brasil saia desse momento “por cima da carne seca”. Agora eu voltei a ser nordestino: “por cima da carne seca”.

Eu vejo algumas coisas acontecendo que me dão orgulho. Esta semana nós fizemos a primeira Olimpíada de Português. Nós já fizemos a de Matemática. A de Matemática, quando nós começamos, em 2004, só tinha 274 mil crianças inscritas das escolas privadas. Quando eu tentei falar que nós íamos fazer Olimpíada de Matemática da escola pública, eu fui chamado de tudo o que vocês imaginam que eu já fui chamado.

De vez em quando eu imagino as piadas que contam de mim no meio, e eu, como não sou preconceituoso, acho piada maravilhosa, até de mim. Acho maravilhoso, acho que o mundo ficou chato depois que se proibiu, e que estão exigindo piadas politicamente corretas. Piada só é boa quando é escrachada. De qualquer forma, como sou apenas um, eu me submeto aos politicamente corretos.

Mas aí, falaram de tudo de mim. Conclusão: neste ano, na Olimpíada de Matemática de um país que a escola pública não tinha interesse, se inscreveram 18 milhões e 300 mil crianças para participar da Olimpíada de Matemática. A dos Estados Unidos, que era a maior do mundo, era de 6 milhões. Portanto, nós já somos três vezes maiores do que os Estados Unidos, em questão de Olimpíada.

Nós estamos fazendo agora a de Português, depois eu quero fazer de Ciências, quero fazer de Física, quero fazer de Química. Por quê? Porque é preciso motivar essas crianças a entenderem um pouco mais, a gostarem mais da escola, a participarem, a disputarem entre si, para que a gente possa recuperar o tempo perdido neste país.

Quando nós criamos o ProUni, sabem qual era a crítica escrita a meu respeito? “OLula nivela o ensino por baixo”, porque o ProUni tinha como



objetivo levar jovens da periferia, das escolas públicas, para a universidade. Sabem quantas crianças já tem, da periferia, hoje? Quinhentas e 75 mil pessoas cursando universidade.

Hoje, lá no Complexo do Alemão – o Sérgio estava comigo – duas senhoras, não mocinhas, agradecendo porque elas se formaram este ano no ProUni. Essa é uma coisa... Quando nós, agora, resolvemos criar o Reuni... O Reuni é um programa em que nós estamos investindo um pouco mais na universidade federal, com a contrapartida das universidades terem um pouco de investimento e aumentar, de 12 alunos por professor, para 18 alunos por professor, como é em todos os países desenvolvidos do mundo.

Aqui no Brasil, a chamada... não sei se se pode chamar de esquerda, invadiu reitoria, quebrou reitoria em todo o Brasil, porque achou que nós iríamos colocar muito aluno por professor, 18. Ah, se eles conhecessem minha Garanhuns... Lá fica aluno na porta e na janela, para ver se consegue uma chance de aprender. Nós vamos colocar este ano, só para vocês terem idéia, vai começar as aulas no ano que vem, no vestibular nós já vamos ter o dobro de alunos entrando por ano, na universidade, do que nós tínhamos em 2003.

Eu fui, agora, no Complexo do Alemão anunciar o Pronasci, junto com o Sérgio. É um programa que envolve o governo federal, o governo estadual, prefeitura. Nós estamos levando 20 projetos para o Complexo do Alemão. Antigamente, para os artistas brasileiros, sobretudo os compositores, falar de favela era uma coisa poética, dava para fazer música, aquele barraco de dois andares era sinônimo de competência, de engenharia. Hoje não é mais assim, hoje a favela assusta muita gente, porque é “vendida” apenas como crime organizado, narcotráfico, bala perdida, bala encontrada.

E nós resolvemos fazer o quê? Junto com o governo do estado, vamos fazer um programa do Ministério da Justiça, entrar com 20 projetos dentro do Complexo do Alemão, dentro da Rocinha, dentro de Manguinhos, dentro da Favela de Santo Amaro em Pernambuco, na Bahia. Todas as regiões



metropolitanas (falha no áudio) brasileiro, onde tem mais violência, vão receber programas compartilhados entre o governo do estado, o governo municipal, o governo federal, levando Pontos de Cultura, levando quadras de esporte, organizando as mães, as chamadas “mães da paz”, para ajudar a tirar crianças que estão em áreas de risco; policial da própria comunidade para poder cuidar, com conversa e não com violência, apenas atirando, sem saber quem é; formação profissional, pontos de novos empreendedorismos para pequenos empreendedores.

Nós estamos agora – e eu disse hoje, lá – nós estamos tentando criar as condições para provar que a existência das favelas e a existência da violência na favela é resultado da mediocridade da classe política dos últimos 35 ou 40 anos neste país, porque não tem explicação.

Eu fui agora no Complexo do Alemão, e falei: Serginho, quantas pessoas moravam aqui há 30 anos?. Ele falou: “Presidente, eu passava aqui, porque a minha avó mora não sei para onde aí, eu passava aqui. Aqui, Presidente, tinha 20% ou 30% das pessoas que tem hoje”. Nós fomos na Rocinha, aí me falaram: “Isso aqui era uma fazenda há 40 anos”.

Na verdade, teve um momento na política brasileira em que as pessoas não se incomodavam de cuidar das pessoas mais pobres, ou seja, as pessoas iam sendo escoraçadas, colocou um metro de asfalto, o pobre tem que sair e ir para a beira de um córrego; colocou mais um metro de asfalto, o pobre tem que sair, tem que ir para a encosta de um morro, e ele vai saindo. Em vez do bairro ir melhorando e ele ficar, o bairro vai melhorando e ele vai sendo escoraçado. Então, isso é o que nós estamos mudando com o PAC, isso é que nós estamos mudando com o Pronasci.

Eu até gostaria, Sérgio, que um dia você convidasse um grupo dessas pessoas que estão aqui para ir com você lá, para ir visitar, para acreditar, para ver com os olhos e perceber o seguinte: se não dá mais para a gente fazer da favela a coisa romântica que fazíamos na década de 40, dá para a gente fazer





das favelas um lugar de respeito e dignidade ao povo pobre deste país, que é vítima dos últimos 30 anos de política econômica.

E é engraçado, porque quando a gente vê um jovem de 24 anos sendo preso, a gente fala: “Ele é bandido”. Agora, com quem fez este país ficar estagnado durante 25 anos não acontece nada, é a vítima dele que é presa e que virou bandido.

Essa coisa é que nós temos que mudar no País. Eu estou confiante que nós estamos no caminho certo. E estou confiante que esta crise é uma oportunidade para que o Brasil dê a volta por cima. E, como eu sou muito jovem, eu quero, daqui a um ano e meio, dois anos, voltar a ter um encontro com vocês, para a gente ver como é que o Brasil ficou. E, vocês querem saber? O Brasil vai ficar infinitamente melhor. Sobretudo vocês, que ganharam agora um Fundo Setorial.

A questão da meia passagem, a questão da meia entrada no cinema e no teatro, teve dois probleminhas, primeiro que o Ministério da Educação e a UNE fizeram um projeto, quando chegou na Casa Civil, a Casa Civil entendeu que era inconstitucional, ou seja, tem que refazer o projeto, porque se for inconstitucional a gente será derrotado na Suprema Corte.

Uma senadora apresentou um projeto no Senado. Já foi aprovado na Comissão, mas também tem problema de inconstitucionalidade. Então, nós agora vamos reconstruir esse projeto. Eu estava dizendo para o Juca que é importante ele chamar o Fernando Haddad, chamar alguns companheiros da área do cinema, da área do teatro, para que a gente possa construir juntos essa proposta, e ela não pode ser inconstitucional, ela tem que ser legal.

A Emenda 29, como disse o Juca aqui, está pronta, está acordada, está acertada, e nós queremos colocá-la em votação. Na semana que vem eu terei uma reunião com o deputado Jorge Bittar para que a gente decida colocá-la em votação, ela vai tramitar e os deputados vão entrar em férias, e também são



merecidas férias. Possivelmente, somente quando voltar a funcionar no ano que vem é que a gente vai votar definitivamente.

Meu querido companheiro Juca Ferreira, Ministro da Cultura, eu quero te dizer que aquele programa que você apresentou para mim – Mais Cultura – foi ali que o Juca me convenceu de que ele deveria ser o ministro no lugar do Gil. É verdade, ali você fez que nem o presidente da Ancine. Foi didático, preciso, convincente. Não pense que nós vamos arrumar todo o dinheiro que você quer, mas esteja certo de que você foi convincente. Você sabe que em política e (inaudível) tem que ter um pouco de convencimento. Eu acho que essa apresentação do Fundo Social (Setorial) do Audiovisual é mais um passo importante.

Nós ainda não resolvemos o problema da distribuição aqui no Brasil. Eu confesso a vocês, que quando a gente perde o sono, liga a televisão naquela TV por assinatura, a cabo, a gente vê tanto mequetrefe, a gente vê tanto filme vagabundo. Se o filme tiver um bom enredo, você pode até não gostar, mas o filme você respeita. Mas tem uns que não têm absolutamente nada. Eu acho que é uma daquelas coisas feitas lá em Hollywood, que o cara jogou no lixo e alguém passou, pegou e vendeu. E nós assistimos aqui.

Eu espero que a gente possa, daqui para a frente, com a aprovação do PL 29, a gente possa mudar. E sem querer tirar ninguém do nosso mercado, a gente criar humildemente as oportunidades para os nossos serem tratados, não melhores, serem tratados apenas iguais.

Gente, muito obrigado. Que Deus nos ajude a vencer neste país.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do programa Território de Paz no Complexo do Alemão e ato do Dia Nacional dos Homens pelo Fim da Violência contra a Mulher**

**Rio de Janeiro - RJ, 04 de dezembro de 2008**

Eu estava aqui em cima vendo o Governador preocupado que os companheiros que estavam distribuindo água entrassem aí no meio para distribuir água. Eu não sei se já entraram, mas se não entraram, é importante entrar porque nós estamos aqui confortáveis, na sombra, e vocês já estão aí há duas horas, tomando sol. Também é importante que os companheiros que estão servindo água, entrem aí no meio para servir as pessoas que estão com sede.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro, governador Sérgio Cabral,

Quero cumprimentar os ministros que vieram comigo nesta delegação: Tarso Genro, da Justiça; Márcio Fortes, das Cidades; Edson Santos, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres,

Quero cumprimentar o Luiz Fernando Pezão, vice-governador,

Quero cumprimentar a deputada federal Cida Diogo,

O companheiro Jorge Hereda, vice-presidente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar também os secretários estaduais que estão todos aqui,

Quero cumprimentar o povo do Rio de Janeiro e, sobretudo, o povo do Complexo do Alemão,



Todas as vezes que eu venho a uma atividade pública, sempre fico com a preocupação, se as pessoas estão entendendo o que nós estamos fazendo. A primeira coisa que eu queria pedir é a compreensão de vocês para este ato que estamos fazendo aqui no Complexo do Alemão. Este não é um ato de campanha política, este não é um ato pequeno. Este é um ato de um simbolismo extraordinário. Queria pedir aos companheiros da imprensa que procurassem compreender o que está sendo feito hoje, aqui no Complexo do Alemão.

Vou começar dizendo para vocês que só foi possível a gente estar aqui hoje anunciando um programa com 20 projetos para o Complexo do Alemão, graças à parceria que nós conseguimos montar com o governador Sérgio Cabral, porque houve tempo em que a gente não conseguia montar projetos aqui no Rio de Janeiro.

Quando nós anunciamos o PAC e pedimos ao Governador que nos apresentasse propostas de melhoramento da cidade do Rio de Janeiro naqueles locais que eram tidos como mais inacessíveis, nos locais mais delicados do Rio de Janeiro, e que a gente via na televisão a cada dia: Rocinha, Complexo do Alemão, Manguinhos, Pavão-Pavãozinho, Maré e tantas outras comunidades. Quem não mora no Rio de Janeiro só via essas comunidades, nos jornais ou na televisão, no noticiário policial. A impressão que se tinha é de que não tinha uma fruta boa nesse pé de laranja, de que o pé estava todo podre. Na verdade, em um pé de laranja que tem mais de 200 laranjas, às vezes tem uma podre, e nós precisamos tirá-la sem machucar as outras 199 que estão boas e que vão amadurecer e servir para muita coisa neste país.

Graças à compreensão do companheiro Sérgio Cabral e do seu governo, graças à compreensão do meu governo e dos meus ministros, nós estamos começando a fazer no Rio de Janeiro uma coisa que, se der certo como eu penso que vai dar, nós estaremos fazendo uma revolução para



resolver, definitivamente, o problema da segurança pública no Rio de Janeiro, em São Paulo, na Bahia, em Minas Gerais e em todos os lugares.

O Pronasci, na verdade, deveria se chamar não apenas programa de Segurança Pública, porque ele é infinitamente maior do que isso. A polícia estará aqui, porque é necessário ter a polícia mesmo que a gente estivesse em paz. É preciso que tenha policiais para evitar eventuais problemas que tem em toda e qualquer comunidade do mundo. Mas a polícia que vai atuar aqui vai ser uma polícia mais companheira das pessoas que trabalham aqui. Nós não queremos mais aquela polícia que aparece de quando em quando, sem saber tratar quem é bom e quem não é bom, tratando todo mundo como se fosse inimigo.

É importante lembrar também que a polícia é composta por seres humanos que têm pais, que têm filhos e que também como nós, têm medo, têm medo da violência. Eles querem ser preservados também, eles querem viver, eles ganham pouco. Então, é preciso estabelecer, não uma ação violenta, mas uma ação harmônica entre a sociedade e a polícia, a polícia e a sociedade. Nem vocês podem ver a polícia como inimiga e nem a polícia pode ver vocês como bandidos. Não é possível.

Mais importante ainda é que aqui vai ter 20 projetos, desde aquele complexo que eu tentei mostrar... queria sugerir ao companheiro ministro Tarso, que em outras apresentações do Pronasci, a gente pudesse mostrar os projetos das coisas que a gente vai fazer, bem grande, para que as pessoas saíssem daqui sabendo, concretamente, o tamanho e a quantidade de coisas que a gente vai fazer aqui.

Aqui do lado tem oito barracas distribuindo um monte de material. É importante que vocês peguem, levem para casa e leiam, porque este Programa vai ter mulheres daqui trabalhando nele, vai ter jovens daqui trabalhando nele, vai ter policiais daqui trabalhando de forma comunitária, vai ter Ponto de Cultura, vai ter formação profissional. Este é um programa completo de



cidadania, não é apenas para combater a violência. É para trazer para cá a cidadania, a dignidade, o respeito e a esperança de vocês poderem viver um pouco melhor.

Na verdade, o que nós estamos fazendo aqui hoje... Eu perguntava para o Sérgio quantas pessoas moravam aqui há 30, 20 anos. Ele falou: “Presidente, morava pouca gente”. A avó dele mora aqui e ele tinha que passar por aqui, era caminho. Ele falou: “Presidente, de 24 anos para cá, mais ou menos, isso aqui tinha 30 pessoas, hoje tem 100”. Significa que 24 anos atrás tinha 30% apenas das pessoas que tem hoje.

É importante a gente ter o entendimento político de por que o Brasil empobreceu tanto, e por que cresceu muito o número de pessoas que moram em situações degradantes neste país. Dá a impressão que Deus não gosta dos pobres. Por que nós temos que morar em lugares cada vez piores? Por que o pobre tem que ir para a encosta dos morros? Por que o pobre tem que ir para a beira dos córregos? Por que na região dos pobres não tem esgoto? Isso não é obra de Deus. Isso, companheiro Sérgio Cabral, é o descaso que os governantes dos últimos 30 anos tiveram com o povo pobre deste país. É o descaso de um país que ficou 20 anos sem crescer, sem gerar emprego, sem distribuir renda. Então, nós temos uma geração que hoje é vítima do descaso dos últimos 30 anos neste país.

O que nós estamos fazendo é tentar resolver o estoque que recebemos neste país. Quando a gente vê na televisão um jovem de 25 anos sendo preso, esse jovem é vítima das políticas econômicas, das políticas sociais e das políticas educacionais que não existiram neste país. Portanto, o Estado tem culpa desse jovem ter virado bandido, o Estado tem culpa desse jovem ter virado *persona non grata* na sociedade. O Estado não deu a ele, quando ele precisava, oportunidade. O ser humano não vive sem esperança, o ser humano precisa de esperança. Ele tem que acreditar no dia seguinte, ele tem que imaginar que amanhã vai ser melhor do que hoje, e é isso o que nós estamos



fazendo aqui.

Eu quero pedir para vocês, falei com o Tarso Genro... este Programa tem que ser fiscalizado a cada três, quatro meses. Que a imprensa nos ajude a fiscalizar, que o Ministério Público nos ajude a fiscalizar, porque isso aqui é a grande oportunidade de a gente estar dizendo: o problema da violência não é só um problema de polícia. É um problema da presença do Estado, com educação, com emprego, com formação profissional, com cultura, com lazer, e é isso o que nós estamos fazendo aqui. Tão importante quanto aquele teleférico que vai ter aqui é a presença do prefeito e das políticas da Prefeitura, é a presença do governador e das políticas do estado, é a presença do presidente da República e das políticas do governo federal, porque aí a gente vai cuidar daquilo que está bem, melhorar aquilo que não está bem, vai prender aquela laranja podre que não quer se recuperar. Mas vamos prendê-la para fazer com que a nossa fruticultura possa produzir frutos cada vez mais extraordinários.

Portanto, eu queria dizer para cada mulher, mães do Mulheres da Paz, queria dizer para cada jovem, que prestem atenção, porque vocês vão passar para a história como pessoas que ensinaram o Poder Público, que ensinaram o prefeito, o governador, o presidente da República, o delegado de polícia, que quem sabe cuidar corretamente do chão em que vocês moram são vocês. Nós apenas precisamos criar as condições para que vocês possam ser a luz que este país precisa para melhorar a vida do povo pobre deste país.

Muito obrigado a vocês. Obrigado, Governador. Eu vou voltar aqui ainda. Eu quero ver o trabalho das Mães (Mulheres) da Paz, porque quem pode consertar este país são vocês. Nós seremos apenas agentes para fazer aquilo que for melhor, no entendimento do povo.

Um grande beijo, gente, e muito obrigado pelo carinho.

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração do Centro de Cardiologia do Hospital Sírio-  
Libanês**

**São Paulo-SP, 05 de dezembro de 2008**

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República e  
paciente do Sírio-Libanês,

Meu caro amigo José Serra, governador do Estado de São Paulo,

Minha companheira Marisa,

Deputado Arlindo Chinaglia,

Ministros aqui presentes: Dilma Rousseff, Temporão e Miguel Jorge,

Senadores Romeu Tuma e José Agripino Maia,

Deputado Paulo Maluf,

Prefeito Gilberto Kassab,

Senhora Ivete Rizkallah, presidente da Sociedade Beneficente de  
Senhoras do Hospital Sírio-Libanês,

Senhora Violeta Jafet, presidente honorária da Sociedade Beneficente  
de Senhoras do Hospital Sírio-Libanês,

Meu caro companheiro doutor Kalil – quem diria, nem bem cresceu  
ainda, já virou diretor-geral, talvez de um dos centros mais modernos de  
cardiologia do Brasil.

Eu acredito que todas as pessoas que foram convidadas aqui, sobretudo  
os políticos, já passaram por aqui como pacientes. E penso que todo mundo  
sabe, porque aprendeu aqui, que o tratamento diferenciado que os políticos  
têm aqui poderia ser estendido à grande parte do povo brasileiro, que não tem  
o privilégio de ser autoridade ou de ser pessoa de uma camada mais alta da  
sociedade. Ainda não conseguimos atingir esse padrão para o Brasil inteiro.



Eu me lembro de que em 1987 eu tive um problema lá em Brasília – eu era deputado – e foi a primeira briga minha com os médicos de Brasília, porque um médico que era deputado e que foi governador do Espírito Santo fez um exame para saber o que eu tinha, em cima da mesa da Liderança do PT, e ligou para um médico aqui, importante, e disse o seguinte: “Olha, eu estou mandando o Lula para aí, porque ele está com apendicite e eu acho que vai... ou já está supurada ou vai supurar”. E não sei porque me disseram que eu tinha que dizer que o melhor hospital lá de Brasília era pegar a ponte aérea e vir para São Paulo. Eu disse isso, e arrumei uma briga homérica com os meus companheiros médicos de Brasília. Talvez quem pediu para eu dizer quisesse que tivesse essa briga mesmo e desde então eu tenho, sempre que possível, sempre contra a minha vontade, passado aqui no Sírio-Libanês.

Tenho, e acho que todos nós temos muitos amigos aqui, e eu fiquei pensando naquilo que disse o ministro Temporão, naquilo que disse o doutor Roberto Kalil: que bom seria se nós pudéssemos acreditar, meu caro Temporão, que seria possível que nós tivéssemos alguns centros, ou alguns Hospitais Sírio-Libaneses espalhados pelo Brasil afora.

Se nós pudéssemos ter o dinheiro necessário para que a Saúde tivesse o tratamento necessário... Porque, lamentavelmente, quando se fala em colocar dinheiro na Saúde, normalmente se utiliza a palavra “gastar na Saúde” quando, na verdade, não existe investimento mais extraordinário do que salvar vidas. E essas vidas, bem tratadas, serão vantagens comparativas para o sistema produtivo de um país como o Brasil.

Só para vocês terem idéia, 17 estados brasileiros não repassam para a Saúde a quantidade de dinheiro necessário que têm que passar. Teriam que passar por volta de 12,5%, alguns estados passam 6%, e aí colocam quadra de basquete, colocam qualquer coisa, como se estivessem passando para a Saúde, eu diria quase que num total desprezo pela necessidade de salvar vidas que nós temos, de tantas pessoas que morrem às vezes por falta de um



mínimo de cuidado ou de um mínimo de atenção.

Então, ter aqui em São Paulo um hospital da qualidade do Sírio-Libanês, e inaugurar um centro de cardiologia que talvez seja o mais moderno do Brasil, é de pensar, meu caro Ministro da Saúde, meus companheiros, quantos hospitais destes precisam ser construídos em outros estados brasileiros para que a gente possa, definitivamente, servir também de espelho para o mundo no tratamento da saúde do nosso povo. Ainda estamos distante, porque ainda tem muita gente que acha que pobre não precisa de cuidado.

Tem muita gente que não sabe o que nós tentamos fazer com o SUS quando o aprovamos na Constituição de 1988, talvez esse Sistema que seja um dos melhores, talvez aquele que mais atenda aos pobres deste país, mas ainda sem os recursos necessários para dar o atendimento que nós gostaríamos de dar.

O Kassab é prefeito de uma cidade importante, sabe que já fez muito pela Saúde e sabe o quanto é preciso fazer para atender cada vez mais um número de contingentes, um contingente enorme de gente que vai crescendo na periferia. E ele sabe que cada vez mais ele é obrigado a colocar mais dinheiro, e cada vez mais o dinheiro é mais curto para atender à demanda da sociedade.

Eu faço parte daquele setor da sociedade que pode freqüentar este Centro de Cardiologia. Certamente por não ser palmeirense, vou sofrer um pouco menos e virei aqui um pouco menos. Você poderia fazer uma estatística para saber se é são paulino, corinthiano, palmeirense ou santista quem mais se interna aqui.

Mas eu queria falar um pouco do Kalil. Eu não sei como é que foi a votação para a escolha do Kalil. Não sei se foi voto secreto, não sei se foi por painel como no Congresso Nacional, não sei se foi eleição indireta, não sei se teve colégio eleitoral, mas eu queria dizer que, qualquer que tenha sido a forma para a escolha do Kalil, eu acho que a eleição e o resultado são extremamente



respeitáveis, porque eu conheço muita gente neste hospital, conheço muita gente no Incor, conheço muita gente importante na área da Saúde, muitos amigos... agora, eu penso que o Kalil é uma figura diferenciada.

Eu penso que o Kalil, dentre todos, é um menino que cresceu, cresceu briguento, ranheta, teimoso. É a única pessoa que consegue ser agressiva, rindo. Mas, ao mesmo tempo, eu acho que tem poucas pessoas – sem nenhum desprezo a nenhum outro companheiro – que têm a dedicação com seus pacientes que tem o companheiro Kalil. Poucas vezes... Não comigo, porque eu preciso pouco dele e Deus queira que eu só precise da nossa amizade. Mas pessoas humildes que chegam aqui, pessoas... deputados, senadores, ministros, e esse Kalil, 24 horas por dia, fica no pé dessa gente.

A cada hora que a gente liga, ele está aqui cuidando de alguém, vendo os pacientes dele. Várias vezes eu já convidei o Kalil para passear, para ir a Brasília para ficar um final de semana. “Não posso, Presidente, porque eu tenho paciente, não posso, Presidente, porque ele está mal”. É um cuidado quase de pai para filho, além da qualidade profissional do Kalil. Por isso eu acho que o Kalil ser escolhido como primeiro diretor deste Centro é a demonstração de que o Sírio-Libanês prima, não apenas pela excelência de seus equipamentos, pela excelência da formação das pessoas aqui, mas na hora de escolher, escolhe um companheiro que dentre todos... Certamente tem muitos iguais a ele, mas com o jeito do Kalil, somente o Kalil.

Por isso, querido companheiro, eu acho que você merece chegar onde chegou. Você é muito jovem, você é muito menino ainda. Parece um pouco mais velho, mas ainda é muito menino. Todo mundo que conversa comigo pergunta: “o Kalil está em fase de crescimento?” Eu falo: Está. Ele vai crescer um pouco mais. Mas eu acho que você não vai crescer de tamanho, você vai crescer profissionalmente, dirigindo este Centro de Cardiologia. E certamente, Kalil, o Brasil ainda vai ouvir falar muito de você. Durante quantos anos nós passamos ouvindo falar de um cidadão chamado doutor Adib Jatene... O



Jatene chegou, é daquelas pessoas que se alguém morresse nos braços dele, ele podia até estar errado, mas ninguém duvidava da capacidade do doutor Adib Jatene. E dizem que produziu um filho que consegue ser melhor do que ele.

Então eu acho, Kalil, que você vai fazer história pela capacidade de dirigir este Centro, pela capacidade no aprimoramento das pessoas que virão trabalhar neste Centro mas, sobretudo, pela quantidade de vidas que certamente vocês irão salvar neste novo Centro de Cardiologia do Sírio-Libanês.

Parabéns, dona Violeta. Parabéns, companheiros do Sírio-Libanês, da família Sírio-Libanês, e parabéns, doutor Kalil, por galgar esse importante cargo na área da Saúde do Brasil.

Um abraço.

(\$211A)



**Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, enviada à 33ª Reunião de Chefes de Estado e de Governo do Sistema de Integração Centro-Americana**

Tenho a satisfação de dirigir-me a Vossas Excelências com o Brasil já na capacidade de observador junto ao Sistema de Integração Centro-Americana. Agradecemos profundamente a acolhida que recebemos do SICA. Foi uma clara demonstração de que, quando há vontade política, a integração supera a retórica e se realiza na prática.

Precisamos de vontade política em um momento tão importante da conjuntura internacional, com uma crise financeira de dimensão, alcance e conseqüências imprevisíveis. Uma crise que se originou longe de nossos países. Devemos estar atentos e preparados para suas implicações, sobretudo em relação às conquistas sociais que alcançamos.

Em momentos como o atual, fica para mim ainda mais evidente a necessidade de nos integrarmos. Se estivermos juntos, teremos melhores condições para combater os efeitos da crise. A diversificação de nosso comércio e de nossos investimentos aumenta nossa capacidade para superar os choques externos.

Brasil tomou a decisão de aderir ao Banco Centro-Americano de Integração Econômica. Essa iniciativa contribuirá para dotar de fontes de financiamento os projetos comuns de desenvolvimento econômico e social de nossos países.

O Brasil está disposto a aumentar suas importações originadas de países do SICA e a ampliar seus investimentos na região. Para tanto, noto com satisfação o processo de fortalecimento das relações políticas, econômicas e de cooperação entre o MERCOSUL e o SICA. O Brasil deseja estreitar os laços entre nossas economias de modo a criar um mercado ampliado de bens e



serviços que possibilite a diversificação de oportunidades e parcerias. O MERCOSUL está pronto para concluir Acordo de Associação com o SICA e acordo de livre comércio com o bloco.

Senhores Presidentes,

O Brasil procurou manifestar de forma concreta sua solidariedade aos países centro-americanos e caribenhos vitimados pelas recentes catástrofes naturais. Os primeiros carregamentos brasileiros de arroz, leite em pó e sementes devem chegar a quatro países da região no início do próximo ano.

O Brasil, do mesmo modo, acredita que a cooperação solidária é fundamental para o acesso a técnicas novas e experiências fecundas que contribuam para a aceleração do desenvolvimento. Nosso programa de cooperação técnica com os países do SICA tem-se expandido consistentemente. Espero poder anunciar, em breve, a instalação de um escritório da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA - na região, para melhor podermos compartilhar os avanços e tecnologias que o Brasil tem obtido naquele campo.

Meus caros amigos,

A Cúpula da América Latina e do Caribe, no Brasil, nos dias 16 e 17 de dezembro, será a primeira ocasião para nos reunirmos em torno de uma agenda comum, ditada por nossos interesses específicos, e sob uma perspectiva latino-americana e caribenha. Estou seguro de que nosso encontro na Bahia confirmará que nossos interesses superam, por larga margem, nossas diferenças e que juntos seremos mais fortes para promover uma agenda de paz, democracia e prosperidade com justiça social. Sejam todos, desde já, muito bem-vindos ao Brasil.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
almoço de confraternização com oficiais-generais das Forças Armadas**

**Brasília-DF, 08 de dezembro de 2008**

Meu caro Nelson Jobim, ministro da Defesa,

Meu caro Jorge Armando Félix, ministro-chefe do Gabinete de  
Segurança Institucional,

Almirante Júlio Soares de Moura Neto, comandante da Marinha,

General Enzo Martins Peri, comandante do Exército,

Brigadeiro Junito Saito, comandante da Aeronáutica,

Senhores oficiais-generais,

Amigos e amigas presentes neste sexto almoço, no meu mandato, com  
os oficiais-generais do nosso país,

O ministro Nelson Jobim falou do projeto estratégico em que está  
trabalhando e que no próximo dia 11 vamos apresentá-lo ao Conselho Nacional  
de Defesa para, a partir de então, fazer com que a sociedade brasileira debata,  
com muita força, o que nós queremos para o nosso país em nível de defesa.

O Plano norteará a reestruturação e o reequipamento das Forças  
Armadas e ele deve muito ao empenho pessoal do ministro Jobim, ao apoio do  
ministro Mangabeira Unger e, por que não dizer, aos três comandantes, da  
Marinha, do Exército e da Aeronáutica.

Vocês sabem que isso só foi possível ser feito agora porque, primeiro,  
era necessário criar as condições para que o Brasil desse um salto de  
qualidade. Eu tenho certeza de que vocês, como eu, aprenderam desde  
pequenos que em casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem  
razão. Os tempos difíceis que nós passamos em 2003, 2004 e 2005, onde os  
recursos da União funcionavam como se fossem um cobertor curto – quando a





gente cobria a cabeça, os pés ficavam descobertos, e quando cobríamos os pés, a cabeça ficava descoberta – esse período passou. O Brasil se transformou numa nação economicamente mais justa, o Brasil se transformou, politicamente, num país mais respeitado. A nossa economia cresce, a distribuição de renda acontece, e isso nos permitiu poder, no dia de hoje, dizer para os senhores que nós estamos, mais seriamente do que nunca, pensando na reestruturação daquilo que é a garantia do nosso país, que são as Forças Armadas.

Teve um tempo em que eu falava na reconstrução das indústrias bélicas brasileiras, e hoje nós falamos na indústria de defesa, uma indústria de defesa que me deixou muito orgulhoso quando o ministro Jobim apresentou o nosso projeto. Esse projeto vai permitir que o conjunto do governo veja as Forças Armadas não apenas como uma coisa de responsabilidade do Ministro da Defesa ou do Presidente da República, mas que veja as Forças Armadas como uma peça extremamente importante para que o Brasil continue sendo um exemplo de paz, um exemplo de concórdia e um exemplo de País em desenvolvimento aqui na nossa querida América do Sul.

Vocês acompanharam, certamente, pela imprensa ou pelas falas dos seus comandantes, que nós estamos vivendo um momento extremamente especial na América do Sul. Conseguimos unanimidade para construir um Conselho de Defesa na América do Sul, estamos trabalhando seriamente para criarmos uma unidade na América do Sul através da Unasul, e estamos trabalhando como nunca trabalhamos para que o Brasil jogue o seu papel como maior economia, como maior nação da América do Sul na política de solidariedade para ajudar os países vizinhos a se desenvolverem.

Hoje, quando nós olhamos o mundo, percebemos que nessa crise econômica que estamos vivendo – e não é o Presidente da República que está dizendo, são todos os analistas que pensam e analisam a crise – é de que o Brasil é hoje um dos países mais preparados para enfrentar a crise econômica,



que não nasceu, desta vez, em nenhum país periférico, nasceu exatamente no coração do mundo desenvolvido, a começar pelos Estados Unidos da América do Norte, depois a Europa, depois o Japão. Vocês estão acompanhando o noticiário e estão notando que o governo tem feito todo o esforço, tomado todas as medidas para que a gente evite que essa crise chegue aqui do tamanho que ela já está nos Estados Unidos, na Europa e no Japão. É exatamente nesse momento de crise que nós temos que ter inteligência, maturidade e paciência, para não tomarmos nenhuma medida precipitada e tomarmos a medida para que a economia brasileira continue a crescer e que a gente não sofra a recessão que já está acontecendo na Europa e nos Estados Unidos.

Os senhores se lembram daquela famosa crise dos anos 90 que envolveu, primeiro a crise russa, depois a crise asiática, depois a crise mexicana, toda aquela crise envolveu um montante de US\$ 200 bilhões. Essa crise de hoje já ultrapassou os US\$ 4 trilhões e ainda não sabemos o tamanho que essa crise vai ter nos países em desenvolvimento.

No caso do Brasil eu tenho mostrado, com a maior sinceridade, as coisas em que eu acredito. Quando eu digo que a situação do Brasil é melhor é porque, primeiro, o Brasil teve a sabedoria de diversificar as suas relações comerciais. O Brasil sempre teve na sua balança comercial uma participação muito grande dos Estados Unidos, uma participação muito grande da Europa e uma participação muito pequena de outros países. Hoje nós temos 14% da nossa balança comercial com os Estados Unidos – já foi de quase 30% – hoje nós temos com a Europa aproximadamente 16% - também já foi de quase 30%. Não é que diminuiu, veio crescendo 20% ao ano, é que o Brasil cresceu muito com a América do Sul, o Brasil cresceu muito com a Ásia, o Brasil cresceu muito com o Oriente Médio. Isso permitiu que o Brasil tivesse uma certa tranquilidade, maior do que muitos países que dependem quase exclusivamente de um ou de outro país.



Uma outra coisa que nos dá garantia é saber que em alguns países importantes, como a China, o PIB deles depende 40% da sua balança comercial, ou seja, as exportações significam 40% do PIB chinês. No caso do Brasil, as exportações representam 13% do PIB. Então, as condições estão muito, mas muito bem orientadas para que o Brasil não sofra a crise no mesmo volume que alguns países estão sofrendo.

Vocês viram, recentemente, o presidente eleito Obama dizer que vai fazer um programa para que até 2011 ele possa gerar 2,5 milhões de empregos. Este ano, no Brasil, até novembro nós criamos 2 milhões e 149 mil empregos com carteira profissional assinada. Isso é um feito inusitado para ao Brasil, que passou praticamente 20 anos vendo a sua economia definhando. E junto com o definhamento da economia, definhava nossa indústria, definhava o poder aquisitivo da sociedade e, por que não dizer, definhava o poder de recuperação e de reequipamento das nossas Forças Armadas.

Pois bem, nós temos 2009 um ano extremamente importante, e que iremos tomar todas as medidas em função de termos um mercado interno altamente novo, uma sociedade que não tinha poder de compra e que agora começa a ter poder de compra. Nós estamos trabalhando muito para fortalecer o nosso mercado interno. Tomamos algumas decisões importantes: primeiro, permitir que a indústria automobilística continue produzindo e vendendo, na medida em que a indústria automobilística representa 24% do PIB industrial; permitir que a construção civil continue construindo, na medida em que ela gera muitos empregos no Brasil e permitindo capital de giro para as pequenas e médias empresas brasileiras, porque elas são responsáveis por 60% dos empregos.

Mas um fato novo aconteceu: o dinheiro sumiu. Não existe dinheiro para crédito. E, também, um outro fato novo é que se criou um pânico na sociedade. Eu dizia ao Saito, na hora que vinha entrando aqui: tem uma crise verdadeira, uma crise que atingiu profundamente os países ricos e que, portanto, vai mexer



com os países que exportam muito para eles, mas tem também uma crise, um pouco de pânico, ou seja, aquela crise da pessoa que mesmo tendo recursos não quer comprar porque ouviu dizer que tem uma crise. E eu dizia para o Saito: É como se a gente fosse pegar um avião e ouvíssemos dois pilotos comentando “olha, esse avião está com o motor enguiçado, é bom não subir”, ou seja, certamente nós iríamos devolver o boleto e não iríamos subir no avião.

Ora, ninguém está dando conselho para quem tem dívida fazer mais dívida. Quem tem dívida, paga a que tem e vamos tentar zerar para fazer outra. O que nós estamos querendo dizer é que o Brasil tem um potencial de crescimento que outros países não têm. E, por isso, além das decisões de atacar os setores econômicos mais vulneráveis, nós não iremos deixar parar uma obra da Petrobras. Todos vocês sabem que a Petrobras tem que fazer investimentos, até 2012, de 112 bilhões de dólares. O que ela vai ter que comprar de sondas, de plataformas, de navios, é uma coisa extraordinária e que nós não vamos parar nenhuma obra da Petrobras.

Podem estar certos que também não pararemos nenhuma obra do PAC. Pode ficar tranqüilo, General Enzo, que o Exército vai continuar fazendo as nossas rodovias, as nossas pontes, porque nós não temos nenhum interesse de parar nenhuma, e não vamos parar.

Porque desta vez essa crise pegou o Brasil mais preparado. Nós temos reserva de US\$ 207 bilhões, coisa que nunca tivemos; nós temos quase 290 bilhões de compulsório, já colocamos mais de 100 no mercado, para irrigar o crédito, e vamos tomar outras medidas, se for necessário, para colocar mais dinheiro. Porque nós aprendemos, depois de vinte e poucos anos sem a economia crescer, aprendemos o gosto do crescimento, aprendemos o gosto da geração de empregos. Foram quase 11 milhões de empregos nesses seis anos de governo.

Fomos a Pernambuco, são 12 estados que já completaram o Programa Luz para Todos, ou seja, nós poderemos ser a geração a passar para a história



como a geração que apagou os candeeiros neste país. Ainda tem muita coisa para fazer, nós temos o dinheiro e programa para fazer.

Portanto, esta é uma festa de Natal, eu diria, talvez de todas que eu participei com os senhores, melhor, porque a economia está crescendo, tem uma crise que se apresenta pela frente, que nós saberemos cuidar dessa crise para não causar os prejuízos que alguns torcem para causar no País, e que nós vamos trabalhar para não acontecer. Nós vamos fortalecer o mercado interno, vamos fazer com que a indústria nacional seja fortalecida.

Quando eu fui no ITA, que eu vi que o ITA produziu a sua primeira turbina, e o Brasil passa a ser o 5º país do mundo a produzir uma turbina, daqui a pouco nós vamos estar atendendo a Petrobras que, só para atender o pré-sal, vai precisar de 100 turbinas, certamente maiores e mais modernas do que a nossa, porque precisa produzir 25 megawatts cada uma, a nossa está produzindo 1 megawatt, mas quem faz de um faz de 25 também, Saito, é só colocar mais ferro e mais engenheiros para trabalhar que nós chegaremos lá.

E eu acho que esse é um momento de muita reflexão. É importante que vocês acompanhem as coisas que vão acontecer no Brasil, porque eu estou convencido que desta vez o Brasil sairá dessa crise mais fortalecido.

Eu tenho dito para todo mundo que essa crise para nós é uma oportunidade, é uma oportunidade de fazermos aquilo que o Brasil deixou de fazer durante muito tempo. Nós vamos combinar a seriedade fiscal com a responsabilidade de gerenciar o desenvolvimento deste país. Vamos fazer com que as indústrias que produzam e que geram empregos tenham o crédito necessário para que a gente possa vencer essa batalha. E eu estou convencido que a partir de 2010 esta crise já será coisa do passado aqui e em outros países. Até porque nenhum presidente vai agüentar mais de um ano com uma crise nas costas, gerando desemprego, como está nos Estados Unidos, gerando abandono de residência, como está nos Estados Unidos.

Eu tive, agora há pouco, uma reunião com os bancos brasileiros – Banco



do Brasil, Caixa Econômica Federal –, com o Ministro da Fazenda, o financiamento nos nossos bancos continua batendo recorde todo mês. Certamente, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica irão fazer apresentações, mas nós precisamos fazer muito mais, porque tem uma parte da sociedade que está assustada e não quer comprar sequer as coisas elementares, que em qualquer outro momento a gente compraria, sobretudo em se tratando de bens duráveis. Portanto, eu quero que vocês acompanhem com carinho, não apenas a crise, mas acompanhem também as medidas que o governo brasileiro tem tomado para debelar essa crise.

Quero dizer para vocês que eu sou muito grato ao comportamento de vocês, à demonstração de solidariedade no apoio humanitário, logístico e de pessoal à Defesa Civil do estado de Santa Catarina, nessa recente catástrofe que houve naquele estado. Posso dizer para vocês, como presidente da República, mas poderia dizer como simples brasileiro, que as Forças Armadas brasileiras viraram motivo de orgulho pela atuação brilhante e extraordinária que tiveram, salvando vidas, levando ajuda, levando comida, levando roupa, levando remédio, e é uma mobilização que envolveu Aeronáutica, Marinha e Exército.

Outras ações que merecem ser lembradas aqui neste almoço de confraternização. Não é só na enchente que as Forças Armadas sabem trabalhar, Jobim. Na seca do Nordeste, a Operação Pipa, desenvolvida pelo Exército nas regiões atingidas pela seca, tem dado uma contribuição extraordinária àquelas pessoas que estão com falta d'água. Se Deus quiser, quando terminar o canal da transposição, nós iremos ter esse problema resolvido.

Apoio às operações de combate à dengue em diversos estados da Federação. Apoio com médicos e hospitais ao governo de Pernambuco durante aquela greve do setor da saúde. Apoio logístico e de reforço à segurança, prestado ao TSE nas eleições municipais. Apoio humanitário prestado ao



governo da Bolívia nas últimas enchentes que assolaram as regiões do país. Ali, meu caro Saito, o presidente Evo Morales me ligou, na época em que as Forças Armadas estavam lá, para agradecer às Forças Armadas brasileiras, porque ele dizia que se não fossem as Forças Armadas brasileiras, certamente muita gente teria morrido naquela enchente da Bolívia.

Transporte de alimentos e remédios pela Marinha e Aeronáutica para o Haiti, Jamaica e Cuba após os furacões. Ajuda permanente do nosso querido recuperado Correio Aéreo Nacional na região Amazônica, levando desenvolvimento, solidariedade e cidadania às comunidades isoladas. Presença humanitária dos navios-hospitais da Marinha, conhecidos como navios da esperança, ao longo dos rios da Amazônia.

Participação da engenharia do Exército nas obras do PAC, tais como rodovias, ferrovias, aeroportos, portos, canais, pontes e viadutos. Aí é um orgulho. Quando terminar a rodovia que o Exército está construindo, eu tenho certeza, Enzo, de que o povo que passar naquela ponte, vai falar: “A estrada feita pelo Exército, certamente, é melhor do que as outras estradas”, porque é um trabalho extraordinário. Acho que o Enzo deveria convocar todos os oficiais para conhecer, porque quando nós chegamos ao governo, em 2003, o Exército não tinha sequer uma máquina para prestar um trabalho desses, porque estava tudo sucateado. Hoje o Exército se reequipou, o nosso Batalhão de Engenharia tem prestado um trabalho extraordinário, e eu penso que é assim que a gente vai criando uma irmandade entre Forças Armadas e sociedade, e sociedade e Forças Armadas.

Feliz Natal e bom Ano Novo para todos vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Ferrovia Norte-Sul (trecho Araguaína-Colinas/TO) e do Pátio Multimodal de Colinas do Tocantins**

**Colinas-TO, 09 de dezembro de 2008**

Meu caro companheiro e amigo José Sarney, ex-presidente da República e senador da República,

Meu caro Marcelo Miranda, governador do estado do Tocantins,

Minha companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu companheiro Alfredo Nascimento, ministro dos Transportes,

Meu companheiro Franklin Martins, ministro da Comunicação Social,

Meu caro amigo e companheiro João Ribeiro, senador da República, e Leomar Quintanilha, dois senadores que têm apoiado o governo em todos os momentos, e nos mais difíceis que temos passado em Brasília,

Deputado Carlos Henrique Gaguim, presidente da Assembléia Legislativa do Tocantins. Eu quero que você agradeça aos deputados estaduais do estado do Tocantins pela honra de ter me dado o título de cidadão tocantinense,

Senhores prefeitos Derval Batista de Paiva, de Palmas; Cláudio Henrique Almeida de Brito, de Palmeirante; e Maria Helena das Dores, de Colinas,

Meu caro companheiro Juquinha, presidente da Valec,

Meu caro companheiro Roger Agnelli, presidente da Vale do Rio Doce,

Meu caro João Pacífico, diretor-superintendente da Odebrecht para a região Norte,

Senhor Marcos Kennedy, em nome de quem cumprimento todos os trabalhadores aqui presentes,

Prefeitos aqui presentes,





Deputados,  
Secretários,  
Companheiros e companheiras,

Se me permitem, este papel vai voar e eu vou entregar o papel aqui para o meu companheiro. E se me permitem, eu vou soltar este microfone aqui. Eu não tenho mais adjetivos para falar. O Sarney já ficou arrepiado, já ficou emocionado; o Alfredo já arrepiou, já se emocionou; o Marcelo já arrepiou, já se emocionou. Então, eu não vou nem me arrepiar e nem ficar emocionado.

Eu vou dizer para vocês uma coisa. Eu digo sempre para os meus filhos que um filho, um adolescente só conhece a realidade da vida quando ele se casa e quando ele tem filhos. É quando a gente tem filhos que a gente se dá conta da importância do papel que a gente tem na sociedade. Enquanto a gente não é casado, é solteiro, a gente pensa que pode tudo, a gente pensa que nunca vai ficar doente, a gente pensa que não vai ter dor de cabeça, a gente pensa que nunca vai ficar velho, a gente pensa que nunca vai se aposentar, ou seja, nada importa a não ser a vida da gente.

Quando a gente casa, é tudo maravilhoso. Mais maravilhoso ainda é quando vem o primeiro bruguelinho para a gente tomar conta. No início, é extraordinário ir a uma maternidade e ver a enfermeira dar o bruguelinho para você pegar, todo cheirosinho, com cheiro de criança nova. Depois é que a gente vai saber onde é que o calo aperta. Quando a gente tem que acordar de noite para ajudar a mulher a tratar da criança, quando a gente tem que levá-la correndo para o hospital, quando a gente tem que cuidar da dor de barriga da criança, aí é que a gente começa a ter dimensão da responsabilidade de ser pai, e aí a gente volta a gostar do pai e da mãe da gente. Quando o filho é solteiro, todo final de semana ele quer sair de casa e ir para a gandaia. Quando ele casa, que tem um filho, todo final de semana ele quer voltar para a casa da nora e da sogra para cuidar dele, porque, na verdade, ele quer uma beirinha



para pegar o almoço pronto, ele quer tomar a cervejinha gelada do sogro, ele quer se sentar no sofá no lugar do sogro para ver... Além de roubar a filha da gente, eles ainda tomam conta do espaço.

Pois bem, eu estou dizendo isso, porque é quando a gente chega à Presidência da República que a gente tem noção dos problemas que tem o Brasil e a gente tem noção de que é preciso ter sensibilidade política para a gente poder fazer as coisas que têm que ser feitas no Brasil.

Eu estou dizendo isso, e quero pedir desculpas aqui aos meus companheiros parlamentares, porque quando o Sarney anunciou que ia fazer a Ferrovia Norte-Sul, lá no ano de 85, 86, eu era um deputado que fazia críticas ao Sarney. Eu dizia: vai ligar o nada ao nada. Essa ferrovia não tem sentido. Vejam o que é o destino. Quis Deus que passados tantos anos eu fosse eleito presidente da República para dizer ao próprio Sarney: nós vamos fazer a Ferrovia Norte-Sul. Por quê? Porque a verdade é que a classe política brasileira não conhece o País, cada um conhece o seu estado. E quem faz campanha também não conhece, porque você sobe de um palanque para outro palanque, desce em um aeroporto para outro aeroporto, você não conhece.

Eu aprendi, meu caro Marcelo Miranda, a conhecer o Brasil depois das eleições de 89. Quando eu perdi as eleições para o Collor, eu tinha dimensão de que o povo tinha eleito um presidente que não conhecia o País, e que eu também não conhecia o País. Aí eu inventei as Caravanas da Cidadania. Percorri mais de 90 mil quilômetros de ônibus, de trem e de barco neste país, e passei por aqui para poder conhecer, não apenas o País, mas para conhecer o povo deste país. Quando eu terminei as Caravanas eu tinha consciência de que eu estava preparado para ser presidente da República. Aí construíram a maior aliança que a elite já construiu neste país, para evitar que eu ganhasse as eleições em 94, e eu perdi as eleições.

Naquele tempo, fizeram uma coisa comigo, que só aconteceu comigo. Foi duro mostrar imagem externa na televisão. Foi duro mostrar imagem



externa no programa de televisão do candidato, porque eu tinha mais de 46 horas de fitas gravadas no Brasil, e os especialistas do lado de lá entenderam que era preciso fazer uma lei para que eu não mostrasse o Brasil que eu tinha visto nas Caravanas da Cidadania. Aí perdi em 94, perdi em 98, só fui ganhar em 2002.

Foram 12 anos de espera. Mas esses 12 anos de espera não me fizeram ser um homem ressentido, nunca tive ressentimento e nunca tive mágoa. Vocês nunca me viram reclamar do resultado de uma eleição que eu perdi. Eu perdi as eleições em novembro e em janeiro eu já estava andando por este país para levantar o moral da minha tropa, para dizer que a gente ia voltar, e ia voltar mais forte.

Pois bem, foi com essa convicção que eu cheguei à Presidência da República em 2002. Foi essa convicção que me permitiu juntar vários companheiros aqui, dentre os quais o companheiro Sarney, que já tinha me apoiado nas eleições, para que a gente pudesse construir uma maioria no Congresso Nacional e fazer este país mudar de qualidade. Este país, havia 20 anos que a economia crescia muito pouco, havia 20 anos que tinha muito mais desemprego do que emprego gerado neste país, havia 20 anos que a gente passava o tempo inteiro correndo atrás de fazer um acordo com o FMI para poder resolver os juros e o pagamento da nossa dívida externa.

Eu me lembro perfeitamente bem, Sarney, eu fazia dezenas de reuniões com economistas de todos os partidos políticos, com economistas de todos os pensamentos, e a cada vez que eu me reunia com os economistas, eles diziam para mim: “o País está quebrado, o País não vai dar certo, o País não vai crescer, o País não sei das quantas”. Eu dizia para eles: espera aí, vocês são meus amigos, eu vim aqui ouvir vocês. Vocês querem que eu seja candidato e dizem que o País está quebrado e vai quebrar mais ainda? Para que vocês querem que eu seja Presidente? Aí eu tomei uma decisão, porque possivelmente fosse necessário alguém que não fosse da elite brasileira;



alguém que não fosse daqueles que habitualmente passaram pelo poder neste país, representando outras classes sociais; alguém que não fosse tão inteligente como eles; mas alguém que tivesse um pouco de conhecimento da alma das mulheres e dos homens deste país; alguém que conhecesse o sentimento de um trabalhador desempregado; alguém que conhecesse o sentimento de uma mulher que ao ir a uma farmácia para comprar remédio para o seu filho, não tinha o dinheiro para comprar o remédio e voltava para casa com o filho doente e com a receita embaixo do braço. Era preciso conhecer o sentimento de camponeses que não tinham financiamento para a sua produção agrícola, e era preciso conhecer o sentimento de um povo que, desde que o Brasil foi criado, ouviu dizer, ao longo da história, que o Brasil seria o futuro, o país mais importante, o celeiro do mundo.

E a minha geração cansou de esperar. A minha geração ouviu tanta crise, e falar tanto em crise, que eu penso que a gente tomou vacina contra crise. Aí, pegamos o Brasil, em 2003, e o Brasil estava realmente quase quebrado. A gente não tinha dinheiro para financiar as nossas exportações, a gente não tinha credibilidade, o desemprego era muito alto, e nós falamos “vamos consertar, mas vamos consertar como um peão consegue domar um cavalo bravo”. Vocês já viram o que é um peão domar um cavalo que não deixa o cidadão montar em cima. Ele briga, ele reage, ele dá coice. Eu dizia: a gente vai até tomar uns coices, mas a gente vai domar essa bexiga, daquela crise de 2003.

E fizemos. Fizemos o que precisava ser feito, porque também tem uma coisa na política. Vocês já viram também quantas vezes vocês, quando eram jovens, a mãe de vocês fazia um sacrifício desgramado para fazer um feijãozinho com arroz, e quando colocava na mesa: “eu não gosto, eu não quero”. Nem perguntou se tinha outra coisa para fazer, mas já fala que não gosta. Na política também é assim. Quando a gente quer fazer uma coisa, aparece alguém: “eu não gosto, eu não quero”, e às vezes atrasa esse



processo.

Pois bem, nós demos a este país... Quando eu digo nós, eu digo nós, eu digo vocês, eu digo mulheres e homens deste país que acreditaram, eu digo os trabalhadores, mas digo os empresários, eu digo a classe média brasileira, eu digo os deserdados deste país, aqueles que vivem nos confins do Judas e que, muitas vezes, nem a televisão consegue chegar lá para entrevistá-los, nem carta chega porque o pombo-correio se perde.

Eu falo desse que começou a perceber que o País estava acontecendo para ele e que o Bolsa Família é uma pequena ajuda, mas R\$ 70 ou R\$ 80 para uma dona-de-casa é menos do que uma gorjeta que um rico dá num bar depois de encher a cara de uísque. E com aquele dinheiro, uma mulher é capaz de levar a comida para sustentar o seu filho. O programa Luz para Todos, todos esses programas, quando nós fizemos diziam “é assistencialismo, é populismo”, porque neste país não se estava acostumado a governar para pobre. As pessoas se contentavam em governar para 35 milhões de brasileiros e não para 190 milhões de brasileiros. O Sarney, quando fez o Plano Cruzado em fevereiro de 1986, foi um dos melhores momentos da economia deste país. Foi uma pena que a classe política daquela época se aproveitou do Plano Cruzado para se eleger, ter 23 governadores de estados, 306 constituintes, e logo depois acabou o Plano Cruzado, que tinha sido um sucesso extraordinário neste país.

Vocês sabem, companheiros e companheiras, que para a gente construir uma casa de um quarto, cozinha e banheiro, às vezes a gente leva meses; às vezes os parentes se comprometem a ir no final de semana e não vão; às vezes vão, tomam umas canjebrinas e a parede fica torta, não colocam o prumo, a gente tem que derrubar a desgramada e fazer outra vez. Mas para fazer uma casa, às vezes leva três meses, quatro meses. Para destruir, a gente destrói em um minuto. Destruir é muito mais fácil do que construir, e depois de tantos anos deste país esperando crescer, deste país querendo crescer, vocês



viram agora na televisão o presidente eleito dos Estados Unidos dizendo: “Até 2011 eu quero criar 2 milhões de empregos nos Estados Unidos”. Nós, este ano, já criamos 2,2 milhões de empregos com carteira assinada neste país.

A Dilma falou de uma tal de crise, a crise que aconteceu nos Estados Unidos, a crise que aconteceu na Europa, uma crise causada pela especulação. Nunca houve nenhuma razão para o petróleo custar US\$ 150 o barril. Era pura especulação no mercado futuro. Diziam que era a China, e era mentira, era especulação. Vocês viram o alimento subir em julho do ano passado, estourou o preço da soja, por quê? Exploração. Porque nada explica que aquelas coisas tenham subido como subiram. E quando alguém quer ganhar dinheiro sem produzir um bem, ou é ladrão ou é especulador, porque o dinheiro de uma nação tem que ser produzido às custas da produção: é produzir um capacete, é produzir um sapato, é produzir um óculos, é produzir uma máquina, é produzir uma caneta, é produzir uma máquina fotográfica, ou seja, o resultado do crescimento de um país se deve ao resultado do crescimento da produção daquele país.

Se for da especulação, acontece o que aconteceu nos Estados Unidos, cria uma bolha, é como se fosse um ovo sem gema: você quebra e não tem nada dentro. Então, quebrou a economia americana, eles já colocaram lá mais de US\$ 1 trilhão e 300 bilhões. E nós aqui não quebramos e não vamos quebrar. Tem gente torcendo para a gente quebrar, tem gente que vai se deitar rezando: “Tomara que a crise pegue o Brasil para esse Lula se lascar”. É, é só vocês lerem, leiam e vejam televisão, escutem rádio, ou seja, é quase uma propaganda sistematizada em favor da crise, é quase uma propaganda. Quando, na verdade, eu acho que a gente tem que falar da crise porque ela é séria, ela é profunda, mas a crise não foi causada por nós. O Brasil é, hoje, e eu posso dizer como Presidente da República, olhando para vocês: não tem nenhum país do mundo mais preparado que o Brasil para enfrentar esta crise. Não tem nenhum país do mundo mais preparado do que o Brasil, com mais



estabilidade, nós temos reservas, nós temos mercado interno, e nós temos uma economia crescente.

Agora a propaganda está tornando a sociedade subordinada ao pânico. Vamos supor que a gente estivesse aqui e aparecesse alguém ali no microfone de uma rádio e dissesse: “daqui a dois minutos vai cair um meteoro onde o Lula está falando com os trabalhadores”. Todo mundo correria. Pode ser que daqui a 3 milhões de anos possa cair um meteoro, mas a gente não pode falar blasfêmia sem a convicção do que está falando. Então, o que está acontecendo no Brasil hoje? O que está acontecendo no Brasil? Quando vocês vão visitar um parente no hospital, como é que vocês procedem? Está lá o coitadinho internado, doente. Normalmente, quando a gente está internado a gente fica mais feio, mais sofrido. Então, a gente chega perto da pessoa, o que a gente fala? Olha, meu filho, você vai sarar, o médico é bom, o hospital é bom, a medicina avançou. Não é assim que se fala? A não ser que você sente perto dele e fale: “Ó, ontem morreu um cara igualzinho a você, perto de casa”. “Ih, dessa doença aí, eu conheço que ninguém escapa”. Ou seja, é melhor não ir visitar, é melhor mandar uma cartinha.

Então, é assim que está acontecendo com a crise. Ora, o que acontece? A crise está criando um certo pânico, não para comprar roupa, para comprar sapato, porque o comércio está bombando, mas uma televisão, um carro, uma geladeira, um fogão, que os economistas tratam como bens-de-consumo duráveis ou semi-duráveis. Quando vocês ouvirem esta palavra, duráveis ou semi-duráveis é um carro, uma casa, uma máquina, e os semi-duráveis são uma geladeira, um fogão.

Então, às vezes, o companheiro trabalhador ele tem até o dinheiro para comprar, mas ele fala “eu não vou comprar, não, porque e se eu perder meu emprego, como é que eu vou fazer?”. Não é assim que a gente pensa? Agora veja a contradição. Se você não comprar é que você vai perder o emprego. Esta é a contradição, porque imaginem a economia sendo uma roda-gigante.



Ela está girando, então o trabalhador compra, o comércio vende, a fábrica produz. Se o consumidor para de consumir, o comércio para de fazer encomenda na fábrica e a fábrica para de produzir. O que acontece? Vai ter desemprego na fábrica, vai ter desemprego no comércio e a gente vai ficar sem o bem da gente.

Então qual é o conselho que eu tenho dado ao povo? Se você está com dívida, meu filho, não faça mais dívida, pelo amor de Deus. Pague a sua dívida, pague. Agora se você tem um dinheirinho, tem o 13º e quer comprar o seu terno novo, a sua televisão nova, a sua geladeira, quer dar um microondas de presente para sua própria casa, quer dar um computador para o filho... em suaves prestações, se puder, compre. Porque se não comprar, aí a gente vai ter crise no Brasil. Se todo mundo parar de comprar e a economia ficar paralisada, a gente vai ter crise.

Então o engenheiro, o empresário vai ter que fazer a reforma e o momento de fazer investimento é este. Eu sei que tem um problema chamado crédito que nós vamos consertar, porque o crédito está muito alto neste país e o dinheiro desapareceu. Nós vamos consertar isso. Agora, o momento de investir é este, para a gente se preparar, porque esta crise tem que ser vista pelo Brasil como uma grande oportunidade.

Quem sair na frente vai ganhar o jogo e nós precisamos sair na frente. Então é com muito orgulho que eu andei 20 quilômetros de trem. Está certo que o Roger colocou uma locomotiva que parecia uma tartarugazinha: uém, uém, uém... Poderia ter colocado uma moderna, daquelas que voam no trilho. Mas o prazer de saber que cada dormente destes foi colocado por vocês, saber que por conta desta ferrovia vocês levaram o pão para a mulher de vocês e para os filhos, que vocês suaram aqui, mas ganharam um salário e voltaram pra casa com a dignidade realizada de um ser humano decente, honesto, trabalhador, que honra a palavra que deu para o pai das mulheres quando vocês foram pedi-las. Ou do solteiro que honra a família quando chega em





casa fala: “Mãe, está aqui. Eu ganhei tanto, o que que a senhora precisa? Vamos ao supermercado comprar comida. Vamos colocar feijão nessa mesa, vamos colocar pão, vamos comprar uma lembrancinha no Natal para dar de presente a alguém.”

O meu orgulho é este, é saber que esta ferrovia vai transportar soja que vai gerar emprego, vai transportar álcool que vai gerar emprego, vai transformar produtos industriais que serão feitos aqui e que vão gerar empregos. Não tem nada mais importante para um Presidente da República, que durante 27 anos trabalhou dentro de uma fábrica, do que saber que em seis anos nós criamos mais de 10,5 milhões de empregos com carteira nacional assinada. Daí porque o meu orgulho.

E pode ficar certo, Sarney, nós vamos continuar visitando o estado. O ano que vem tem mais trecho para inaugurar, depois tem mais trecho. Aí eu também tenho certeza de que eu vou fazer a minha sucessão. Tenho certeza. Agora eu só espero que quem for eleito me convide para vir aqui inaugurar os outros trechos da nossa querida Ferrovia Norte-Sul, porque nós vamos integrá-la, sabe, a este país inteiro. E se Deus quiser um dia eu serei convidado para dar uma volta nela de onde ela começa até onde ela termina, para a gente poder ver o prazer de a gente governar este país e fazer as coisas acontecerem.

Meus companheiros e companheiras,

A minha vinda aqui para inaugurar esta obra, e o que eu vou fazer no ano que vem, visitando nossas obras, é a resposta que eu dou à crise. Eu disse aos governadores: não parem de investir um centavo. Se a gente parar de investir, a crise vem. Agora é hora do Estado não gastar dinheiro com custeio. Não podemos gastar dinheiro com custeio. A gente tem que gastar dinheiro com investimento, investimento em obras de infra-estrutura, investimento em coisas que possam gerar empregos, porque se a gente tiver responsabilidade fiscal, investimento em geração de riqueza e de emprego,



essa crise vai voltar para os Estados Unidos e vai voltar para a Europa como ela saiu de lá, porque nós vamos segurá-la aqui dentro.

Portanto, meu companheiros e companheiras, tenham a certeza de que hoje é um dia glorioso para mim. Ver esta locomotiva buzinar, saber que ela já carregou mil toneladas de soja e saber que ela pode carregar muito mais, e estar aqui com todos estes companheiros e com vocês, eu só poderia dizer para vocês: isto é a gratificação de ser presidente do Brasil. É poder terminar o meu mandato, vocês me chamando de companheiro, e eu chamando vocês de companheiros porque, afinal de contas, este Brasil não é do presidente, é do povo brasileiro.

Um abraço, meus queridos companheiros e até a nova inauguração, se Deus quiser.

(S211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, lido pelo vice-presidente José Alencar na cerimônia de entrega do Prêmio Finep de Inovação 2008**

**Palácio do Planalto, 10 de dezembro de 2008**

Senhoras e senhores,

O presidente Lula me pediu que viesse representá-lo aqui, ainda que ele estivesse já preparado. Estava agendado, inclusive a própria agenda de hoje, a data de hoje, foi objeto de consulta a ele e estava tudo certo, mas a agenda presidencial às vezes sofre atropelos. Isso é natural, tendo em vista os acontecimentos, que são dinâmicos. De maneira que ele pediu que eu trouxesse o seu abraço ao Ministro e a todos os envolvidos neste trabalho de grande importância para o País, que é a inovação, a pesquisa buscando a inovação.

Isso é realmente um fator de engrandecimento e de enriquecimento nacional. De modo que ele me fez questão de recomendar que eu lesse o seu discurso. Eu vou ler o seu discurso, estou apenas aqui fazendo esta comunicação para vocês e, ao mesmo tempo, também me escusar, que eu tive que me afastar um pouco porque... eu tenho que contar para vocês: eu estou em tratamento, e esse tratamento traz efeitos colaterais que também são surpreendentes. De modo que vocês me desculpem, mas não há nenhum despreço a vocês. Não, ao contrário, é uma grande honra para mim estar aqui representando o Presidente, mais uma vez, porque eu já estive aqui, me parece que foi no ano passado. Mas naquela ocasião eu até tive o cuidado de recomendar que todo o trabalho de criação para a inovação, que levasse em consideração também, especialmente, a economicidade trazida pela inovação,



porque as empresas precisam ser cada vez mais competitivas. Então é muito importante que aquela criação seja uma criação competitiva, capaz de competir interna e externamente, pelo que ela representa de inovação e também pelos custos daquele novo produto criado pela inovação. É muito importante esse componente “custos” no trabalho de pesquisas para a inovação, é claro.

Quero cumprimentar o Ministro Sérgio Rezende,

O ilustre deputado Beto Albuquerque, em nome de quem eu cumprimento todos os parlamentares aqui presentes,

Quero cumprimentar o excelentíssimo senhor Luis Manuel Rebelo Fernandes, ilustre presidente da Finep,

O Excelentíssimo senhor Jacob Palis, presidente da Academia Brasileira de Ciências,

Cumprimentar a todas as senhoras e senhores participantes do Prêmio Finep de Inovação 2008,

Senhoras e senhores,

Vou passar, então, à leitura do discurso do Presidente:

Desde a sua primeira edição, há exatamente uma década, a importância do Prêmio Finep vem crescendo anualmente. Não apenas por mostrar ao País os esforços tecnológicos brasileiros, mas principalmente por valorizar um conceito que ganha peso na medida em que se acirra a competição comercial e industrial no mundo: é a inovação.

O volume e a diversidade de nossos recursos naturais, ao lado do enorme potencial criativo da população, colocam o Brasil num seleto grupo de países em plenas condições de superar a crise internacional e ainda manter as economias em expansão nas próximas décadas.

Ao mesmo tempo, o Brasil de hoje não está às margens dos ciclos de revolução tecnológica, como em momentos históricos anteriores. Agora temos no País um nível elevado de conhecimento das bases científicas e tecnológicas necessárias ao processo produtivo.



E eu tenho – eu, ele, não é? Eu tenho... Eu também, mas eu estou falando aqui por ele. E eu tenho plena certeza de que os empreendedores brasileiros há muito despertaram para a necessidade de elevar ao máximo nossa competitividade diante do mercado global. E também se preparam para o grande salto de qualidade que o Brasil está prestes a dar.

Enquanto os pessimistas de sempre se apegam às lamúrias de um passado cada vez mais distante, o Brasil vive um momento de profundas mudanças.

Somos um país novo, com imenso potencial de crescimento e consciente de que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia só virá a partir de investimentos progressivamente maiores em pesquisa e educação. Tanto do Estado quanto do setor privado.

Meus amigos e minhas amigas.

O Ministério da Ciência e da Tecnologia apurou que, no Brasil, o governo é responsável pela maior parte dos investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento – 60% do total. Mais do que prover esse investimento em pesquisa tecnológica, o Estado deve estimular o investimento privado como a condição essencial para um maior crescimento de todo o setor produtivo.

Desde 2004, com a Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior, este governo vem apresentando políticas públicas mais efetivas de estímulo ao desenvolvimento da ciência e da inovação tecnológica.

Entre os avanços que obtivemos estão a chamada “Lei do Bem”, a Lei de Inovação, a Lei de Biossegurança e a Política de Desenvolvimento da Biotecnologia. Também foram criados o Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial e a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial, para a promoção do diálogo entre setores público e privado. Além disso, o investimento em inovação é um dos pilares da Política de Desenvolvimento Produtivo – a PDP –, lançada em maio último com o slogan “Inovar e investir para sustentar o crescimento”.



Com a fundamental parceria entre os setores público e privado, pretendemos aumentar a taxa de investimento da economia, ampliar os investimentos privados em pesquisa e desenvolvimento, elevar a participação brasileira no comércio global e aumentar o número de micro e pequenas empresas exportadoras.

Entre as iniciativas que fazem parte do PDP, encontra-se o Plano de Ação de Ciência, Tecnologia e Inovação, do Ministério de Ciência e Tecnologia, com investimentos públicos de R\$ 41 bilhões na infra-estrutura nacional de Ciência e Tecnologia até 2010.

Elevar o nível de inovação das empresas brasileiras é um dos desafios a serem enfrentados por todos nós. Ao superá-lo, agregaremos valor aos produtos, ampliaremos a competitividade das empresas no mercado interno e fortaleceremos sua projeção externa.

Meus amigos e minhas amigas.

Esse conjunto de medidas vem gerando resultados às vezes quase invisíveis, mas presentes e decisivos. Como exemplo, posso citar que, enquanto o agravamento da crise levou as projeções de crescimento para o mercado de Tecnologia de Informação em 2009 caírem de 4,2% para 0,9% nos Estados Unidos, no Brasil haverá uma correção de rota, mas de 14,4% para 9,1%. A estimativa mundial está abaixo dos padrões brasileiros: caiu de 5,9% para 2,6%.

Empresas como o Banco do Brasil – que em 2009 planeja investir R\$ 1 bilhão e 200 milhões nesses projetos – sabem que o movimento econômico será retomado em futuro próximo. Interromper agora os investimentos causaria impactos não apenas no curto prazo, mas também sobre a competitividade futura dos negócios.

Até porque o Brasil não parou. Muito pelo contrário. Temos em pleno andamento outra iniciativa fundamental para a manutenção do crescimento econômico de forma sustentável e socialmente justa. O Programa de



Aceleração do Crescimento está investindo R\$ 504 bilhões em infra-estrutura energética, logística, social e urbana. O PAC transformou o País em um verdadeiro canteiro de obras e vem proporcionando um movimento de geração, de difusão e de utilização de tecnologias que, por si só, elevará o Brasil a outro patamar.

Com o PAC, o Estado investe na infra-estrutura necessária para manter o escoamento da nossa produção. E, ao mesmo tempo, incentiva projetos estratégicos para que o Brasil possa continuar crescendo, gerando empregos e distribuindo renda. Fazendo isso, cria condições também para que haja mais investimentos em educação e qualificação de nossos jovens.

Meus amigos e minhas amigas.

Na semana passada, compareci à abertura do 3º Congresso Mundial de Engenheiros, cujo tema foi “Inovação com Responsabilidade Social”. Observei com satisfação o interesse dos profissionais pelo ensino profissional e tecnológico.

Sabemos todos nós que um dos fatores decisivos para o desenvolvimento sustentável no Brasil é a formação de profissionais cada vez mais especializados. Em destaque estarão os cursos tecnológicos e de engenharia, tão profundamente voltados para a produção, a construção e a inovação. Ao lado da excelência técnica e da sustentabilidade, queremos também uma educação profissional e tecnológica que promova a inclusão social.

Por este motivo, dobramos, de 2003 para cá, o número de novas vagas anuais ofertadas nas universidades federais. No que se refere a cursos de engenharia, as vagas anuais subiram de 17 mil, em 2006, para 28 mil, no próximo ano letivo.

Aproveito o momento e parablenizo o Senado por aprovar, no último dia 3, o projeto de lei que cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – instituições que serão o grande marco do ensino técnico e



tecnológico no País.

Os Institutos Federais serão criados a partir das escolas técnicas federais já existentes e das muitas outras que estamos criando. Partimos de 140 escolas técnicas em 2003 e encerraremos 2010 com 354 escolas técnicas federais.

O Ministério do Planejamento já anunciou a realização de dois concursos públicos para ampliar o quadro de pessoal nestas Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica. No total, há 5.912 vagas para professores e técnicos – 2.086 delas para contratação imediata.

Quero, portanto, agradecer a todos que, no governo, na academia e nas empresas vêm dedicando os seus esforços à inovação e ao desenvolvimento da tecnologia brasileira. E também aos patrocinadores e às várias instituições que apóiam este prêmio que entregamos hoje. Em especial, quero agradecer ao ministro Sérgio Rezende, que antes de assumir o ministério foi presidente da Finep.

E quero, acima de tudo, dar os meus parabéns não apenas às vencedoras e aos vencedores do Prêmio, mas a todos os concorrentes. Seu talento e sua criatividade representam de maneira brilhante o grande potencial que o Brasil tem para produzir conhecimento e tecnologia. Um potencial que está sendo – e será – cada vez mais valorizado em nosso país.

Muito obrigado.

(\$211A)





**Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Marinha do Brasil, por ocasião do Dia do Marinheiro**

Na data em que celebramos o Dia do Marinheiro, apresento minhas congratulações a todos aqueles que, cotidianamente, se dedicam a manter o Poder Naval sempre apto e preparado para o cumprimento de sua missão constitucional em defesa dos interesses do Brasil.

A verdade é que a Marinha, hoje, se faz presente onde a Nação dela necessita. Pude presenciar, em fevereiro de 2008, uma grande demonstração dessa capacidade quando visitei a Estação Antártica Comandante Ferraz. Constatei, na ocasião, como é fundamental o apoio da Marinha do Brasil às pesquisas que são desenvolvidas pela nossa comunidade científica naquele continente gelado.

A importância cada vez maior do País no cenário mundial, assim como as recentes descobertas de vastas reservas de óleo e gás na camada de pré-sal, tornam imperativo possuímos uma Marinha forte, preparada e com grande poder de dissuasão. Estou falando de uma Força pronta a realizar ação de presença e patrulha em toda a extensão da nossa “Amazônia Azul”.

Vejo com muito contentamento, portanto, a implementação do Programa de Reaparelhamento da Marinha. Compatível com a Estratégia Nacional de Defesa, ele é necessário para garantir a aptidão da Força de atuar na vigilância e na proteção de nosso imenso patrimônio no mar e nas águas interiores.

Nesse sentido, ressalto uma das mais altas prioridades do programa: os Navios-Patrulha que irão operar nas imediações das plataformas petrolíferas. Além disso, o Programa trará benefícios para toda a sociedade, na medida em que estará colaborando para o fortalecimento da Indústria Nacional de Defesa, com a conseqüente criação de novos empregos.

Também registro, com orgulho, que estamos prestes a dar outro notável passo na direção da composição de um Poder Naval ainda mais condizente com a estatura do País: os acordos para a construção do primeiro submarino brasileiro com propulsão nuclear estão se tornando a cada dia mais concretos. Com isso, em alguns anos o Brasil fará parte

---

do seleto grupo de nações que possuem esse fator imprescindível para a constituição de uma capacidade dissuasória eficaz.

É com acentuado otimismo e satisfação que, na condição de Comandante Supremo das Forças Armadas, cumprimento todos os homens e mulheres que labutam na formação de uma Marinha moderna, equilibrada e balanceada, apta a contribuir para a projeção cada vez maior do País no cenário internacional. Estejam certos de que este é um importante legado que deixaremos para as futuras gerações de brasileiros.

Neste momento, é pertinente lembrarmos o Almirante Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré. Com seus incontestáveis atributos, ele contribuiu, categoricamente, para a construção do que é hoje o Estado brasileiro. E nos deixou, ao longo de sua carreira de mais de 66 anos, uma bela referência de determinação e abnegação, tornando-se o Patrono da Marinha e Herói da Pátria.

Faço votos para que o exemplo de Tamandaré continue se perpetuando nos marinheiros, fuzileiros navais e servidores civis, de hoje e de amanhã, como símbolo de grande amor pela Pátria.

Parabéns à Marinha do Brasil!

**Luiz Inácio Lula da Silva**  
**Presidente da República Federativa do Brasil**

(\$212)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, lido pelo vice-presidente José Alencar na cerimônia de premiação do V Prêmio Innovare**

**Palácio do Planalto, 11 de dezembro de 2008**

Senhoras e senhores,

O presidente Lula gostaria de estar aqui, como não poderia deixar de ser numa ocasião tão importante como esta. Mas, na impossibilidade de comparecer, ele me pediu que aqui viesse e que trouxesse o seu abraço aos organizadores desta cerimônia e a todos os premiados que são, naturalmente, pessoas que participam deste esforço, não só do Judiciário como do Ministério Público, como da Defensoria Pública, como os próprios advogados, individualmente, nesse esforço de fazer um algo mais, além da rotina de seu trabalho.

Então, isso é muito importante e o Presidente gostaria muito de estar aqui. Tanto que já estava pronto o texto que ele iria ler e eu o trouxe, então vou lê-lo.

Antes, porém, quero cumprimentar Sua Excelência o senhor Ministro Gilmar Mendes, ilustre presidente do Supremo Tribunal Federal,

Meu estimado amigo Tarso Genro, ilustre ministro da Justiça,

Meu estimado amigo José Antonio Dias Toffoli, Advogado-Geral da União,

Meu estimado amigo Márcio Thomaz Bastos, presidente do Instituto Innovare,

Quero cumprimentar também o ilustre deputado Domingos Dutra,

Cumprimento senhoras e senhores magistrados aqui presentes,

Promotores de Justiça,

Defensores Públicos e advogados,



Senhoras e senhores agraciados com o Prêmio Innovare,

Minhas senhoras e meus senhores,

Este é o texto do presidente Lula:

Enfrentar os problemas da morosidade processual e da falta de acesso à Justiça sempre esteve na pauta do nosso governo e, certamente, na pauta do Poder Judiciário brasileiro.

Sabemos que o acesso ao Poder Judiciário e à Justiça são fundamentais para garantir a harmonia e a segurança do convívio social. E que essas instituições, ao reafirmarem sua capacidade de solucionar conflitos, com cada vez mais eficiência e agilidade, contribuem para o desenvolvimento nacional e para o aperfeiçoamento da democracia.

É com grande satisfação que, ao lado dos Poderes Judiciário e Legislativo – e com importante participação da sociedade civil organizada –, desencadeamos o processo que está reformando o nosso Sistema de Justiça.

Esse trabalho resultou na assinatura, aqui nesta sala, do Pacto de Estado em Favor de um Judiciário mais Rápido e Republicano, firmado pelos representantes dos Três Poderes e lançado em dezembro de 2004.

A partir dessa união de esforços, foi possível aprovar mais de 18 Projetos de Lei e a Emenda Constitucional nº 45, de 2004, que resultaram na criação de várias instituições importantes, como é o caso do Conselho Nacional de Justiça e do Conselho Nacional do Ministério Público.

Outras conquistas importantes foram a autonomia da Defensoria Pública dos estados, a constitucionalização da Justiça Itinerante e a criação de uma série de instrumentos voltados para a celeridade e o descongestionamento processual.

A verdade é que o Pacto, inédito pela sua extensão e pelo empenho a ele dedicado pelos seus signatários, tem um profundo caráter republicano. A iniciativa fortaleceu sobremaneira a confiabilidade entre os Poderes. Gerou a compreensão de que o que todos queríamos, no fundo, era o aperfeiçoamento



do sistema judicial – objetivo que estamos alcançando e que beneficia a toda a sociedade brasileira.

Foi com essa perspectiva que encomendei ao ministro Tarso Genro, por meio da Secretaria de Reforma do Judiciário, a elaboração do Segundo Pacto para a Reforma do Sistema de Justiça. Esta elaboração, é claro, está ocorrendo no mesmo ambiente de diálogo que gerou o primeiro pacto. E está sendo feita em conjunto com Supremo Tribunal Federal, com a Câmara dos Deputados e o Senado Federal.

Com o Segundo Pacto, daremos continuidade às constantes reformas processuais. Buscaremos novos instrumentos de combate à demora na prestação jurisdicional. E seguiremos combinando o aperfeiçoamento e a modernização dos serviços públicos com a efetivação do direito fundamental de acesso à Justiça.

Minhas amigas e meus amigos,

A Constituição Federal de 1988 – que simboliza a redemocratização brasileira e neste ano completa 20 anos de existência – reafirma e assegura direitos civis, políticos, sociais, econômicos, culturais e de meio ambiente, entre outros. É sob a sua proteção que estamos vivendo um dos mais longos períodos de estabilidade democrática de nossa história. E é dela que derivam nossos principais modelos de liberdades civis e também de garantias sociais, como é o Sistema Único de Saúde, o SUS.

Todos esses avanços da Constituição Cidadã nos orgulham e servem de exemplo a outras nações. E garantimos sua perene materialização com o diálogo permanente e maduro entre as instituições.

Da mesma forma, nos empenhamos em tornar cada vez mais concretos e efetivos os objetivos fundamentais da República, presentes no artigo 3º da Constituição. São eles: construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento social e o desenvolvimento nacional; erradicar a pobreza, a marginalização e reduzir as desigualdades sociais; promover o bem de todos,



sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Para que isso seja possível, é preciso continuar avançando no fortalecimento das instituições democráticas e na satisfação rápida e eficaz daqueles que necessitam dos serviços públicos. Assim, é necessário contarmos com um Sistema Judiciário Brasileiro rápido e eficiente. Mas que seja, sobretudo, garantidor de uma justiça cidadã.

Nesse sentido, podemos salientar práticas bem-sucedidas, como por exemplo os juizados especiais, a justiça itinerante, a justiça comunitária, os meios alternativos de resolução de conflitos, a mediação, a conciliação judicial e extrajudicial e a justiça restaurativa. E são justamente esses tipos de práticas que estão sendo reconhecidas com o Prêmio Innovare, que agora chega à sua quinta edição.

Minhas amigas e meus amigos,

O evento de hoje é a consagração da agenda que construímos passo a passo e de forma coletiva. Aqui reconhecemos e premiamos publicamente a criatividade de juízes, promotores, defensores e advogados que se empenharam em iniciativas importantes para o avanço de uma justiça inclusiva, voltada para toda a cidadania.

O Prêmio Innovare é uma grande fonte de inspiração e uma constante vitrine das boas práticas produzidas pelos operadores da nossa Justiça.

Nossas cinco edições do Prêmio, já foram apresentadas mais de mil experiências. E todas elas... perdão, nessas cinco edições do Prêmio, já foram apresentadas mais de mil experiências, e todas elas – sejam selecionadas ou não – demonstraram ou demonstram a riqueza da atuação social da nossa comunidade jurídica e apontam alternativas para o aperfeiçoamento da Justiça. Estou falando de práticas voltadas a tornar a Justiça mais efetiva e mais próxima da comunidade, de ações que – premiadas ou não – já vêm sendo chamadas de reforma silenciosa da Justiça.



A verdade é que, em todo o Brasil, inúmeros operadores do Direito já estão fazendo muito pelo aperfeiçoamento e a democratização do acesso à Justiça. Estou falando de profissionais próximos à sociedade e que conhecem não apenas leis e processos, mas que desenvolveram sensibilidade para interpretar as diferentes realidades do nosso país.

Todos nós devemos trabalhar na criação de uma cultura jurídica que leve os cidadãos a confiarem na Justiça e a sentirem-se mais próximos dela. E as iniciativas hoje premiadas mostram que temos toda a capacidade de fortalecer essa aproximação.

Quero, portanto, agradecer a todos os agentes do Direito que, pessoalmente ou por meio de suas entidades nacionais, tanto contribuíram para a realização deste Prêmio. Estou falando de representantes da magistratura, do Ministério Público, da Defensoria Pública e da advocacia. Agradeço, também, ao Ministério da Justiça, cujo apoio foi fundamental para esta premiação.

O que vimos aqui foi, especialmente, a valorização do esforço coletivo e do diálogo democrático. Estou certo de que, com a sua continuidade, estaremos contribuindo cada vez mais para a construção do Brasil justo e fraterno que todos almejamos.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Declaração à imprensa concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após visita ao Porto de Itajaí, com declarações de autoridades federais, estaduais e municipais sobre as medidas para o estado de Santa Catarina**

**Itajaí-SC, 12 de dezembro de 2008**

Primeiro, quero cumprimentar os companheiros e as companheiras da imprensa.

Estou vendo aqui o Embaixador da China. Não é jornalista, mas certamente está solidário com o povo de Santa Catarina e, por ser embaixador da China, vai encomendar para que se compre uma carne de frango aqui de Santa Catarina, uma carne de porco aqui de Santa Catarina. Estamos precisando.

Quero dizer para vocês que aquela vez que eu vim aqui fazer uma visita e que não foi possível a gente percorrer alguns municípios, por conta da chuva, eu tinha me comprometido com o governador Luiz Henrique de voltar a Santa Catarina para poder ver um pouco do estrago que foi causado pela chuva aqui no estado. E também para que a gente pudesse fazer uma aferição das medidas que pactuamos entre o governo federal, o governo do estado e prefeituras, para fazer um reparo naquilo que nós consideramos o desastre, eu diria, maior já acontecido no Vale do Itajaí e no estado de Santa Catarina.

Pedi para que os ministros viessem comigo... vocês viram que eu falei “pedi para que os ministros viessem comigo” e não “determinei”, como os presidentes costumam falar, porque aqui todo mundo está imbuído de contribuir, não apenas com as ações governamentais, mas também com a solidariedade à Santa Catarina, já que eu penso que poucas vezes na história o povo brasileiro se mobilizou tanto para ajudar o povo de Santa Catarina. Eu, um dia, fiquei esperando, Datena, você mostrar a tal da mulher grávida, que





não apareceu até terminar o meu vídeo que a Aeronáutica me deu.

Eu queria fazer uma coisa muito prática, sobretudo para a imprensa, porque vocês sabem que a disponibilização de dinheiro é tudo aquilo que foi reivindicado pelo Governador e, certamente, atendendo ao apelo dos prefeitos das cidades que foram atingidas. Esse dinheiro foi disponibilizado, e agora nós precisamos acompanhar a liberação desse dinheiro. Obviamente que tem, em muitos casos, quesitos que são exigidos por lei para que a gente possa fazer com que o dinheiro chegue mais rapidamente ao estado de Santa Catarina.

A última medida tomada foi ontem à noite, com um decreto meu, liberando a totalidade do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço para os trabalhadores que têm conta no Fundo de Garantia e que foram vítimas da enchente ou do desmoronamento, pessoas que perderam, pessoas que tiveram prejuízos.

Eu queria, então, que esta entrevista com a imprensa, Governador – se você me permite aqui –, que a gente pudesse pegar alguns ministros, porque eu penso que é isso o que interessa para a imprensa. Pegar o Ministro dos Transportes e dizer o seguinte: foi disponibilizado tanto de dinheiro para a área de transportes. O que já foi feito nas estradas federais, que nós temos que recuperar? Este estado tem o privilégio de receber, acho que mais de um milhão de turistas neste período de verão, e nós precisamos garantir que venham para cá mais paulistas, mais argentinos, mais uruguaios, mais chilenos, de preferência alguns pernambucanos.

É importante, então, que a gente comece com o ministro Alfredo, dizendo o seguinte: na área de transportes, o que está sendo feito e em que prazo nós vamos resolver isso.

**Ministro Alfredo Nascimento:** Muito boa noite a todos. Nós tivemos problemas em quatro rodovias. A BR-101, já contratamos obras no valor de 16 milhões; a BR-280, já contratamos obras no valor de 25 milhões; a BR-470, nós



contratamos obras no valor de 40 milhões; e a BR-282, mais R\$ 42 milhões. Isso somado representa um investimento de R\$ 123 milhões em estradas federais aqui em Santa Catarina. As rodovias estão todas desobstruídas. Nós já concluímos – e o último deles foi na BR-470 – todos os desvios, e os desvios já estão asfaltados. Vamos trabalhar no eixo principal das rodovias, e até o dia 31 de janeiro todas as rodovias federais estarão recuperadas no seu leito principal para que não se tenha problema, Governador, no período de veraneio, que vem muita gente para cá.

Vamos continuar trabalhando nas obras mais demoradas que são, principalmente, as obras de encosta, com a expectativa de nós concluirmos essas obras em seis meses. Mas o que interessa é que até 31 de janeiro, todas as rodovias federais estarão recuperadas, inclusive asfaltadas e com o tráfego liberado integralmente. É isso.

**Presidente:** Eu agora sou chefe de cerimonial aqui. O companheiro Geddel, como Ministro da Integração, é o ministro que tem mais trabalho para fazer aqui, poderia contar como está o serviço na sua área, da Integração, e também da Casa Civil.

**Ministro Geddel Vieira:** Pois não, Presidente. Da Defesa Civil.

**Presidente:** Defesa Civil, porque senão a Dilma fica ali nervosa.

**Ministro Geddel Vieira:** E a única coisa que eu não quero é ver a ministra Dilma...

Pois não, Presidente. Senhores da imprensa, senhoras.

Num primeiro momento, acionado pelo governador Luiz Henrique, cumprindo determinação do Presidente da República, a Defesa Civil prestou aquilo que é chamado de socorro às vítimas, através da liberação de cestas de



alimentos. Foram 515 toneladas de alimentos, foram kits de limpeza, colchões, cobertores, toalhas, travesseiros, mosquiteiros, lonas, enfim, tudo aquilo que é necessário para socorrer desabrigados nesse primeiro instante.

Num segundo momento, o governador Luiz Henrique nos apresentou um plano de trabalho visando obter recursos para a reparação de ruas, estradas, sinais, residências, escolas, postos de saúde, enfim, demais espaços públicos, coleta de lixo, todas essas questões da recuperação inicial do desastre. Nós liberamos imediatamente 45 milhões, conforme solicitado no plano de trabalho, recursos que já estão na conta do governo do estado.

Em seguida, nos foi apresentado um novo plano de trabalho no valor de 71 milhões. Já passei às mãos do Governador a ordem bancária com os 40 milhões iniciais, e logo em seguida – até no máximo prazo de 10 dias, que é quando esperamos já ter, por parte do governo do estado, a apresentação da comprovação dos gastos desses recursos iniciais – estaremos liberando os 35 milhões restantes, perfazendo, nesse primeiro instante, na área do Ministério da Integração Nacional, investimentos da ordem de 120 milhões, nesse esforço, como disse o Presidente, de todo o governo, solidário a Santa Catarina para ajudar na recuperação do estado.

Logo em seguida – já estamos conversando também com o governador Luiz Henrique – o estado demandará obras mais demoradas, mas obras de prevenção de acidentes, para tentarmos prevenir eventuais acontecimentos como este, fazendo com que não causem tantos problemas como causaram e que comoveu todo o Brasil.

**Presidente:** Ministro Pedro Brito, responsável pelos portos. Fala e assina a ordem de serviço, Pedro.

**Ministro Pedro Brito:** Senhor Presidente, senhor Governador. Muito boa tarde a todos.



Presidente, o senhor, na área portuária, destinou R\$ 350 milhões para serem investidos aqui em Santa Catarina, especificamente no Porto de Itajaí. Esses R\$ 350 milhões estão divididos em três obras importantes: a primeira delas, e mais urgente, se refere à dragagem do canal de acesso ao Porto. O Porto hoje está parado, basicamente porque os navios não podem trafegar, diante do assoreamento do rio. Isso porque, tanto do lado de Navegantes quanto do lado de Itajaí, nós temos berços com capacidade operacional, mas que não podem operar porque o rio não tem profundidade. Então, a providência mais urgente é a da dragagem.

Nós concluímos, em tempo recorde, seguindo todos os ditames do TCU sobre obras de emergência, uma licitação para empresas de dragagem. Apresentaram-se oito empresas, quatro delas fizeram propostas de preços, e nós escolhemos a empresa com a menor proposta de preço, no valor de R\$ 17 bilhões e 500 mil. Além disso, obedecendo os critérios de equipamentos necessários para o volume a ser retirado, de 2 milhões e 300 mil metros cúbicos, bem como do tempo, não só de colocação dos equipamentos em operação, que já irá acontecer a partir da próxima semana. Porque no contrato que nós assinamos, determina que os equipamentos estejam no Porto no prazo máximo de cinco dias. Então, na próxima semana já existirá draga trabalhando aqui no canal de acesso do Porto de Itajaí. O prazo máximo de conclusão da obra é de 90 dias, e nós sabemos que a empresa, inclusive, se propõe a concluir num prazo bastante inferior aos 90 dias.

O que nós temos então, na prática, é que já no início de janeiro, com essas obras de dragagem que serão iniciadas na próxima semana, o Porto voltará a operar, ainda em condições parciais, e que dentro de 60 dias o Porto já terá o seu canal dragado para menos 11 metros, que é a profundidade que estava aqui colocada, antes do desastre que aconteceu.

Além dessa dragagem, Presidente, nós vamos, no dia 22 de dezembro – passando esta semana, na próxima segunda-feira – assinar também a ordem



de serviço para recuperação dos berços que foram destruídos. É uma obra de cerca de R\$ 240 milhões. Nós vamos dividir em três lotes para poder apressar a conclusão no máximo em seis meses. Os lotes serão compostos de dois berços, cada um de 250 metros aproximadamente. Toda a recuperação da retroárea, que também foi destruída, será, inclusive, recuperada em padrões muito melhores, tanto em capacidade de peso, que agora vão ser 5 toneladas por metro quadrado – antes eram apenas 3 – e também retirada de todos os entulhos que a água trouxe e que a própria destruição dos berços causou naquela área de operação, dos dois berços que foram destruídos.

Numa medida de mais longo prazo, Presidente, nós estamos fazendo também a preparação de sistemas de proteção antes do Porto para que, no caso de novas enchentes, o Porto não venha a sofrer novamente como sofreu agora. Nós temos, de acordo com a Medida Provisória que o senhor assinou, mais 50 milhões destinados exatamente para essas obras de proteção, para que novos acidentes não mais aconteçam no Porto.

Portanto, do ponto de vista objetivo, a dragagem iniciará na próxima semana. Dentro de duas semanas serão iniciadas as obras de reconstrução dos berços, e com mais um mês, nós estaremos fazendo o projeto de proteção para novas enchentes. Portanto, Presidente, eu queria pedir permissão do senhor para chamar aqui... a empresa vencedora é um consórcio de uma empresa chinesa especialista nessa área de dragagem, mais três empresas brasileiras. Eu queria, portanto, chamar aqui o representante da empresa chinesa, Mr. Deng, para receber a ordem de serviço que eu vou assinar agora para autorização...

**Presidente:** Pronto?

**Mr. Deng:** Estamos solidários ao povo de Santa Catarina.



**Presidente:** Agora é só começar a trabalhar, Mr. Deng.

**Mr. Deng:** Está bom. Vamos trabalhar, sim.

**Presidente:** Agora eu queria passar a palavra ao ministro Temporão, dizer o que está sendo feito na área da Saúde.

**Ministro Temporão:** Muito boa noite. Nesse primeiro momento, Presidente e Governador, o Ministério da Saúde enviou seus técnicos aqui para o estado. Foi um trabalho conjunto muito bom do ponto de vista técnico e institucional. Primeira medida: entregar 17 toneladas de medicamentos e material médico-hospitalar, antibióticos, analgésicos, antitérmicos, antiinflamatórios, medicamentos para pressão, diuréticos, luvas, material para curativos, agulhas, seringas, vacinas, soros. Esse volume de medicamentos e de material é suficiente para atender uma população de 90 mil pessoas durante três meses. A segunda medida foi, em parceria com o Ministério da Defesa, a instalação do Hospital de Campanha que está aqui em Navegantes, que já está funcionando, atendendo e apoiando o sistema de saúde do estado, do ponto de vista do atendimento médico-hospitalar. A terceira medida foi a liberação de R\$ 100 milhões, através da Medida Provisória que o senhor autorizou, sendo R\$ 70 milhões para custeio e R\$ 30 milhões para recuperação física e reequipamento da rede de saúde que foi afetada pela enchente. Setenta milhões de reais para custeio foram depositados hoje na conta do governo do estado, e os R\$ 30 milhões de capital, para obras e equipamentos, previsão de liberação em uma semana.

Além disso, nós estamos fazendo o trabalho importante de educação, de informação para a população, porque nesse período o problema mais grave é evitar as doenças infecciosas transmitidas pela água, como febre tifóide, hepatite A, diarreias infecciosas e também a leptospirose. Então, é todo um



trabalho de educação e de informação.

Quero destacar duas coisas. O trabalho muito importante da Defesa Civil, da Anvisa e do Samu, não só no atendimento, mas também na limpeza das cidades, no recolhimento de animais mortos, ou seja, um trabalho muito importante que às vezes não se percebe e que é fundamental para evitar surtos e epidemias.

**Presidente:** Ministro Gregolin, o negócio da pesca.

**Ministro Altemir Gregolin:** Com relação à pesca. Nós temos aqui o maior pólo industrial pesqueiro do Brasil e tivemos em torno de 50 mil empregos diretos e indiretos que foram afetados, uma perda de mais de R\$ 200 milhões. A grande reivindicação do setor é em relação à linha de crédito favorável e diferenciado nas condições do crédito rural. Hoje estão sendo anunciados aqui R\$ 300 milhões do programa Revitaliza, com prazos de oito anos para pagar, juros que variam de 6,75% a 8,25%, que estão à disposição das empresas do setor pesqueiro. Além disso, as empresas serão beneficiadas com medidas que são transversais, como a postergação do pagamento de tributos, impostos e assim por diante.

Os pescadores artesanais e os maricultores serão beneficiados com as medidas tomadas relacionadas ao Pronaf, com postergação de pagamento, com perdão da dívida, no caso de financiamento, e também acesso ao seguro e incentivos nessa área. Então, o setor pesqueiro também está sendo beneficiado pelo fato de ter sido seriamente atingido e, evidentemente, atinge a economia, tem reflexo em toda a economia aqui de Itajaí e da região.

**Presidente:** Ministra Dilma Rousseff. Eu queria que você apresentasse para a imprensa, não os dados que já foram citados aqui pelos ministros, mas aquilo que foi quase uma reivindicação do Governador junto à área da Fazenda.



**Ministra Dilma Rousseff:** Boa noite, Presidente. Boa noite, governador Luiz Henrique. Boa noite, senhoras e senhores da imprensa.

Na área do Ministério da Fazenda e da Caixa Econômica, trata-se fundamentalmente de linhas de crédito, num primeiro momento, alguns tipos de linhas de crédito. Vamos ver quais. Primeiro, crédito especial para as empresas afetadas; crédito também para as empresas que tiveram interrupção no fornecimento de gás; e crédito para micro e pequenas empresas. Além disso, crédito para recomposição de capital de giro e estoques com carências. Todos esses créditos anteriores têm maiores carências e juros bem menores. Além disso, uma linha de crédito também especial para pagamento de aluguéis, salários, férias e 13º.

Esse total, considerando todos os créditos que eu elenquei, vai um total em torno de 1,7 bilhões, sendo que para as empresas afetadas pelas enchentes e pelas empresas afetadas pela interrupção do pagamento, ainda tem que ser quantificado, porque nós temos... aí é, diríamos assim, por demanda, seria mais customizado.

O total, então, desses valores, deve 500 milhões para a micro e pequena, 300 milhões para o Revitaliza, 400 milhões para financiar aluguel, férias, 13º, e 500 milhões para capital de giro em geral. Além disso, suspensão da cobrança de juros e multas de títulos que vencem entre 22 de novembro e final de dezembro, 31/12. Fica dispensada a cobrança de juros de operações de crédito. Carência de três meses para as parcelas que vão vencer ou vencidas desde o dia 22 de novembro. Prorrogação do prazo de pagamentos e parcelamentos de impostos federais e renegociações até janeiro de 2009. Então, através dessa Portaria você prorroga por seis meses o pagamento dos tributos e dos impostos federais, que vão poder ser pagos em junho, julho e agosto. Você prorrogou por seis meses.

Para a agricultura, tem várias medidas. Uma delas: primeira, a





repactuação de empréstimos para a agricultura. É para manter a atividade agrícola no estado, tendo em vista que uma série de agricultores perdeu toda a sua safra, decorrente das enchentes. Vai ser prorrogado o prazo de vencimento das operações de custeio – tanto o Pronaf quanto o crédito para a agricultura comercial – e para investimento também: Pronaf, BNDES, BNFC e FAT, tanto as operações vencidas como as vincendas desde 1º de janeiro de 2008. Então, nós estaríamos prorrogando o que eles tinham de pagar ou deixaram de pagar, e as que tinham que ser pagas a partir de novembro. Isso significa que, de fato, nós estamos repactuando a dívida, os empréstimos para a agricultura. Esta medida depende da reunião de depois de amanhã, do Conselho Monetário Nacional.

Além disso, utilização e ampliação da cobertura de seguros. O Banco Central vai divulgar uma circular com condições próprias, específicas, só para os municípios atingidos pelas enchentes, tanto as operações amparadas pelo Proagro Mais quanto as operações ampliadas pura e simplesmente pelo Proagro. Vai haver recursos a fundo perdido para a agricultura. É uma medida emergencial no âmbito do Ministério do Desenvolvimento Agrário para subsidiar em até 100% os débitos relativos aos financiamentos de custeio e desenvolvimento do Programa Nacional de Financiamento para a Agricultura Familiar, o Pronaf. Obviamente, nos municípios onde ocorreram enchentes. O prazo para isso... Vai ter um prazo, porque esses subsídios dependem dos vencimentos, até junho de 2009.

Uma nova linha a que o ministro Gregolin se referiu, tanto para a agricultura quanto para a pesca. Também aí no caso, com juros e prazos maiores. A criação dessa linha... ela vai ser criada na modalidade crédito para investimento rural, com taxas de juros de 1% ao ano, até R\$ 7 mil e 2% ao ano, de R\$ 7 mil a R\$ 100 mil, com prazo de amortização de 10 anos, incluído aí três anos de carência.

Há recursos a fundo perdido para a pesca artesanal, para recuperar



justamente também o que o Ministro mencionou. Além disso, no que se refere ao BNDES, há um apoio ao governo do estado com refinanciamento do crédito concedido ao Estado de Santa Catarina para pagamento de dívidas com a Celesc no período do apagão. É uma medida para viabilizar, para dar mais fôlego para o governo. Ao mesmo tempo também – até quem me alertou disso foi o próprio Governador –, o Ministério de Minas e Energia concedeu rapidamente um financiamento também a juros subsidiados para a Celesc através da Eletrobrás.

No que se refere aos municípios, a reabertura do Provias, que é aquele programa que financia compra de máquinas e equipamentos para os municípios afetados pelas enchentes. O Provias já era um programa que tinha sido fechado. Então, vai ser reaberto especificamente para esses municípios. Aí, também, um apoio específico para as empresas através do Refin. Cria um programa de refinanciamento de crédito nos moldes do atual Refin, com alteração do prazo de refinanciamento para 12 meses de carência e 24 meses para pagar, também com taxas adequadas. Essa medida é para favorecer também as empresas prejudicadas pelo corte de fornecimento de gás.

Ao mesmo tempo também vai ter o Programa de Apoio Emergencial, que é um programa de apoio ao capital de giro nos moldes do PEC-BNDES, é feito pelo BNDES, com redução do *spread* do agente financeiro para 2%. Finalmente, o BNDES também vai entrar no Revitaliza. Ele vai ampliar o Revitaliza para incluir empresas de setores mais prejudicados pela enchente e localizados nos municípios previamente listados como tendo sido afetados pelas enchentes.

São basicamente essas as medidas na área, eu diria, do crédito e do incentivo tanto à agricultura e à pesca, como também ao setor empresarial de Santa Catarina, e aos municípios, por suposto. Muito obrigada.

**Presidente:** Prefeito Volnei.



**Prefeito Volnei:** Presidente Lula, eu quero aproveitar a oportunidade – e acho que eu posso estar traduzindo aqui o sentimento dos nossos prefeitos, que temos nos reunido, nos encontrado e convivido bastante nesses momentos – para agradecer ao presidente Lula, a todos os ministros do seu governo, algo que o nosso governador Luiz Henrique não tem se cansado de destacar: a presteza, a rapidez com que o Presidente tem dado atenção ao nosso povo de Santa Catarina e aos municípios que foram atingidos por essa calamidade. O Presidente veio duas vezes aqui. Hoje é a segunda vez. Na primeira vez, há duas semanas, chovia torrencialmente, grande parte da nossa região ainda estava submersa e o Presidente prometeu voltar nos próximos dias, e assim fez. Está aqui para estar pessoalmente vendo também, não só do alto, mas em terra, essa situação.

Então, nós queremos agradecer todo esse sentimento de solidariedade que o Presidente demonstrou que, na verdade, se soma a uma outra ação muito importante, que foi a solidariedade do povo brasileiro. Com todas as ações do nosso Governador, do governo do estado, que também montou plantão direto com seu governo nos nossos municípios atingidos, junto com a nossa bancada federal – senadora Ideli, senador Neuto De Conto, senador Colombo, nossos deputados federais – e aqui também veio a Comissão do Orçamento do Congresso. Toda essa ação, conjugada com o governo federal, que não mediu esforços, e isso se somou com a solidariedade do povo brasileiro.

Eu quero aproveitar o momento também para agradecer à imprensa que aqui está, e boa representação da imprensa nacional, porque foi fundamental, fazendo esse elo, fazendo essa ligação do nosso povo que estava atingido, que estava sofrendo, pedindo ajuda e o povo brasileiro. Foi tudo a imprensa nacional, que foi decisiva também nesse somatório.



O importante neste momento, Presidente, é ratificar aqui as suas próprias palavras há poucos instantes lá no outro local, no Porto quando estávamos reunidos, que Vossa Excelência fez um apelo aos ministros todos, a toda sua equipe de governo, no sentido de que cada ministro realmente acompanhe de perto cada uma das ações que foram aqui anunciadas para que elas possam chegar nos municípios, para chegar nas empresas, para chegar no povo e para chegar nas instituições públicas, que nós temos que reconstruir creches, escolas, postos de saúde, praças, vias, então, tudo isso, porque eu repito aqui apenas palavras de Vossa Excelência no sentido de que daqui a pouco nós estamos com Natal, Ano Novo e o carnaval. Quer dizer, daqui, no meio de todas essas festas, nós temos a certeza de que também tudo o que foi anunciado aqui se traduz em ações concretas, realmente, chegue, porque o povo, nas ruas, nós prefeitos, nós que estamos aqui, no meio do povo, o povo pede: “Como é que eu vou recompor a minha casa, a minha geladeira, o meu fogão, tudo o que eu preciso?”.

Então eu acho que as medidas anunciadas, elas são muito importantes, nós precisamos fazer com que isso se traduza imediatamente nessas ações concretas para a verdadeira revitalização do nosso estado, para reconstrução do nosso estado. Vou dar só um exemplo, Presidente, aqui em Itajaí, por exemplo, como Prefeito, já há dez dias, eu havia solicitado três ações para que nós pudéssemos manter a auto-estima do nosso povo. É importante que a gente mantenha elevada a auto-estima do nosso povo. Então a limpeza geral da cidade imediatamente. Em mais uma semana nós vamos conseguir retirar os 15 mil caminhões de lixo, de entulho das enchentes, a limpeza geral da cidade, normalizar a coleta comum do lixo e enterrar todos os animais mortos, que foram milhares. Então, a limpeza geral da cidade e de tudo o que foi descartado de dentro das casas, que são montanhas em todas as ruas. Então, a limpeza geral da cidade.



Voltar a plantar flores. A gente sempre foi uma cidade florida como as cidades catarinenses. Voltar a plantar as flores para a nossa cidade florir novamente e a iluminação de Natal, porque havia baixado um baixo-astral no sentido de que as festividades estariam comprometidas, não. Nós vamos inclusive, segunda-feira, estar abrindo o Natal com corais e com a iluminação. Nós temos que manter a estima elevada. Foi depois das enchentes, grandes enchentes de 83 e 84, que o prefeito de Blumenau, na época, Renato Vianna, criou a Oktoberfest. A Oktoberfest que se tornou uma festa nacional, uma marca nacional, ela nasceu depois das grandes enchentes. Eu tenho certeza de que depois dessa catástrofe, com toda essa força que vem do povo brasileiro e do governo federal, nós vamos também, com certeza, dar uma demonstração de uma revitalização rápida e também criar uma outra marca nacional como o nosso Porto de Itajaí, que advirá dele um outro porto, um porto moderno, com toda a infra-estrutura, porque parte do que foi levado do nosso Porto datava também de 1947, de uma estrutura que sofria já avarias com as enchentes.

E para concluir, Presidente, é um apelo de todo o estado, os municípios estão fazendo, o próprio governador está preocupado, é no sentido do nosso turismo, aproveitando a imprensa que aqui está, porque nós temos que continuar dizendo que Santa Catarina continua linda, as nossas praias estão intactas e nós precisamos que o povo venha para cá como sempre veio. Aliás, uma boa maneira de continuar ajudando Santa Catarina, nessa condição, será os turistas do nosso Brasil, que continuem vindo de todo o Brasil para Santa Catarina, porque isso vai continuar gerando empregos, o que é muito importante em uma situação difícil como essa, que as pessoas possam manter seus empregos e uma grande força motriz para a nossa geração de empregos, para o nosso estado, está no turismo. Então, acho que está aí um grande apelo importante para que o Brasil continue nós ajudando.



Muito obrigado ao Presidente, a todo o governo federal, quero agradecer também todo o apoio do governo do estado, ao nosso governador e ao povo brasileiro, que tem nos ajudado imensamente, e agradecendo a imprensa toda do Brasil, que foi muito importante e decisiva nesses momentos difíceis que nós vivemos e nesse processo de reconstrução que nós já estamos realizando.

Obrigado.

**Presidente:** Companheiro Luiz Henrique.

**Governador Luiz Henrique:** Caro presidente Lula; caro amigo de décadas, embaixador Chen Duqing, que nos honra aqui com a sua presença. Caros amigos ministros de Estado; caros senadores Ideli Salvatti e Neuto De Conto, caros deputados Cláudio Vignatti e Décio Lima; prezados amigos da imprensa; prezados amigos.

Eu vou reiterar aqui aquilo que tenho dito e que disse há pouco ali na reunião com os ministros. Eu estou cumprindo meu 11º mandato. Ao longo dos últimos 40 anos eu tenho cumprido mandatos sucessivos, um após o outro, sem interrupção. Então vivi muita crise, muita seca, muita enchente, aliás, aqui no Vale do Itajaí, tem ocorrido desde 1852 uma enchente a cada quatro anos. E eu não presenciei, em nenhum momento da minha vida pública de 40 anos, o governo federal agir com tanta agilidade, com tanta rapidez e de uma forma integrada, movimentando todos os ministros na direção do nosso estado. Isso minimizou a nossa dor. A dor de chorar 126 mortos, já. Isso minimizou a nossa preocupação quanto ao futuro do estado. Isso nos deu a confiança de que nós rapidamente vamos transformar essa crise em uma nova oportunidade de desenvolvimento.

Desde o primeiro instante, nós estabelecemos cinco metas de ação. E para todas essas metas nós tivemos o apoio irrestrito do governo federal. A solidariedade e a ação deliberada são diuturnas dos nossos prefeitos e das



nossas lideranças, das nossas comunidades. Nós estabelecemos cinco linhas de ação, sucessivas, mas simultâneas. A primeira foi a de salvar vidas, abrigá-las, alimentá-las. A segunda foi de prevenir a saúde da população. A terceira foi de limpar, desobstruir, retirar os entulhos que as águas trouxeram para as cidades e também o desmoronamento. A quarta, da reconstrução. Reconstrução de estradas, de escolas, de postos de saúde, de linhas de rede elétrica, a reconstrução dos dois gasodutos. E a quinta, que talvez, neste momento, seja a mais importante, é de fazer uma profunda investigação das causas dessa tragédia, por que ela teve essa proporção, por que ela se tornou a maior tragédia climática de toda a história de Santa Catarina.

E, ao investigar a tragédia, nós queremos que os estudos científicos de engenharia, de hidrologia, de geologia, nos indiquem as obras e ações que devem ser feitas para que este fenômeno não se repita ou, se se repetir, não cause os danos que causou. Por isso, no dia 17 de dezembro, nós estaremos em Blumenau, reunindo o que há de melhor na comunidade científica deste país, trazendo as universidades e instituições de excelência como a COP, o IPT o Instituto de Geologia de São Paulo, para desencadear um processo, sob coordenação da nossa Fundação de Amparo à Pesquisa, que nos diga dentro de um breve tempo, quais as causas desse fenômeno, desse desastre. E que nos diga também que obras devem ser feitas para preveni-las.

Eu quero salientar que essa tarefa terá uma importância extraordinária, porque mesmo que as obras que sejam indicadas nos estudos representem o dispêndio de bilhões, esses bilhões serão quantias insignificantes diante da repetição de uma tragédia como essa e dos lucros cessantes para a economia catarinense brasileira.

A paralisação do Porto representa uma redução de atividade para o País todo. O Porto movimenta quanto, Ivonei?

**Prefeito Ivonei:** Trinta e cinco milhões de dólares por dia, mais de 1 bilhão por



mês.

**Governador Luiz Henrique:** Mais de US\$ 1 bilhão por mês que está sendo deixado de movimentar. Sessenta empresas de Santa Catarina ficaram sem trabalhar por falta de suprimento de gás, e outras tantas por falta de suprimento de energia elétrica. De modo que essas obras terão um valor muito pequeno diante dos prejuízos que nós estamos tendo com essa tragédia.

Por último, eu quero agradecer a vocês da imprensa, que têm sido prestimosos, não só na divulgação dos fatos, mas nas campanhas que têm realizado, as campanhas que as emissoras de televisão e os órgãos de imprensa têm realizado. Eu quero agradecer a todos vocês. E dizer que não é só o litoral que está em condições de receber os turistas nessa temporada. Cidades como Blumenau, que sempre foi o maior pólo turístico do estado também já está preparada, pela rapidez com que seu povo limpa a cidade após cada enchente, pela capacidade laborativa daquele povo. Também Blumenau e outras cidades do interior estão preparadas para receber os turistas.

E o que os senhores da imprensa puderem fazer para levar essa realidade, de que Santa Catarina não está padecente de um processo de terra arrasada, de que houve um fenômeno, sim, um fenômeno localizado numa região e em alguns bairros de algumas cidades, mas não afetou como um todo o nosso estado. Levar essa mensagem, para que nós possamos não ter um prejuízo tão significativo ainda maior, com a redução do fluxo de turistas neste verão.

Eu quero dar um dado para vocês da imprensa. A catástrofe começou no dia 22 de novembro, no dia 25 de novembro teve o último recolhimento do mês de novembro dos tributos estaduais, no dia 10 teve a primeira parcela deste mês, e já perdemos, do dia 22 de novembro até o dia 10 de dezembro, R\$ 72 milhões. Como 25% é dos municípios, os municípios perderam aí por volta de R\$ 16 milhões de reais, apenas em 20 dias, só para avaliarem os





prejuízos que essa crise nos trouxe.

Por último eu quero dizer, Presidente, obrigado, obrigado por tudo, e eu sei que vamos contar com a sua força, a força de seu governo para refazer o que foi desfeito nessa catástrofe.

**Presidente:** Eu tenho mais pouco tempo aqui porque tenho que levantar vôo enquanto tiver luz do dia. Bem, eu acho, Luiz Henrique, que merece aqui a gente fazer um registro que a imprensa toda já fez, mas é bom reiterar, que foi o papel das Forças Armadas em toda a região que foi alagada, das pessoas que tiveram problemas com essa chuva. Ou seja, um trabalho primoroso, e eu penso que o mesmo que foi feito aqui, foi feito na Bolívia, quando teve uma enchente na Bolívia o Presidente Evo Morales me ligou, eles não tinham condições de fazer, foi lá a nossa Força Aérea, foi lá o nosso Exército e salvaram centenas de milhares de pessoas.

Quero agradecer aqui o trabalho intensivo da senadora Ideli Salvatti, do senador Neuto De Conto, dos deputados de Santa Catarina, do Vignatti, do Décio. Porque essa coisa que a Dilma apresentou aqui, nós temos um relatório das coisas com que nós nos comprometemos, das coisas que foram pactuadas com o governador. Esse relatório, o governador vai ter um na sua mão, cada ministro vai ter um, a Dilma vai ter um, os senadores vão ter, os deputados, porque nós queremos acompanhar a concretização de cada coisa que nós nos comprometemos a fazer.

É importante que a imprensa compreenda que nem tudo que a gente fala hoje acontece hoje, algumas coisas precisam de documentação, precisam de provas para a gente poder liberar as coisas. Ou seja, quando nós anunciamos a liberação do Fundo de Garantia na sua totalidade para quem tem Fundo de Garantia, alguém vai ter que provar que o cidadão ou a cidadã foi vítima de enchente, porque não tem como o governo federal liberar recurso se não tiver.



Mas a união e a harmonia existente entre a equipe do governo estadual, do governo federal e dos prefeitos vai permitir que a gente, a partir dessa ação conjunta dos três entes federados aqui, em Santa Catarina, vai permitir que nós criemos um novo paradigma para cuidar de catástrofe no Brasil. Às vezes, por burocracia, você anuncia a liberação de determinados recursos e, às vezes, passa um ano e aqueles recursos não conseguiram ser viabilizados, ou porque o prefeito não cumpriu com as regras que tem que prestar conta ao estado, ou o papel da calamidade não ficou pronto.

E nós agora queremos acompanhar passo a passo isso, para que a gente crie um novo paradigma. E eu acho que até agora nós estamos conseguindo esse intento. Nós temos que olhar o povo que perdeu as suas casas, nós temos que olhar o povo que perdeu a sua lavoura, nós temos que olhar os empresários que deixaram de produzir, nós temos que olhar a pequena e média empresa que foi afetada pela enchente. Então nós temos que procurar todos os instrumentos que estiverem à disposição do governo federal, nos mais diferentes ministérios, para que a gente possa, junto com o estado, junto com as prefeituras, ser um exemplo de ação contra a revolta das intempéries, quem sabe contra nós mesmos, seres humanos.

Eu quero agradecer ao companheiro Luiz Henrique, agradecer aos prefeitos da região, e aqui na pessoa do Volnei, porque eu acho que quando a gente se dispõe a trabalhar de forma unitária, de forma harmônica, as coisas funcionam. E, sobretudo, eu queria agradecer o comportamento da imprensa, porque normalmente, quando acontece uma coisa dessas, é um tal de alguém ficar procurando quem é o culpado: “Por que choveu muito? A culpa é do prefeito, que não colocou um guarda-chuva na cidade”. Ou: “Por que choveu muito? A culpa é do governador, que não armou uma barraca para cobrir os **(incompreensível)**, ou a culpa é do governo federal”. Ou seja, sempre há a procura de um culpado.

Desta vez eu acompanho o que aconteceu aqui pelos jornais, pela



televisão, e eu acho que a imprensa trabalhou com uma sobriedade extraordinária, mostrando exatamente as coisas como elas eram e, inclusive, compreendendo de que quando cai uma casa você não consegue repô-la no mesmo dia, ou quando o cidadão perde a sua lavoura você não consegue repor no mesmo dia, que essas coisas levam tempo, tem um processo de maturação.

Então, acho que isso aconteceu da forma mais extraordinária possível, e eu acho que é assim que o Brasil precisa aprender a tratar dos seus problemas. Porque no Brasil, muitas vezes, acontece uma desgraça, a primeira coisa que as pessoas pensam é saber o seguinte: quem é o culpado?

Se a gente pegar o que aconteceu com aquele avião da Gol, e a gente pegar a imprensa da época, vocês vão perceber que a cada dia aparecia um culpado. Levou dois anos para que a gente, com responsabilidade de aferição técnica, científica, pudesse mostrar. E ontem foi dada uma entrevista coletiva pelo Cenipa, que fez a investigação, uma instituição da maior respeitabilidade no mundo, e a repercussão não foi grande, porque não tem mais culpado, ou seja, já se sabe que um acidente às vezes acontece porque é coisa do destino, e a repercussão não foi sequer do tamanho que foram as acusações anteriores.

Então, eu acho que a imprensa, nesse episódio de Santa Catarina, teve um papel e está tendo um papel extraordinário. E eu acho que é assim que a gente deveria tratar as coisas no Brasil, sempre com mais seriedade e sempre com mais sobriedade, que a gente, antes de culpar alguém, a gente investigasse.

O caso de Santa Catarina, por exemplo: enchente, o povo de Santa Catarina está acostumado. É só a gente ver a topografia da região que a gente percebe que todo mundo que construiu uma casa na várzea, encostada no rio, sabia que um dia ia ter enchente, e esse povo está acostumado com enchente. Eu vim a Blumenau, acho que a primeira vez em 1980, já teve enchente em



Blumenau, já teve enchente aqui.

Agora, o fenômeno desse aqui é a quantidade de chuvas no mesmo período e o deslizamento de morros que, num primeiro momento, você poderia dizer: “Bom, isso foi por conta do desmatamento”. E quem sobrevoou essa região percebe que tem área altamente florestada, com floresta nativa e que desbarrancou.

Então, acho que o governador está certo: convocar parte da inteligência brasileira para vir aqui, discutir com seriedade o fenômeno que aconteceu, para que a gente possa construir alguma coisa que evite que isso volte a se repetir. Obviamente que não vamos nunca evitar a quantidade de chuva, porque essa quem manda é o nosso amigo lá de cima, e a gente não tem controle. Agora, quando ela chegar aqui embaixo, nós temos que fazer a nossa parte e tentar evitar que ela cause o estrago que causou.

Por isso, Luiz Henrique, eu queria me despedir de vocês e dizer para você que lamentavelmente você vai ficar aqui e eu, domingo de manhã, vou receber a Xuxa, que vai lá em casa dar uma contribuição para Santa Catarina. Ela vai ter um show em Brasília, acho que amanhã à noite, e no domingo de manhã ela vai em casa entregar uma contribuição para Santa Catarina. Já tem um pedido da meninada da escola, lá em Blumenau, para ela vir fazer um show aqui. Certamente eu irei transmitir o apelo das crianças, para que ela venha fazer um show. O Ronaldão, depois que foi contratado pelo Corinthians, já ganhou dinheiro suficiente para dar 50 toneladas de alimentos aqui. Mas já estava sabendo.

De qualquer forma, gente, eu quero agradecer a vocês e dizer ao Luiz Henrique aquilo que eu já disse da outra vez: Luiz Henrique, nós não somos apenas Presidente, Governador e Prefeito, Volney, nós ainda somos parceiros de uma causa maior – o bem do povo brasileiro. E eu acho que é essa a nossa tarefa e que ela prevaleça antes, durante uma catástrofe dessas e depois disso, porque eu acho que nós estamos vendo uma catástrofe na economia



mundial, que não foi causada por chuva, que não foi causada por terremoto, que foi causada pela especulação financeira, pela falta de controle do sistema financeiro. E que os países pobres, os países emergentes, ou os Brics, como China, Brasil, Rússia, México, Índia, Argentina e tantos outros que, depois de 20 anos sem crescer, começaram a crescer, gerar empregos e distribuir renda, são vítimas de um sistema financeiro descontrolado, irresponsável, praticado pelos países ricos do mundo.

Aqui, no Brasil, nós estamos tomando todas as medidas para que essa crise não chegue com a profundidade que já chegou nos Estados Unidos, onde mais de 600 mil pessoas estão perdendo emprego, por mês. Nós, aqui, graças a Deus, no último mês de outubro, atingimos, em 10 meses, 2 milhões e 200 mil trabalhadores contratados com carteira profissional assinada. É tudo o que o Obama quer criar até 2011.

Mas, certamente, se nós não convenceremos a sociedade brasileira que o governo está cumprindo com a sua parte, os governos estaduais vão ter que fazer a sua parte, os prefeitos... Nós não podemos parar nenhuma obra, não podemos parar nenhum investimento. Tudo o que a gente tiver que cortar a gente vai ter que cortar em custeio, mas não parar nenhum centavo de investimento em obras de infra-estrutura, o que significa mais emprego, mais renda, significa comprar cimento, comprar aço, contratar caminhão, ou seja, significa a gente dinamizar a economia.

E obviamente que junto com o problema da falta de crédito – nós ontem tomamos várias medidas para resolver o problema do crédito – nós temos o problema do pânico, ou seja, nós temos uma sociedade que foi doutrinação, nos últimos 40 dias, de que a crise vai pegar feio e que, portanto, as pessoas não podem gastar. E muita gente não está comprando nada de bens duráveis... Analisem o seguinte: alimento e pequenas compras, é só ir ao shopping para vocês perceberem que o povo está comprando de forma excepcional.

Eu estive com os grandes supermercados brasileiros, eles estão



vendendo como nunca, e quem está comprando muito é a chamada classe, que antes era classe E e classe D, que passaram para classe C, que estão fazendo compras no supermercado.

Nós temos um outro tipo de gente que pode comprar algumas coisas de bens duráveis, pode comprar carro, geladeira, televisão, computador, e essas pessoas estão com medo de fazer dívida porque podem perder o emprego depois e não pagar. Agora, é preciso que vocês ajudem a dizer para essas pessoas que eles perderão o emprego exatamente por não comprar. Ora, porque se não compra a empresa não produz, o comércio não vende, a imprensa não terá publicidade e tudo ficará muito ruim para todos nós.

Então, nós estamos tomando as medidas. Eu tive uma reunião ontem, com 26 empresários, que representam grande parte do PIB brasileiro, e todos nós temos um compromisso, empresários, trabalhadores, governos federal, estadual e municipal, de a gente não permitir que essa crise crie aqui, no Brasil – e eu tenho certeza que essa é a preocupação do Presidente Hu Jintao, que colocou US\$ 650 bilhões para fortalecer o mercado interno.

E a diferença entre nós e os países ricos é que nós estamos liberando dinheiro para a produção, para garantir o emprego, e lá eles estão colocando trilhões de dólares só para pagar o rombo dos bancos que especularam. Quando eles começarem a colocar dinheiro na produção rapidamente, eles vão resolver o problema.

Eu fiquei decepcionado hoje, em saber que o Congresso americano não aprovou o dinheiro para a GM, para a Ford e para a Chrysler, porque é impensável, eles começaram pedindo 50 bilhões, reduziram para 34 e ontem o Congresso negou 14. E se empresas como a Ford, como a GM e a Chrysler quebram, nos Estados Unidos, é um problema sério, porque vai ter milhões e milhões de desempregados no mundo, que trabalham nessas empresas. Graças a Deus aqui, no Brasil, essas empresas estão bem. E pelas medidas que nós tomamos ontem, isentando o IPI de carro e de caminhões, eu espero



que vocês comprem o carro que vocês prometeram às esposas, às namoradas e a vocês mesmos.

Gente, um grande abraço e até a próxima.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Avenida do Cardoso e de entrega de apartamentos de núcleos habitacionais**

**Belo Horizonte-MG, 12 de dezembro de 2008**

Meu caro amigo Governador do Estado de Minas Gerais, Aécio Neves,  
Meu caro amigo, companheiro Patrus Ananias, Ministro do Desenvolvimento e Combate à Fome,

Meu caro amigo, companheiro Ministro Marcio Fortes, Ministro das Cidades,

Deputada Federal Jô Moraes,

Deputado Federal Miguel Corrêa,

Nosso querido companheiro Fernando Pimentel,

Nosso companheiro Benedito, em nome de quem cumprimento todos os trabalhadores aqui presentes,

E nosso querido companheiro Wilson Tavares de Faria, representante dos moradores da Vila do Aglomerado da Serra,

Meus companheiros deputados estaduais,

Secretários municipais,

Vereadores,

Moradores da Vila do Aglomerado,

Eu não poderia deixar de vir a Belo Horizonte antes de terminar o mandato do nosso querido companheiro Pimentel. Eu até ia hoje de manhã para Florianópolis, acertei com o Pimentel que mexesse um pouco no horário da missa dele, acertei com o Governador de Santa Catarina que mudasse um pouco a agenda, porque vai chover em Santa Catarina às 4 horas da tarde. E eu vim aqui porque eu tenho gratidão com o Pimentel, acho que o PT tem





gratidão com o Pimentel. Acho que a relação que o Pimentel estabeleceu com o companheiro Patrus, no primeiro governo, como Secretário da Fazenda; o compromisso e o comprometimento dele com o Célio de Castro, também como Secretário no primeiro governo do Célio de Castro; depois o papel que o companheiro Pimentel exerceu na Vice-Prefeitura, sendo Vice-Prefeito do Célio e, depois, nesses dois mandatos de Prefeito da cidade de Belo Horizonte, eu tenho a convicção de que os moradores de Belo Horizonte saberão medir, daqui para a frente, um novo paradigma para qualquer prefeito que venha a governar a cidade de Belo Horizonte.

Se os gestores públicos, daqui para a frente, tiverem um mínimo da responsabilidade que tiveram esses companheiros que eu falei com vocês: Patrus, Pimentel, Célio de Castro e, agora o Márcio, que acaba de ganhar as eleições, se todos eles forem olhados com seriedade pelos futuros gestores deste país, nós nunca mais iremos ter o povo pobre morando em lugares inadequados, na beira de córrego podre, nas encostas de morros, e a cada vez que chove esse pobre fica colocando a sua vida à própria sorte.

Eu dizia, no carro, para o governador Aécio: É muito mais caro a gente fazer o reparo de uma vila que foi montada de forma desorganizada, do que se a gente tivesse, no começo, organizado aquela vila e feito com que as pessoas morassem com o máximo de dignidade.

O meu orgulho de vir aqui, além de cumprimentar, porque será a última vez que eu vou ver o companheiro Pimentel antes do Natal e antes de ele deixar a Prefeitura, é também inaugurar esta Avenida Cardoso. Não é pouca coisa. Eu vi ali a foto de como era antes e de como está agora, e eu acho que se algum tempo atrás o povo dessa vila tinha, às vezes, até raiva de morar em um lugar em que o Poder Público nem passava perto, que prefeito não vinha aqui, que governador não vinha aqui, que deputado não vinha aqui, agora, com essa avenida do jeito que está, os prefeitos, os governadores, os deputados e o Presidente da República terão que olhar muito mais, porque isso aqui é a



demonstração de que é possível a gente melhorar a vida do povo deste país. É possível melhorar a vida das pessoas mais pobres, que é para quem a gente deve governar.

Antigamente, uma avenida dessas só seria feita no centro da cidade. Uma avenida dessas não seria feita na periferia. Na periferia se faz, eu diria, picada, se faz qualquer coisa, menos uma avenida dessa qualidade.

Por isso, Pimentel, eu quero te cumprimentar, porque somente um companheiro que tem o compromisso político que você tem, que passou tempos na cadeia lutando por liberdade neste país, que tem compromissos com a questão social no nosso Brasil, somente uma pessoa como você foi capaz de convencer o governo estadual e o governo federal a, junto com a prefeitura, colocarem dinheiro para a gente dizer para o povo da Vila Aglomerado: “Nós agora temos orgulho de morar nessa vila. Nós não somos, agora, da periferia. Nós, agora, somos cidadãos de primeira classe”. Então, Pimentel, meus parabéns.

Mas uma outra coisa que eu sou obrigado a falar com vocês, porque também tenho que falar antes do Natal com vocês... **(falha técnica no microfone do Presidente)** O microfone está em crise. Não, aqui está bom. Vai que esse aí não funciona bem... Mas uma coisa que eu queria falar, até para aproveitar a presença da imprensa, a presença do Prefeito, do Governador, dos ministros. Eu queria falar um pouco dessa crise que tanto vocês estão vendo na televisão, lendo nos jornais e ouvindo no rádio.

Vejam, durante os últimos 50 anos, toda vez que a gente ouvia falar em crise, essa crise acontecia nos países pobres: ou no Brasil, ou na Rússia, ou na Malásia, ou em qualquer outro país, no México, na Argentina. Mas esta crise que nós estamos vivenciando é uma crise que nasceu no coração da economia mais rica do Planeta. É uma crise que os Estados Unidos estão exportando para o mundo. A crise americana pegou toda a Europa, ela pegou o Japão, e o país que até agora tem demonstrado menos problemas com a crise é



exatamente o nosso querido Brasil.

O Brasil, eu já tive a oportunidade de dizer ao Prefeito e ao Governador, já fiz uma reunião com os ministros, e de todos os países que foram a Washington fazer uma reunião no dia 15 de novembro, chamada G-20, em que estavam os Estados Unidos, França, Itália, Alemanha, Brasil, China, Índia, de todos os 20 países ficou claro que o Brasil era o país que estava em melhores condições.

Entretanto, esta crise pode chegar ao Brasil e causar problemas ao Brasil, porque além da questão econômica dos Estados Unidos, além da questão econômica da União Européia, além da questão econômica do Japão, esta crise já chegou à China, esta crise já chegou à Índia, e ela vai chegar nos outros países. É preciso saber a que tamanho que ela pode chegar e nós poderemos definir o tamanho que esta crise pode chegar ao Brasil.

Eu fico imaginando... Vocês viram que ontem nós tomamos medidas, e todas as medidas que nós estamos tomando são para facilitar o crédito, ou seja, quando a prefeitura faz uma obra dessas, o que está acontecendo? Além da melhoria da qualidade de vida das pessoas, aqui as empresas estão comprando cimento, as empresas estão comprando tijolo, as empresas estão comprando ferro, as empresas estão comprando telha. Ou seja, significa que a economia vai girando. A prefeitura investe, o estado investe, o governo federal investe, e as indústrias têm que produzir para atender aos investimentos que a gente está fazendo.

Por isso é que nós tomamos uma atitude de não parar nenhuma obra do PAC. O governo federal não vai parar nenhuma obra do PAC neste país. E eu tenho pedido aos governadores que também não parem nenhuma obra sua, tenho pedido aos prefeitos que não parem nenhuma obra. Se a gente tiver que diminuir os investimentos nossos e economizar mais dinheiro, nós temos que cortar é no custeio e não no investimento de obras, porque investir em obras significa a gente gerar empregos, gerando empregos a gente gera um salário,



gerando um salário a gente gera um consumidor, gerando um consumidor ele vai comprar as coisas e as empresas vão produzir, o comércio vai vender, a economia vai girando e todo mundo vai ganhando com isso. Se a gente permitir que a economia pare, aí nós estamos desgraçados.

E por que eu estou dizendo isso para vocês? Porque quando eu leio um jornal, ou quando eu vejo televisão, às vezes, eu tenho até medo de sair de casa, porque a crise parece que acabou com o Brasil. Então, o que acontece? O Aécio... ele não, que ele não vai perder o emprego, tem dois anos de mandato. Mas um trabalhador qualquer do Brasil, mesmo que seja servidor público que tenha estabilidade, mesmo que ele tenha dinheiro para comprar um carro, para comprar uma geladeira, ou para comprar uma televisão, ele está ouvindo falar tanto em crise, que ele diz: “Espera aí, eu não vou fazer uma dívida de 40 meses, 30 meses, 20 meses. E se eu perder meu emprego?”. Então, ele prefere guardar o dinheiro. Ora, o trabalhador da fábrica também, fala: “Eu não vou comprar nada, porque eu posso perder o meu emprego e não vou ter como pagar a prestação”.

Qual é o problema? O problema é que se todo mundo acha que não vai comprar, que não vai fazer prestação porque pode perder o emprego, aí é que nós vamos perder o emprego. Se as pessoas não compram, a fábrica não produz; se a fábrica não produz, o comércio não vende; se o comércio não vende, a economia pára. Se a economia pára, o que vai acontecer? Nós vamos perder o nosso emprego. Essa é a lógica perversa da economia.

A economia brasileira é uma economia sadia. Nós temos reservas, nós temos dinheiro no Tesouro para financiar o crédito. Os bancos têm que baixar os juros, as indústrias precisam baixar o preço dos seus produtos, o número de prestações tem que caber no bolso do consumidor, porque se a gente não agir assim a economia vai parar, e se ela parar, aí sim, é que nós vamos perder o emprego.

Vocês viram na televisão, na semana passada, o Presidente eleito dos



Estados Unidos dizendo que vai gerar 2 milhões de empregos até 2011, que vai investir em obras de infra-estrutura. Na verdade, acho que ele vai fazer um PAC, acho que ele vai fazer um PAC lá. Qual é o problema? É que ele está prometendo criar 2 milhões de empregos até 2011. Somente este ano no Brasil, de janeiro a outubro, nós criamos 2 milhões e 200 mil empregos com carteira profissional assinada.

Eu tenho certeza de que a cidade de Belo Horizonte e que o estado de Minas Gerais vivem hoje o menor índice de desemprego da história, deste estado e desta cidade. O Brasil, hoje, tem o menor índice de desemprego da história desde que começou a ser medido o desemprego no Brasil. E nós temos que trabalhar para que a gente não permita que haja um retrocesso no Brasil.

Agora, muitas vezes é desagradável, porque eu fico vendo artigos, eu fico vendo comentaristas, a impressão que eu tenho é que eles estão torcendo, Aécio, para as coisas darem errado. Tem gente que torce: “Deus queira que a crise venha logo, para esse Lula não crescer nas pesquisas. Deus queira. Deus queira. É preciso que a crise derrote o governo”. O imbecil não sabe que se a crise vier o derrotado não será o governo, será o País, que está experimentando o maior índice de crescimento da sua história.

Há quanto tempo vocês não viam o Estado investir em obras de infra-estrutura? Há quanto tempo? Desde o governo Geisel que o Estado brasileiro não investia em obras de infra-estrutura. Agora que as coisas estão dando certo, e os americanos, que nunca nos deram dinheiro, agora criam essa crise, nós não podemos pagar o pato.

Por isso que ontem eu fiz uma reunião com os empresários maiores do Brasil, para que a gente estabeleça uma política em que cada um de nós tem que fazer a sua parte. O governo federal faz a sua parte, os empresários fazem a sua parte, os prefeitos fazem a sua parte, o governador faz a sua parte e os trabalhadores terão que fazer a sua parte. Todos nós teremos que trabalhar de



forma harmônica, cada um fazer o sacrifício que tiver que fazer, para que todos ganhem, para que todos percam o menos possível.

Eu nunca tive nada na minha vida de graça, nada, nunca tive nada de graça. Vocês sabem o quanto, muitas vezes, nós somos vítimas de preconceito. Mas eu adoro, adoro desafios. Se tem uma coisa que eu gosto é de ser provocado, adoro ser provocado. Então, eu estou sendo provocado por uma crise mundial que não tem nada a ver com o nosso país. E vou olhar na cara dessas crianças para dizer: “Nós vamos vencer esta crise e vamos sair muito mais preparados do que entramos nela”.

E eu tenho certeza de que o companheiro Márcio, quando tomar posse no dia 1º, vai dar seqüência às obras que já estão sendo feitas. O Aécio tem dois anos para colocar muito dinheiro na Prefeitura. Eu posso ajudar muito o Márcio porque para mim não tem partido, para mim tem compromisso. O prefeito é prefeito, o governador é governador, e nós temos que trabalhar juntos para que as coisas andem. O partido a gente discute na época das eleições. Na época das eleições a gente discute a questão partidária. Depois que a gente ganha as eleições, a gente tem que governar.

Por isso, meu querido prefeito Pimentel, é com muito orgulho que, faltando poucos dias para você deixar o mandato, eu venho à sua extraordinária Belo Horizonte, aqui nesta Vila Aglomerado, para dizer a vocês: queira Deus que Belo Horizonte tenha, daqui para a frente, outros prefeitos iguais a você ou melhor do que você, porque esse povo pobre merece respeito, merece dignidade e merece cidadania.

Pimentel, um grande abraço. Feliz Natal e Feliz Ano Novo para o povo mineiro e para o povo de Belo Horizonte. Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da 11ª Conferência Nacional de Direitos Humanos e entrega do 14º Prêmio dos Direitos Humanos**

**Palácio do Planalto, 15 de dezembro de 2008**

Outro dia eu estava num ato e uma pessoa gritou “lindo” e eu falei: “Mentirosa”.

Companheiro Paulo Vanuchi,  
Companheiros ministros,  
Companheira Carmelita Pires, Ministra da Justiça de Guiné Bissau, que nos visita e participa deste encontro,  
Companheiros delegados,  
Companheiros e companheiras,

Eu vou deixar minha nominata de lado, Paulinho, porque a nominata é muito longa e eu queria falar um pouquinho com vocês. Não se assustem com o discurso, porque eu também não vou lê-lo.

Eu queria dizer para vocês da grata alegria, da grata satisfação de estar participando desta 11ª Conferência Nacional de Direitos Humanos. Eu não sei quantos países no mundo tem uma sociedade ativa como tem a sociedade brasileira. E cada vez que a gente olha para a frente e vê que já conquistamos alguma coisa, nós olhamos para trás e percebemos que nós já conquistamos algumas coisas, e olhamos para a frente e percebemos o quanto falta ainda a gente conquistar, neste país. Esse é um processo, e é inexorável que ele seja assim. Na medida em que a sociedade vai se organizando, na medida em que a sociedade vai aumentando o seu nível de consciência, as conquistas vão acontecendo uma atrás da outra.

Se nós quiséssemos pegar um exemplo de que as coisas, muitas vezes,



não dependem apenas de vontade política, porque eu passei 30 anos da minha vida achando que tudo dependia da vontade política... Vamos pegar o caso da Raposa Serra do Sol, que é um caso emblemático, que é o caso mais recente, em que logo em 2004 nós propusemos um acordo, era praticamente um pacote, que atendia não apenas os índios da Raposa Serra do Sol como a outras pessoas no Brasil, que defendiam a questão da demarcação em área contínua na Raposa Serra do Sol, fizemos um pacote e esse pacote não foi implementado porque havia muita contradição e muita resistência a esse pacote, até que o processo foi parar na Justiça. E quando chega na Justiça, nós estávamos com 8 a 0, demarcando a área de forma contínua e, de repente, um ministro pede vista e nós temos apenas que aguardar que haja o resultado final, apesar de 8 a 0 já ter definido praticamente a maioria absoluta na Suprema Corte, em favor daquilo que estava no projeto original.

De qualquer forma, foi pedido vista, o Supremo Tribunal Federal entra em recesso por esses dias, e eu penso que isso só deve ser votado lá para março do ano que vem, quando tiver reabrindo a Suprema Corte. E assim tantos outros casos.

Agora, uma coisa, vocês que são militantes dos direitos humanos neste país, sabem que nós conseguimos avançar em muitas áreas. Sabem o que a nossa companheira Nilcéia conseguiu avançar, na conquista dos direitos para as mulheres, sabem o que o Edson conseguiu avançar, na conquista do direito dos negros, coisa que a Matilde já tinha avançado muito, e sabem que o Paulinho Vanuchi avançou de forma extraordinária na questão dos direitos humanos.

E nós sabemos que temos muito, mas muito, para avançar. Nós temos que quebrar barreiras, fazer novas leis, mudar a cabeça das pessoas, politizando as pessoas sobre um sem-número de coisas, que parecem um absurdo. Não faz pouco tempo eu fui criticado porque disse que era preciso criar o “dia da hipocrisia” neste país, porque tem tanta coisa que a gente





poderia fazer e que, muitas vezes, não se discute com a profundidade que deveria se discutir vários assuntos. Entretanto, eu sou daqueles que acham que não tem retorno na conquista da sociedade para que os Direitos Humanos possam definitivamente dar a cada um de nós total possibilidade de não vermos as coisas que a gente ainda vê na televisão, nos jornais e no cotidiano de cada um de nós.

E eu digo sempre que uma das coisas mais ofensivas que eu sinto é a questão do preconceito. É o medo de discutir, é a disposição de não querer enfrentar determinados temas porque parecem tabus, e a gente não sabe quem foi que fez a lei criando o tabu para determinadas coisas que não se discute abertamente no Brasil. A questão do aborto, não se trata de ser contra ou a favor, se trata de nós discutirmos com muita franqueza, que é uma questão de saúde pública, é uma questão de saúde pública.

Se perguntarem para mim, eu já disse isso abertamente, se perguntarem para mim, eu sou contra. Ora, meu Deus do céu. Mas quantas madames vão fazer aborto até em outro país, e as pobres morrem na periferia dos grandes centros urbanos deste país? Isso é uma coisa que nós temos que debater e não ter medo de debater. Não se trata de quem gosta da vida ou não, porque eu acho que tem pouca gente que gosta mais do que eu de defender a vida. A vida inteira brigo por isso, mas é preciso apenas que a gente faça o debate.

A questão do negro neste país, dizer que não tem preconceito no Brasil, é lógico que tem. A Constituição proíbe, a Constituição assegura que não deve ter preconceito, mas o preconceito não é uma lei, é uma cultura. Então ou nós enfrentamos esse debate com muita força e debatemos em todos os lugares, ou nós vamos atravessar mais um século com preconceito. A gente não pode se esquecer nunca que há 40 anos morria Luther King, e 40 anos depois, os Estados Unidos, que são um país que tem muito racismo, elegem um negro presidente da República, é um feito extraordinário. Da mesma forma que é um feito extraordinário a eleição de um índio para presidir a Bolívia.



Ora, na verdade, isso tudo nos conduz a ter consciência de que a gente conquista as coisas, basta a gente perseverar. Eu me lembro do preconceito quando se colocou na minha agenda, no ano passado, que eu ia participar da primeira conferência dos companheiros e das companheiras do LGBT. Eu lembro mesmo: “o que a imprensa vai dizer, o Presidente vai participar, sabe, não é prudente, a imprensa vai massacrar o Presidente” O que aconteceu? A Conferência deu um banho de cidadania que a imprensa não pôde sequer fazer uma crítica.

Eu penso, meu companheiro Paulinho, que você me convidou para o dia errado. Eu, na verdade, não deveria estar aqui na abertura, eu deveria estar no encerramento, onde vocês vão me entregar uma pauta de reinvidicação daquilo que vocês aprovaram. Eu não posso voltar porque eu vou para a Bahia agora, em uma reunião de todos os presidentes da América Latina e do Caribe, e depois eu vou receber o presidente de Cuba, o Raúl Castro, aqui na quinta-feira.

Então eu não poderia participar, mas como eu tenho certeza de que vocês sabem da relação que Paulinho e eu temos... Certamente ele me levará da forma mais fiel possível aquilo que aqui for aprovado, e podem ter certeza de uma coisa, companheiros: não é pouca coisa o que nós conquistamos neste país, o que a sociedade civil conquistou neste país, de Direitos Humanos. Não é pouca coisa. Falta muito? Falta. Falta muito para a gente conquistar, mas temos que trabalhar. Quem defende as cotas acha que é uma maravilha a cota para o povo negro na universidade, mas precisa olhar o outro lado, quantas pessoas são contra e ficam criticando? E quando nós aprovamos o ProUni... Graças a Deus, já tem 40% dos alunos do ProUni negros e negras da periferia. Então o que é importante é que a gente não perca a esperança de que a gente vai avançar a cada dia. E vai avançar não por minha causa, ou apenas por causa do Paulinho, a gente vai avançar porque vocês há muito tempo conquistaram o direito de transformar os direitos humanos numa coisa do dia-



a-dia de uma grande parcela da sociedade brasileira. Não é mérito pessoal do Presidente ou do ministro, é mérito de cada um de vocês, que mesmo quando tinham um governo que não queria discutir, vocês estavam nas igrejas, nas casas paroquiais, nas ruas, fazendo manifestação e reivindicando direitos humanos. Essa é uma típica conquista da sociedade brasileira e qualquer pessoa compreende isso.

Então eu queria dizer para vocês, companheiros e companheiras... a primeira coisa é que não tenham nenhum receio de colocar no papel as coisas que vocês entendem que precisam melhorar e melhorar muito. É importante saber que uma das maiores conquistas dos direitos humanos é a democracia, é a convivência democrática na diversidade. Ninguém precisa falar a mesma língua, ninguém precisa ter a mesma cor, o mesmo cabelo. Nós poderemos ter idéias diferentes, mas o que é importante é que a gente tenha a grandeza de sentar em torno de uma mesa e discutir. E aprovar não aquilo que eu quero, mas aquilo que é possível ser aprovado consensualmente por essa militância extraordinária que veio do Brasil inteiro.

Eu queria, Paulinho, quase que em uma homenagem... agora você. Agora você, especialmente a você, porque eu sei da sua dedicação, eu sei o quanto você fica alegre quando as coisas dão certo, eu sei o quanto você sofre quando as coisas dão errado, eu sei da sua dedicação. Sobretudo o companheiro Paulinho, que entrou no governo para me ajudar em um momento muito difícil, que depois, por problemas particulares, queria sair e, por um pedido meu, eu penso que não sairá mais, porque faltam só dois anos pra gente governar este país.

Então eu penso que já fiz isso com o nosso companheiro Edson, nós já fizemos isso com a Pesca... eu tenho duas secretarias que nós precisamos melhorar o nível. E eu não posso falar isso pra você porque a Nilcéa está me olhando feio. Então eu quero te dizer, Paulinho, que vocês poderiam colocar na pauta do documento de vocês transformar a secretaria em um ministério, para



que a gente possa consagrar isso. E também, Nilcéa, ficaria só você sendo secretaria. Eu acho que a gente deveria também já passar as mulheres de secretaria para ministério, para a gente poder resolver.

Se amanhã entrar alguém que não pense assim e quiser acabar com o ministério, é um direito do Presidente da República trocar ministros para lá e para cá. Mas como eu estou convencido de que nós precisamos de uma continuidade por mais alguns anos neste país, eu acho que nós vamos ter que aprimorar todas as coisas que nós fizemos aqui.

Por isso eu queria que vocês levassem em conta o seguinte: aproveitem, aproveitem, não tenham medo de reivindicar, não tenham medo de se queixar, não tenham medo de falar mal do Presidente, não tenham medo de criticar o Presidente, porque foi assim que eu aprendi a fazer política. Foi assim que eu aprendi a fazer política: protestando, criticando, às vezes até sendo chamado de radical. Mas é esse radicalismo, no exercício da democracia, que permite que um governante não fique olhando apenas para o seu próprio umbigo, porque se 80% acha que está bom... Mas é preciso saber que ainda falta muito para a gente poder realizar o sonho que nos trouxe à Presidência da República em 2002 e se repetiu em 2006.

Eu tenho convicção de que vocês, independentemente do partido a que pertencem – independentemente, aqui ninguém pediu carteirinha de filiação para que vocês fossem delegadas – aí não importa que seja do PT, do PMDB, do PSDB, do PSOL, do PSTU, do PSP, do PDT... o que importa é que vocês são mais do que isso, vocês são militância pela cidadania neste país, pela conquista definitiva dos direitos humanos.

Bom Congresso, boa sorte e até o dia em que vocês forem me entregar o documento final. Um abraço, gente.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração do Complexo Viário Dois de Julho**

**Salvador-BA, 15 de dezembro de 2008**

Quero cumprimentar o companheiro Jaques Wagner, Governador da Bahia e a nossa companheira Fátima Mendonça, companheira do nosso Governador,

Quero cumprimentar Dom Geraldo Magela Agnelo, Cardeal Arcebispo de São Salvador da Bahia e Primaz do Brasil,

Os ministros que vieram comigo, o nosso querido Nelson Jobim, da Defesa; Geddel, da Integração Nacional; Franklin Martins, da Comunicação Social; o nosso eterno Ministro Waldir Pires, o nosso companheiro, que está aqui,

Quero cumprimentar o companheiro Edmundo Pereira, Vice-Governador da Bahia,

O Deputado Marcelo Nilo, Presidente da Assembléia Legislativa da Bahia,

Senadores César Borges e João Durval,

Quero cumprimentar os deputados federais e deputadas Alice Portugal, Antônia Magalhães, **(incompreensível)** Martins, Daniel Almeida, Geraldo Simões, João Carlos Bacelar, Luiz Alberto, Lídice da Mata, Mário Negromonte e Sérgio Carneiro,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro João Henrique, Prefeito de Salvador,

Quero cumprimentar os companheiros e companheiras deputados estaduais,

Quero cumprimentar a nossa querida Moema Gramacho, Prefeita de Lauro de Freitas,



O nosso companheiro Sergio Gaudenzi, Presidente da Infraero, que é um dos responsáveis por esta obra aqui, no aeroporto de Salvador,  
Quero cumprimentar os trabalhadores que trabalharam nesta obra,  
Quero cumprimentar os companheiros da imprensa,  
E quero devolver o meu discurso aqui para o companheiro.

Primeiro, quero pedir desculpas ao companheiro Jaques Wagner porque na verdade, eu deveria ter chegado mais cedo aqui para poder sobrevoar de helicóptero este viaduto e ver o conjunto da obra. Não foi possível, Wagner, porque nós hoje estávamos participando da abertura da 11ª Conferência de Direitos Humanos no Brasil e entregando prêmios aos melhores trabalhos na defesa dos direitos humanos. Mas certamente, quando eu for embora da Bahia, na quarta-feira, eu virei então, aqui, de helicóptero, para dar uma volta e ver este viaduto.

Eu venho à Bahia desde 1975. Aliás, eu sempre digo que foi aqui, na Bahia, no dia 15 de julho de 1978 – muitos de vocês não tinham nem nascido ainda – quando, num debate aqui, Jobim, a convite do Sindicato dos Químicos, do pessoal do petroquímico, estavam presentes nada mais, nada menos, que muitos petroleiros do Brasil inteiro, estava presente o então candidato a senador por São Paulo, Fernando Henrique Cardoso, estava presente o Almino Afonso, quando aqui no Congresso dos Petroleiros, pela primeira vez eu falei da necessidade de criar um partido dos trabalhadores no Brasil.

Eu sei que nesses anos todos que se passaram, desde a minha vinda aqui, em 78, Salvador cresceu, o aeroporto cresceu, a quantidade de aviões aumentou bastante, os passageiros aumentaram muito mais. Salvador virou um centro de atração turística para gente de outros estados brasileiros e para gente do mundo inteiro. E era necessário que a gente resolvesse o problema do acanhamento do Aeroporto de Salvador, sobretudo para as pessoas que vêm trazer passageiros ou buscar passageiros. Nós tínhamos uma situação



muito delicada, um trânsito muito forte, e esta obra é esperada há 10 anos. Ela agora é inaugurada. E ela é apenas uma demonstração das coisas que vão acontecer no Brasil nos próximos anos.

Vocês se lembram que nós começamos o PAC. O PAC foi lançado no dia 22 de janeiro de 2007. Quando nós lançamos o PAC, até conversar com todos os governadores, com os prefeitos das capitais, com os prefeitos das regiões metropolitanas, levou praticamente oito meses. Depois que você decide quais as obras que você precisa que o governador e que os prefeitos façam o projeto básico, depois do projeto básico tem o projeto executivo, depois tem o processo de licitação, ou seja, tudo isso leva muito tempo. Às vezes as pessoas passam e vêem uma obra em construção, atrapalhando o trânsito, e as pessoas não têm dimensão do emaranhado de dificuldades que a gente enfrenta para fazer uma obra no Brasil.

Às vezes o governador tem pressa, cheio de vontade, faz a licitação, uma empresa ganha, a que perde entra na Justiça e bloqueia a obra. Às vezes o governador está cheio de boa vontade, quer fazer a obra, ou um prefeito, daqui a pouco vem o Meio Ambiente e diz que não está correto o projeto, que tem que fazer outra vez, e aí demora mais alguns meses, quem sabe, até alguns anos. Então é tudo muito difícil.

Agora, quando a gente chega em uma capital importante como Salvador, e a gente percebe que está inaugurada uma obra que era da vontade do povo de Salvador e do povo da Bahia, a gente pode afirmar para vocês que no ano que vem vai ter muitas obras do PAC em Salvador, vai ter muitas obras do PAC em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Pernambuco, no Ceará, em Roraima, no Amapá, em Rondônia, porque são R\$ 504 bilhões que nós queremos investir até 2010. Eu tenho dito, eu tenho dito para vocês que quando tem uma crise econômica a primeira coisa que acontece com uma crise econômica é os trabalhadores serem mandados embora. Porque é um círculo pernicioso, é um ciclo perverso. Na verdade, se você olhar a economia, ela



precisa ter o povo com poder de consumo, o País com possibilidade de exportação, a fábrica produz, o comércio adquire da fábrica, vende e aí a economia vai girando.

Se nós permitirmos que esse ciclo pare, a primeira coisa que vai acontecer é o desemprego, prejudicando a parte mais sensível da população que é a classe trabalhadora e as pessoas mais pobres do País.

É por isso que nós temos afirmado que nenhuma obra do PAC vai parar, nenhuma obra do PAC. Pelo contrário, se for necessário nós vamos fazer mais obras, porque nós precisamos. Uma obra dessas tem aço, uma obra dessas tem cimento, tem outro tipo de material, que é o que move a indústria, e nós não queremos deixar isso parar.

Vocês viram que nós anunciamos na última quinta-feira a redução do IPI sobre o carro, vocês viram o que foi o sucesso dos feirões dos carros no domingo, no Brasil inteiro. Por quê? Porque reduziu o preço do carro. E nós queremos que as coisas reduzam ainda mais, para que o povo trabalhador possa comprar aquilo que ele produz. Então nós queremos que o povo vá definitivamente às compras para que ele possa contribuir para a gente tocar a economia brasileira.

Se a gente ficar vendo o jornal ou a televisão, possivelmente a gente coloque o dinheirinho que a gente tem - quem tem - embaixo do colchão, porque todo mundo fala que a crise veio para acabar com o mundo.

Eu poderia dizer para vocês o seguinte: é uma crise séria, ela não nasceu em nenhum país pobre, ela nasceu nos Estados Unidos da América do Norte, ela nasceu na Europa, ela nasceu no Japão, ela, portanto, não tem hoje... ninguém joga a culpa em cima de nenhum país pobre. O que nós queremos? Primeiro, eu posso olhar na cara de cada ministro meu, na cara do governador, na cara de vocês e dizer: hoje não tem nenhum país mais preparado para enfrentar essa crise do que o Brasil. Não tem nenhum. E não tem porque nós preparamos o Brasil para isso. Nos anos difíceis, quando





alguns achavam que nós deveríamos fazer gastança, nós fizemos na verdade, o que foi? Nós fizemos um pouco de poupança. E hoje este país tem US\$ 207 bilhões de reservas, este mês as exportações brasileiras chegaram a US\$ 200 bilhões, e este país tem muitas obras e muitos investimentos.

E é nesse momento, Jaques, que o governo federal, João Henrique e Moema, que os governos municipais, é nesse momento que a gente precisa utilizar cada centavo que a gente tem para fazer uma obra neste país, cada centavo. Se a gente tiver que economizar, a gente vai economizar em custeio, a gente vai diminuir o peso da máquina. Agora, investir em obra, escola, creche, ruas, avenidas, esgoto, casa, é nossa obrigação para enfrentar a crise e melhorar a situação do povo brasileiro.

Eu, Wagner, nunca tive tanta confiança neste país, como tenho agora. De vez em quando as pessoas se incomodam: “Mas o Lula agora virou propagandista de mandar as pessoas comprarem?”. Eu virei. Eu virei porque colocaram muito medo na cabeça do povo. Tem gente que está trabalhando e está com medo de comprar uma coisinha que ele quer, para não fazer prestação. E ele não sabe que ele pode ser mandado embora exatamente se ele ficar com medo de comprar, porque aí a empresa não vai produzir e não vai ter emprego. As pessoas que estão devendo, por favor, paguem as suas contas, não façam novas dívidas não, porque a gente não quer que quebre, como os Estados Unidos.

O que nós queremos, na verdade, é que da forma mais serena possível, mais ajuizada possível... se a gente tiver um dinheirinho e estiver trabalhando, e se a mulher quiser a geladeirazinha nova, se a mulher quiser a televisão mais moderna, não parem de comprar, pechinchem, procurem em vários lugares. Hoje um cara me dizia, lá no Palácio do Planalto, que ele foi comprar uma televisão na semana passada, e pagou R\$ 1.600,00; no domingo, ele viu ela por R\$ 1.300,00, ou seja, perdeu R\$ 400,00 (R\$ 300,00), deixou de ganhar, se tivesse pechinchado um pouco mais.



Então, só tem um jeito de a gente vencer essa crise. É o governo municipal, estadual e federal jogarem todo o dinheiro que têm para construir obras, não fazer com que essas obras... (não) sejam feitas aquelas obras faraônicas, mas fazer as obras que o povo precisa: levar água na casa das pessoas, levar tratamento de esgoto ou coleta de esgoto na casa das pessoas, fazer um trabalho muito sério para a gente combater a dengue onde a dengue pode ser forte nesse verão. Ou seja, o nosso trabalho, na verdade, não é o de governar, é o de cuidar, Wagner, você tem que cuidar da Bahia, os prefeitos têm que cuidar das cidades, e nós temos que cuidar deste país. Cuidar com o carinho com que uma mãe cuida do seu filho, cuidar com o carinho de alguém que ama este país.

Esta obra aqui, Wagner, é a primeira do PAC, aqui, mas o povo vai se cansar de ouvir falar em obra do PAC, vai se cansar, porque não sabem a quantidade de dinheiro que o Geddel tem para investir nas obras do PAC aqui. É porque o Ministério da Integração tem um trabalho enorme em todo o território nacional. Nós temos o Ministério das Cidades que tem, este ano, praticamente 600 mil casas a serem construídas, e mais 500 mil no ano que vem. Eu posso dizer para vocês o seguinte: a gente não está nadando em dinheiro, mas o Brasil nunca teve o momento que tem, com capacidade de investimento do Estado, da cidade, e do estado.

Portanto, Wagner, eu quero te dizer que este viaduto ficou pronto em nove meses, é o tempo que uma criança leva para ser gestada e nascer. Deus queira que você tenha muitas outras obras que a gente possa inaugurar com nove meses. Ou seja, significa que no ano que vem nós precisamos inaugurar esse metrô de Salvador, João Henrique. Quer dizer, eu não sei o que está acontecendo no metrô, João, mas nós precisamos inaugurar esse metrô. Está faltando dinheiro, João?

Deixem-me falar para vocês, eu perguntei para o Prefeito: “Está faltando dinheiro, João?”. Não está faltando dinheiro. O que está acontecendo? Mas o



Prefeito não tem culpa. O que está acontecendo? O metrô está sendo construído, tem empresa contratada, mas o que acontece? O Tribunal de Contas diz que encontrou irregularidades. Agora, vejam que absurdo: enquanto encontram uma irregularidade, vamos trabalhar com seriedade para a gente consertar essa irregularidade, ou fazer qualquer coisa para a obra continuar.

O que a gente não pode é ficar com o dinheiro em caixa, o povo com necessidade de ver o transporte coletivo melhorar... E já está parado há quanto tempo, João? Sabe, então é assim. Mas isso acontece, às vezes uma obra é paralisada muito tempo, é um tal de gente para lá e gente para cá e a obra demora para sair.

Mas eu queria, João, que a gente tentasse... veja, nós temos o metrô de Salvador, o metrô de Fortaleza, o metrô de Recife, que eu acho que nós precisamos colocar nas nossas prioridades, ver na mão de quem está, para a gente conversar e tocar essa obra o mais rápido possível.

É o Tribunal de Contas daqui ou o Tribunal de Contas Federal? E, ainda, é o Tribunal de Contas da União? Então, querido, me tenha como parceiro para a gente tentar na próxima semana... Wagner tem muitos amigos no Tribunal de Contas da União, Geddel tem muitos amigos, os senadores têm amigos, porque são os senadores que elegem o pessoal. É para saber: se tiver irregularidade tem que sanar, tem que resolver o problema da irregularidade. Agora, o que não pode é demorar seis meses, sete meses, oito meses, um ano.

Eu penso que é preciso fazer, João, quase que uma... você tem que determinar como a sua prioridade (no.) um, resolver esse problema do metrô, para que a gente possa oferecer transporte de qualidade a este povo.

No mais, Wagner, mais uma vez obrigado querido, por esta noite. Eu espero, nesses próximos dois anos, vir muitas vezes à Bahia para inaugurar muitas obras com o companheiro Wagner.



Wagner, você não sabe, mas eu vou te dizer uma coisa: Dom Geraldo, no ano que vem, 2009, nós vamos inaugurar só em 2009, 100 escolas técnicas novas no Brasil, 100. E eu espero que o senhor e o governador estejam juntos naquelas que nós vamos inaugurar. Era para inaugurarmos uma universidade, onde era, Wagner? São Francisco...Não, essa daqui, Wagner...não, dessa cidade histórica que nós viemos aqui... Cachoeira, Cachoeira. Era para eu ter vindo aí, acho que teve um probleminha na restauração.

Mas gente, é assim: cabeça erguida, ninguém precisa ficar com medo dessa tal de crise. O que nós temos é que enfrentá-la. Houve um tempo em que o Brasil estava muito enfraquecido, então as pessoas espirravam na França e a gente já pegava uma bronquite aqui. Agora não, agora nós estamos preparados, estamos preparados para enfrentar essa e outras. A resposta contra a crise, o Wagner disse: é trabalho, investimento, trabalho, investimento. E isso nós vamos fazer porque é o nosso compromisso com o povo.

Um abraço. Parabéns, Salvador. Parabéns, Lauro de Freitas. Parabéns, governador Jaques Wagner.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na 36ª  
Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul**

**Costa do Sauípe-BA, 16 de dezembro de 2008**

Companheiros, primeiro quero agradecer a presença de todos os presidentes, ministros e companheiros representantes dos países do Mercosul e da América do Sul.

Durante a reunião desta manhã vai ocorrer o diálogo presidencial da Cúpula do Mercosul. O relatório do semestre, preparado pela Presidência Pro Tempore brasileira, está disponível para consulta no material que foi distribuído a cada delegação.

Após as falas dos presidentes dos Estados Parte, da Venezuela, dos Estados Associados, e dos convidados especiais franquearei a palavra aos representantes do Parlamento do Mercosul, da Cúpula Social, do Foro Consultivo de Municípios, Estados Federados, Províncias e Departamentos do Mercosul e da Coordenação de Centrais Sindicais do Sul. Ao final do diálogo adotaremos, então, três documentos: o Comunicado dos Presidentes dos Estados Parte do Mercosul, o Comunicado dos Presidentes dos Estados Parte e Associados do Mercosul e a Declaração de Solidariedade com a Bolívia.

Após o encerramento da Cúpula do Mercosul, a partir das 12h15, terá início a Cúpula Extraordinária da Unasul, que será dirigida pela presidenta Bachelet. Às 13h, faremos a tradicional foto oficial Mercosul-Unasul; às 14h, iremos almoçar, e às 15h haverá a foto oficial da Calc. Às 16h, daremos início à Cúpula da América Latina e do Caribe.

Eu acho que merece um destaque especial aqui entre nós a presença do nosso amigo Raúl Castro, na sua primeira viagem ao Brasil e certamente à Bahia, que parece muito com Santiago de Cuba. É muito importante para nós, Raúl, a sua presença nesta reunião, e espero que seja a primeira de uma série



de reuniões que você participará conosco.

É com grande satisfação que os recebo na Bahia. Quero saudar muito especialmente os Presidentes de Cuba, Guiana, México, Panamá e Suriname. Suas presenças numa reunião do nosso Mercosul simbolizam um compromisso em torno da união da América Latina e Caribe. Estaremos dando um passo sem precedentes nessa direção logo mais, quando reuniremos os líderes de toda nossa região.

Enfrentamos um cenário internacional marcado por novas ameaças. Conjunturas de crise como esta revelam as perversões do sistema econômico dominante. Mas elas são, também, oportunidades para grandes mudanças que requerem clareza de análise e redobrada vontade política.

A voz do Mercosul começa a ser ouvida nos foros internacionais. Temos de aprofundar nossas propostas para enfrentar a grave crise da economia global. Vejo, com satisfação, que nossos países têm dado, nacionalmente, respostas muito coincidentes.

A preocupação central de nossos governos está em proteger o emprego e a renda dos trabalhadores e em continuar impulsionando a inclusão social. Nossa resposta coletiva deve ser dobrar a aposta em nosso Bloco, numa integração voltada para o desenvolvimento e a superação de desigualdades regionais. Foi essa a agenda que promovemos durante a Presidência brasileira.

De janeiro a outubro de 2008, o fluxo de comércio entre o Brasil e seus sócios no Mercosul foi de US\$ 32 bilhões, e importou cerca de quatro vezes o valor de 2002. Na Aladi, os números são impressionantes. Este ano, as trocas intra-regionais poderão chegar a US\$ 140 bilhões, o triplo de cinco anos atrás. O comércio de bens e serviços, assim como o desenvolvimento de nossa infraestrutura física, depende de sólido apoio financeiro.

Neste momento de forte restrição ao crédito, é preciso diversificar fontes de recursos e reduzir a dependência de divisas internacionais. É o que



estamos fazendo ao lançar mecanismo de pagamento em moedas locais, começando com Argentina e Brasil. Ao eliminar a intermediação financeira, as empresas reduzem seus custos de transações. O Mercosul não realizará seu pleno potencial enquanto os produtos não puderem circular livremente. Continuaremos a trabalhar, sob a Presidência paraguaia, para a eliminação da dupla cobrança da Tarifa Externa Comum.

Para isso, é fundamental estabelecer um mecanismo justo, confiável e, tanto quanto possível, automático de redistribuição da renda aduaneira. A eliminação da dupla cobrança da TEC é essencial para integrarmos cadeias produtivas e aprofundarmos acordos de associação com outros países e blocos.

A atual crise financeira, com seus reflexos no comércio, sublinhou a importância de diversificarmos nossos mercados. Saudamos a ratificação do Acordo Mercosul-Índia e a assinatura do Acordo Mercosul-Sacu. O desenvolvimento do comércio Sul-Sul é fundamental para o nosso crescimento.

Em nossa região, a ampliação do acordo com o Chile, de modo a abarcar o setor de serviços, foi um importante passo para maior integração. Em breve, estaremos iniciando negociações semelhantes com a Colômbia.

O Estatuto do Fundo de Garantias para Micro, Pequenas e Médias Empresas do Mercosul vai ajudar a realizar o potencial do espaço econômico continental que estamos consolidando. Com acesso ao crédito, nossos empresários buscarão com mais confiança parcerias do outro lado da fronteira. Ampliar o horizonte de atuação das empresas é essencial à integração produtiva.

Projetos para integrar os setores automotivo, de petróleo e gás, de madeira, de móveis e do turismo gerarão milhares de empregos. Para capacitar empreendedores, em particular no Paraguai e no Uruguai, a beneficiarem-se dessas oportunidades, vamos recorrer ao Focem e à solidariedade de nossas comunidades empresariais. Estamos, assim, ampliando o acesso a mercados.



O Brasil tem consciência de suas responsabilidades perante os sócios menores, ainda mais em contexto de forte desaceleração econômica mundial.

Mas não podemos restringir o Mercosul à sua dimensão comercial. É preciso investir em projetos que reforcem as economias menores. Por isso, tomei a decisão de que, a partir de 2009, o Brasil dobrará sua contribuição ao Focem.

O Mercosul só estará completo quando nossos povos sentirem em seu cotidiano e em seu trabalho os frutos da integração. A perspectiva de eleições diretas em todos os nossos países para nosso Parlamento é passo decisivo nessa direção. Quero saudar, na figura de seu Presidente – o companheiro deputado Doutor Rosinha – aqueles que se dedicam a essa tarefa.

Foi este também o sentido da criação do Conselho do Programa Brasileiro do Mercosul Social e Participativo. Estabeleceu um canal de diálogo entre o governo e a sociedade civil sobre os rumos da integração.

O Conselho do Mercado Comum fez ontem um debate extremamente importante sobre os efeitos da crise financeira, em particular para os setores mais vulneráveis de nossas sociedades.

Vamos impedir retrocessos na melhoria das condições de vida de nossas populações. Temos de manter, e mesmo ampliar, programas sociais que protegem os mais pobres, os trabalhadores de baixa renda e a agricultura familiar.

Precisamos continuar investindo na produtividade e competitividade de nossas economias. Mas nossa força para enfrentar a recessão global não está apenas no desempenho de nossas economias, está no vigor das nossas democracias. Uma crise como a atual exige transformações profundas na forma de decidir as grandes questões econômicas e políticas do mundo. É por isso que afirmo, reiteradamente, ter chegado a hora da política.

O Mercosul, juntamente com nossos amigos da América Latina e Caribe, não assistirá passivamente ao debate sobre a crise mundial. Teremos um





papel importante a jogar na construção de uma nova arquitetura política e econômica internacional, multipolar e multilateral.

Meus amigos,

Como na reunião que nós vamos ter na parte da tarde, da América Latina e Caribe, um dos temas é a crise econômica, a crise energética e a crise de segurança alimentar, eu vou deixar para, na parte da tarde – também com a presença da companheira Cristina, que acaba de chegar – a gente fazer uma breve exposição para vocês do que foi a reunião do G-20 em Washington, para discutir a crise econômica e quais foram as coisas que nós sentimos que podem acontecer depois da reunião de Washington.

Eu penso que seria extremamente importante que cada companheiro presidente, na hora de fazer uso da palavra, pudesse explicitar um pouco como está a situação do seu país nesse momento em que a falta de crédito tem provocado restrições em muitos lugares do mundo, e certamente nos nossos países. Seria extremamente importante para que a gente, na parte da tarde, pudesse aprofundar um pouco a discussão da crise e saber quais as medidas que nós poderíamos adotar conjuntamente.

Dito isso, eu paro de falar e passo a palavra aos companheiros que quiserem fazer uso da palavra. Obviamente que, democraticamente, vou esperar que cada presidente se inscreva para falar, não vou indicar quem deve falar, e fico aqui aguardando as inscrições.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da Reunião de Cúpula da América Latina e do Caribe sobre Integração e Desenvolvimento - Calc**

**Costa do Sauípe - BA, 16 de dezembro de 2008**

Bem, meus companheiros e companheiras. Mesmo com a ausência de algumas pessoas que já estão se dirigindo ao encontro, eu queria dizer a todos vocês da alegria de estarmos realizando esta reunião. Eu penso que todos os presidentes aqui presentes, ministros, compreendem o significado extraordinário desta primeira reunião entre América Latina e Caribe.

Também está convidada me parece que a Cepal, como pessoa; está convidado o nosso companheiro Insulza, também como pessoa; o Iglesias, como pessoa; e as organizações latino-americanas e caribenhas.

Primeiro, antes de eu dizer algumas palavras, dar uma noção a todas as pessoas como é que vai ser o dia de hoje. Durante a reunião da Calc, teremos as seguintes sessões de trabalho: sessão de diálogo presidencial aberta à mídia, na tarde de hoje e amanhã pela manhã; sessão privada para a aprovação das declarações e discussão sobre o segmento da Calc e local e data da segunda cúpula, que nós vamos decidir no final da manhã, no dia de amanhã.

Hoje, no final da tarde, quando estivermos terminando essa primeira fase da reunião, o Presidente do México, nosso companheiro Calderón, conduzirá uma cúpula extraordinária do Rio de Janeiro que vai aprovar a entrada definitiva de Cuba. Consagrar.

Nas pastas que vocês receberam aí, nas pastas, vocês têm o projeto de agenda dessa reunião. Como nós não temos hábito de votar, de fazer votação sobre a pauta da reunião, vamos considerar esta pauta aprovada.



Bem, é um momento extraordinário para que a gente possa fazer um debate político. Eu só queria ponderar o seguinte, aqui vale para mim e vale para todos: é que se todos nós falarmos mais ou menos 10 minutos – estou mirando Raúl, Raúl que é o mais novo participante da reunião – se todos nós falarmos 10 minutos, nós teremos tempo de ouvir todos os presidentes que estão aqui presentes. Primeiro, nós vamos ouvir os presidentes, depois, então, nós iremos ouvir outros companheiros convidados para esta reunião.

O meu discurso só tem nove minutos e meio. Meio minuto que sobrar aqui, eu vou passar para que o Chávez possa utilizar esse meio minuto.

Bem, primeiro repetir da alegria de receber todos os companheiros aqui na nossa querida Bahia, cujo governador, um carioca nascido no Rio de Janeiro, governa este estado. E é importante que todos saibam que a gente deste estado, assim como sua cultura e sua arquitetura, mostra um Brasil profundamente latino-americano e caribenho.

A Bahia testemunhou o sistema de exploração colonial e a violência intolerável da escravidão. Dessa experiência, emergiu um povo que enaltece a liberdade, mas valoriza a tolerância.

Hoje, nos reunimos, os líderes da América Latina e do Caribe, para afirmar nossa singularidade regional e debater um futuro comum. Queremos dar respostas nossas para as aspirações de bem-estar e prosperidade de nossos povos. Passados dois séculos desde nossas independências, esta é a primeira vez que a região une suas vozes. Vivíamos uma mesma realidade, mas olhando para longe, em busca de soluções que muitas vezes estavam à mão, em nosso entorno.

Esta Cúpula tem uma mensagem simples, mas fundamental: só superaremos os desafios à integração e ao desenvolvimento se assumirmos nossa vocação latino-americana e caribenha. Devemos fazê-lo sem espírito de confrontação com quem quer que seja. Nossa unidade deve ser entendida como contribuição para um novo mundo, multipolar e multilateral.



Os desafios são muitos, como mostram os temas que escolhemos para as nossas discussões: as crises financeira, energética, alimentar e ambiental. As incertezas que o mundo vive tornam mais urgente conjugarmos esforços e demonstrarmos liderança na busca de soluções inovadoras e solidárias. Os diferentes mecanismos de integração em nossa região oferecem um sólido ponto de partida.

Nossos países deram, nos últimos anos, passos importantes em direção ao crescimento sustentado e à estabilidade econômica. Esses avanços estão ameaçados pela irresponsabilidade de aventureiros que lançaram a economia mundial em um precipício, sob o olhar complacente de governos e instituições internacionais que historicamente buscaram tutelar nossos países. É inadmissível que nossas legítimas expectativas sejam agora frustradas.

Neste momento de grave turbulência internacional, estamos adotando medidas para reduzir o impacto sobre a economia real e preservar conquistas sociais. Mas não podemos ter ilusões. Não sairemos dessa crise agindo de forma isolada. Devemos somar forças para exigir maior transparência e democratização dos mecanismos que regulam e disciplinam o sistema financeiro mundial. Tampouco podemos admitir que se levantem barreiras protecionistas e contrárias à integração econômica.

A crise seria mais uma razão para termos concluído a Rodada de Doha, em favor dos países em desenvolvimento. Mas não podemos esperar indefinidamente que os países mais ricos – justamente os causadores da crise – flexibilizem suas posições. Mesmo sem desistir de um acordo multilateral global, devemos aprofundar os acordos regionais e as associações com outros países e blocos, sobretudo do Sul.

Amigos e amigas,

Uma ordem econômica internacional mais justa e equitativa só será possível se superarmos os desafios da segurança energética e do aquecimento global. Estou convencido de que nossa região dispõe de poderosa resposta na



diversificação de sua matriz de energia. Além de enormes reservas de hidrocarbonetos e hidroeletricidade, possuímos importantes fontes energéticas renováveis, como são os biocombustíveis.

A experiência brasileira demonstra que está a nosso alcance uma alternativa que gera empregos, renda e receitas de exportação, e ainda contribui para reduzir emissões de gases de efeito estufa, sem comprometer a segurança alimentar de nossos povos.

O Brasil já desenvolve cooperação na América Latina e no Caribe para difundir esse modelo de uso sustentável de energia. Estamos prontos a trabalhar com outros parceiros interessados nessas fontes renováveis, limpas e baratas.

Nossa região também tem todas as condições para liderar o debate sobre a crise alimentar, sobretudo agora quando os dados da FAO demonstram que a desnutrição avança no mundo. Hoje, nossos pobres estão comendo mais e melhor, graças aos avanços econômicos e sociais. Por meio de nossa Empresa de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa, o Brasil desenvolve projetos de cooperação técnica em vários países da região.

Queremos repetir na América Latina e Caribe o notável aumento e diversificação da produção agrícola que alcançamos aqui. Mas é importante que este tema seja tratado com prioridade na próxima reunião da FAO, em março próximo, em Trinidad e Tobago.

Caros companheiros e companheiras,

Não há desenvolvimento regional sem integração da infra-estrutura física. É inconcebível que continue sendo mais fácil ir à Europa ou aos Estados Unidos do que viajar entre nossos países. Enquanto não tivermos meios eficientes e rápidos de comunicação e transporte, não realizaremos todo o potencial de comércio, investimentos e turismo de um espaço integrado com mais de 400 milhões de habitantes.



Mais solidariedade e mais coordenação. Esta também deve ser nossa resposta aos desastres naturais que assolam muitos de nossos vizinhos. Os avanços de nossa região no campo da inclusão social e do combate à fome e à pobreza são realmente notáveis. Oferecem oportunidades para compartilharmos iniciativas inovadoras e exitosas de combate às doenças, acesso à saúde e educação, saneamento e moradia.

Proponho que nossos ministros das áreas sociais estabeleçam diálogo regular para identificar áreas de cooperação que permitam alcançarmos, juntos, as Metas do Milênio.

Senhoras e Senhores Chefes de Estado e de Governo,

Para onde quer que se olhe, na América Latina e Caribe, vê-se uma capacidade extraordinária para superar desafios. Em meio a uma crise global sem precedentes, nossos países estão descobrindo que não são parte do problema. Podem e devem ser peças fundamentais da solução.

Por isso, pensamos que nosso empenho em favor da América Latina e Caribe também ajuda a construir uma ordem mundial mais equilibrada e justa. Isto se explica pela própria identidade de nossos países. Quando alguns tentam transformar os migrantes em bodes expiatórios para as mazelas de suas sociedades, lembramos a importância da diversidade. Recordamos a integração dos imigrantes no seio de nossas nações e seu papel na construção de sociedades tolerantes e plurais.

Companheiros e companheiras,

Estamos reunidos hoje não apenas para uma profissão de fé na integração.

Queremos traduzir as expectativas e aspirações de nossos povos em projetos concretos. Só assim realizaremos nossos sonhos de justiça social, e de fortalecimento da democracia em nossos países e no plano global.



Não devemos ter receio de ousar, de estabelecer metas e objetivos ambiciosos. Mas temos, igualmente, a responsabilidade e a obrigação de torná-los realidade para essa e futuras gerações.

É com esse ânimo que a América Latina e o Caribe assumirão seu devido lugar no plano internacional. Queremos ser protagonistas – e não meros espectadores – nos teatros em que se decidem as perspectivas de bem-estar e prosperidade para nossos povos.

Com essas palavras eu quero, mais uma vez, agradecer a presença tão carinhosa de todos vocês ao nosso querido país e à nossa querida Bahia.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a Reunião de Cúpula do Grupo do Rio**

**Costa do Sauípe-BA, 16 de dezembro de 2008**

É que temos ainda mais um dia de discurso amanhã pela manhã. Eu acho que foi um dia importante para todos nós, latino-americanos e caribenhos. Demorou muito tempo, mas eu penso que o próprio Raúl e muitos companheiros cientistas políticos devem estar se perguntando o que está acontecendo na nossa querida América Latina.

Muitas vezes, sem que estudiosos entendam, quase que como um furacão, um furacão político, um furacão ideológico, começa a fazer mudanças políticas profundas, nem sempre com a pressa que todos nós gostaríamos mas, certamente, com aquilo que o tempo entende que é a evolução política e a consciência do nosso povo.

Eu dizia, há uns 15 dias, que todos nós estamos muito esperançosos com o que aconteceu, inclusive, nos Estados Unidos da América do Norte. A eleição de um negro para presidir a nação mais rica do mundo, que há 40 anos tinha assassinado Luther King, não é pouca coisa. Como simbolismo, é um simbolismo excepcional.

Entretanto, entre a eleição e o cumprimento do mandato, todos nós sabemos todas as dificuldades que enfrentamos: o aparelho do Estado, a burocracia do Estado, os hábitos culturais de cada Estado e de cada povo. E eu dizia que tinha duas coisas que seriam sinais importantes de que a eleição do Obama ia mudar a relação. Uma delas seria: que política os Estados Unidos teriam para a nossa querida América Latina e Caribe. E a outra é se, efetivamente, eles tomariam a atitude de colocar fim ao bloqueio a Cuba, que não tem mais explicação, que não tem mais explicação econômica, que não tem mais explicação política, ou seja, não existe nenhuma razão. E há uma terceira





coisa, que pode justificar a mudança: o fim da violência no Oriente Médio. A quem interessa tantos conflitos?

Se essas três coisas acontecerem, eu penso que além do simbolismo da eleição de um negro, eu acredito, cada vez mais, que Deus existe, de permitir que no século XXI, com exceção do companheiro Chávez, que começou um pouquinho antes ainda, no século XX, dois anos antes, ou seja, tudo o que aconteceu na América Latina foi em apenas oito anos de vida política. Em oito anos aconteceu essa mudança extraordinária na nossa querida América Latina.

Houve um tempo em que o companheiro Chávez estava solito. Quem imaginava, há dez anos, o nosso querido Evo Morales ser Presidente da República? Quem imaginava que um bispo da Teologia da Libertação fosse Presidente do Paraguai? Quem imaginava que um governador de Santa Cruz virasse, em apenas poucos meses, Presidente da Argentina e, depois, sua mulher sucessora? Quem imaginava nossa querida Michelle Bachelet ser Presidente do Chile? E aí poderia citar outros exemplos, que vêm pela nossa América Latina.

E eu acho que isso culmina com esse pequeno grande gesto. Graças a essa mudança do perfil político-ideológico da nossa América Latina, a gente pôde fazer essa pequena reparação aos companheiros de Cuba. Trazê-los primeiro para o Grupo do Rio para depois levá-los para muito mais longe, junto com os latino-americanos e os caribenhos.

Eu diria que este é um momento de ouro. Diria que é um momento de ouro, e é uma pena que Fidel não esteja sentado aí, no meio de Raúl e de Felipe. Mas, certamente, quem conhece Fidel, como muitos aqui conhecem, sabe perfeitamente bem que ele está acompanhando e que vocês dois falam exatamente a linguagem e a emoção que o Fidel gostaria de passar aqui.

Felicidades ao povo cubano. E boa sorte querido companheiro Raúl, porque ainda vai participar de muitos debates, ainda vai ouvir muitos discursos aqui, não penses que é só o Chávez que habla muito, não. Aqui, cada um que



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

toma la palavra, não tem o processo disciplinar que tem um comunista cubano. Aqui todos nós falamos demais, às vezes. Mas eu penso que você pode ajudar no processo de reeducação de utilizar o tempo corretamente, por todos nós.

Felicidades e parabéns, Raúl.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de encerramento da Cúpula da América Latina e do Caribe sobre Integração e Desenvolvimento (Calc)**

**Costa do Sauípe-BA, 17 de dezembro de 2008**

Apenas uma sugestão aos companheiros presidentes. É que tanto na reunião ministerial quanto na reunião que vai acontecer no México e, depois, na reunião da Venezuela, eu penso que seria importante que a gente levasse para essa reunião no máximo dois temas para a gente discutir e tomar decisões.

Por exemplo, o presidente Chávez fala da questão da integração financeira, do Fundo, aquele negócio todo, isso poderia ser um tema discutido mais profundamente para que quando a gente chegasse na Venezuela, nós estivéssemos prontos para tomar uma decisão e votar – bom, no México, na Venezuela eu não vou estar mais, mas certamente... Então, eu acho extremamente importante que a gente diminua o número de temas, para que a gente possa decidir, discutir e deliberar sobre esses temas.

Bom, primeiro eu queria terminar dizendo que daqui a pouco tem um almoço e, depois do almoço vão ter dezenas de bilaterais aí, todo mundo vai conversar, porque esse é um dos pontos fortes dessas cúpulas internacionais, são as bilaterais que nós fazemos.

Primeiro, agradecer de coração o reconhecimento por todas as delegações do caráter histórico desta reunião. Nós, aqui, ouvimos relatos sobre situações nacionais que ilustram, primeiro, a nossa diversidade. Mas o que fica claro entre nós é que cada vez mais vai se criando uma consciência de que nós precisamos consolidar definitivamente, do ponto de vista político, do ponto de vista, eu diria, até jurídico, do ponto de vista econômico, uma integração mais soberana entre o nosso bloco. Acho extremamente importante que essa



consciência esteja amadurecendo muito no nosso meio.

Queria dizer para vocês que, muitas vezes, no discurso de alguns companheiros, eu vejo sempre angústia, porque nós aprendemos na escola, depois aprendemos na política que as reuniões feitas por outros blocos, pelo G-8, pelo não sei das quantas, é diferente da nossa, é mais evoluída que a nossa. Não é verdade, ou seja, todas as reuniões que envolvem muitos países, elas acontecem do mesmo jeito.

Eu já tive a oportunidade de participar do G-8 como convidado, junto com o México, junto com a Índia, com a China, com a África do Sul, e a verdade é que lá, acho que discute-se menos do que nós, bem menos do que nós.

Uma coisa que tem me marcado, e eu penso que isso pode nos ajudar profundamente é o seguinte: é o grau de consciência do nosso continente. Companheiro Chávez, a primeira vez que fui a Evian, em 2003, a convite do presidente Chirac, eu cheguei com o Celso Amorim e com o Marco Aurélio no Palácio onde ia ter a reunião do G-8. Eu cheguei e estava lá o príncipe da Arábia Saudita, estava Tony Blair, estava todo mundo. Todo mundo estava sentado, ficou sentado, eu entrei, cumprimentei todo mundo e fui sentar numa mesa. E de repente entra o presidente Bush e todo mundo levanta. E estava eu, o Celso e o Kofi Annan e eu falei: “Não vamos levantar”. Mas não vamos levantar por uma única razão, porque eu acho que, muitas vezes, o comportamento subserviente de muita gente na política é que faz com que as pessoas não sejam devidamente tratadas e devidamente respeitadas. E, vejam, nós não levantamos e o Bush se dirigiu para lá, para cumprimentar a mim, o Celso e o Kofi Annan sem nenhum problema. E ninguém precisou fazer uma deferência.

Eu digo isso porque quando nós criamos o G-20, lá em Cancún, em 2003, logo depois da reunião de Cancún, vários países que tinham participado conosco da criação do G-20 sofreram pressão e não compareceram na



próxima reunião que nós fizemos. Eu sinto que essa consciência está mudando. Eu sinto... eu às vezes tenho a impressão de que não tem fim. Todo mundo conhece o que é um casulo, sabe, que produz seda. O casulo... de repente ele fura um buraco e sai uma borboleta, voa e vai embora.

Eu sinto que no nosso continente as pessoas estão aprendendo que é importante ter relações com todos os países, que é importante ter uma boa política com todos os países, mas que a subserviência não ajuda nenhum país a crescer. Não existe hipótese. Esse continente latino-americano durante um século, quase um século, com exceção de Cuba... quase todos os países ficavam apostando para saber quem era mais amigo daquele que governava os Estados Unidos. Por um século, não foi um dia. Ou seja, todo mundo achava que era o supra-sumo da importância política ser convidado pelos Estados Unidos.

O que está acontecendo hoje? Ninguém está deixando de reconhecer a importância que os Estados Unidos têm no mundo, e têm muita. É um país militarmente mais forte, tecnologicamente mais forte, financeiramente mais forte. Ninguém desconhece. O que nós estamos descobrindo é que entre nós existem outras oportunidades que até então nós não conhecíamos, nós não discutíamos, porque era muito mais fácil recorrer ora aos Estados Unidos, ora à União Européia.

Era quase como se nós não tivéssemos aprendido, mesmo depois da independência de cada país, que estas relações precisam ter o máximo de independência política. Ou seja, nós conquistamos a nossa independência no século XVIII e no século XIX e todas as economias praticamente continuaram amarradas à dependência dos países mais ricos. Ninguém, nem São Vicente, nem Dominica, nem Paraguai, nem Brasil, nem Uruguai, ninguém quer deixar de fazer negócios com os Estados Unidos ou com a União Européia, muito menos o companheiro Chávez quer deixar de fazer, muito menos... Ou seja, o que nós precisamos é fazer nas condições que nós entendemos que sejam



legítimas, que sejam justas, que sejam adequadas, e que possamos discutir entre nós as nossas similaridades, as nossas possibilidades. Porque se não for assim, nós nunca iremos crescer enquanto nação. Iremos sempre ficar pobres, sempre países da periferia. Essa é uma coisa que eu acho que já dá pra compreender que está acontecendo aqui neste momento.

A terceira coisa que eu considero extremamente importante é que essa crise é uma oportunidade. Essa crise é uma oportunidade para que a gente repense o tipo de economia que nós queremos no mundo. Porque tudo que nós temos hoje foi criado praticamente depois da Segunda Guerra Mundial. Algumas outras coisas são de antes da Segunda Guerra Mundial. Todos aqueles modelos que pareciam infalíveis, invencíveis, que julgavam a nós todo santo dia...

Eu muito preocupado porque a economia do meu país vem crescendo, emprego vem crescendo, a pobreza vem diminuindo, superávit primário, superávit de conta corrente, e todo dia eu leio no meu computador que aumenta o risco-Brasil. Os americanos quebrados e o risco deles é zero. Ou seja, as pessoas tiram dinheiro do meu país, que oferece o maior juro do mundo, para depositar no juro mais baixo do mundo. Alguma coisa está errada na economia. Alguma coisa está errada no padrão de política monetária estabelecido.

O FMI não se manifestou até agora, só disse que não tem saída em curto prazo, o Banco Mundial não se manifestou até agora. Desde o encontro com o Japão, do G-8, – Calderón estava lá – que eu propus que era importante que o FMI e o Banco Mundial se manifestassem com relação à crise financeira que começou nos Estados Unidos. Você não recebe informações. Eu acho importante que das decisões nossas aqui, a gente enquanto conjunto de países da América Latina e do Caribe, a gente peça a essas instituições e peça às Nações Unidas, que têm uma instituição econômica chamada Ecosoc que precisa funcionar e prestar contas corretamente para nós, de onde vai e até



onde vai essa crise financeira.

Mas eu penso, ao mesmo tempo, que enquanto a gente quer descobrir a profundidade dessa crise, é importante que a gente tenha consciência de que cada país vai ter que investir o máximo que ele puder investir. A hora não é de fazer o ajuste fiscal da década de 80. A época não é de negar o Estado como foi negado na década de 80. A época agora é de dizer que, no fracasso do mercado, a única coisa que a sociedade acredita é o Estado. E não apenas para nós. Os bancos americanos recorreram a quem? Ao Estado. Porque nenhum banco confiava no outro. Os bancos europeus recorreram a quem? Ao Estado. Porque nenhum confiava no outro. Ou seja, o Estado, que não valia nada, passou a ser o salvador da pátria.

Por que eu acho... e o Leonel Fernández fez um belo discurso ontem, por que eu acho que a economia do dinheiro disponibilizado pelos países ricos ainda não chegou na ponta? É porque o dinheiro dos países ricos, ainda não foi colocado na produção, foi colocado apenas para salvar a quebradeira do sistema financeiro, e não foi colocado na produção. Ou seja, nos nossos países, nós precisamos ter clareza de que o Estado assume um papel muito mais relevante nesse momento.

Os países têm que investir mais em obras de infra-estrutura, os países têm que investir mais em habitação, os países precisam investir naquilo que vai gerar emprego. Acho que os Estados Unidos vão ter que assumir a responsabilidade de dizer que política vai fazer para os países pequenos do Caribe, os países pequenos da América Central, que têm uma economia muito dependente dos produtos que fabricam para os Estados Unidos. E eu acho que as pessoas precisam aprender a cobrar.

Os Estados Unidos vão ter um presidente que vai tomar posse no dia 20 de janeiro. Um jovem, bem formado, em Harvard. Um negro que encantou os Estados Unidos. Ou seja, está na hora da América Latina exigir uma discussão política com ele para saber qual é a visão que ele vai ter na relação com a



América Latina. Nós não queremos mais aliança para o progresso como foi feita na década de 60 aqui no Brasil, e tampouco pode olhar para a América Latina como um grupo de esquerdistas, todos revolucionários, recebendo orientação de Cuba. Já não existe mais isso na América Latina. Na América Latina, a esquerda que fazia luta armada nas décadas de 60 e 70 chegou ao poder na maioria dos países, ganhou as eleições, portanto as pessoas são governo hoje. Agora, o que nós não podemos é ficar esperando que um belo dia eles chamem os países para conversar.

Eu fico torcendo, companheiro Chávez, para que o presidente Obama tenha uma outra visão sobre a Venezuela, que queira manter uma boa relação política com a Venezuela, sem deixar de enxergar a soberania da Venezuela. Que tentem reabrir relações com outros países que têm economia praticamente independente deles. Como é que pode a maior economia do mundo, de US\$ 13 trilhões do PIB, cortar US\$ 50 milhões de compra da Bolívia?

Eu espero que se Obama tomar a decisão de reatar com Cuba... não existe mais nenhuma explicação política, sociológica, nenhum analista do mundo, um psicólogo qualquer, entenderia porque ainda há um bloqueio a Cuba. Será que é vingança?

E eu acho, companheiros presidentes, que as coisas estão mudando muito rapidamente. Eu, às vezes, vejo discurso de que anda pouco, mas eu, Chávez, um dia fui andar naquela Muralha da China e eu fiquei pensando, quando eles estavam construindo aquela muralha, que ela parecia interminável. E todas as vezes que as pessoas estavam colocando pedra, pedra, e olhando para a frente e viam que estava longe, ao mesmo tempo eles olhavam para trás e viam o quanto já tinham construído.

E eu acho que nós, nesses poucos anos, já construímos muito, mas muito. Certamente que, como passamos séculos sem construir muita coisa, passamos séculos sem conversar... Passamos séculos! Faz 200 anos que nós





conquistamos a nossa independência, e é a primeira reunião que nós fazemos. Ou seja, éramos um continente de surdos, não nos enxergávamos.

Então, eu quero dizer para vocês que essa reunião aqui, ela, certamente, vai produzir muitos efeitos. Eu saio daqui convencido de que nós daremos um passo muito maior quando chegarmos à reunião do México, depois daremos um passo muito maior quando chegarmos na Venezuela. E eu acho que nós vamos dando passos, porque as coisas são conquistadas de forma mais lenta, mas tem que ser mais segura. Porque às vezes a gente reclama, e eu sou o primeiro a reclamar, que as coisas demoram entre nós.

Mas é importante que os companheiros compreendam. Embora eu tenha tido 62% dos votos na eleição para Presidente, de 513 deputados, o meu partido tem 80; de 81 senadores, nós temos 13. Para construir a maioria nas votações, é mais difícil do que ganhar as eleições. Cada coisa é um parto muito difícil. E nós fazemos isso, porque é um exercício de democracia de um país que ficou 23 anos sem conhecer o gosto da democracia, subordinado a um regime autoritário que todos vocês conhecem a história.

De forma, companheiros, que eu queria agradecer, de coração, a participação de vocês. Eu, quando sair daqui, nós vamos falar com a imprensa e, certamente, a imprensa pode questionar para que valeu essa reunião. E eu só tenho uma resposta, por tudo que eu conheço de reuniões que eu participo, só posso dizer que valeu a pena. Se não tivéssemos feito mais nada, só o fato de o Grupo do Rio ter aprovado a volta de Cuba às instituições e às instituições multilaterais, já é um feito inusitado, porque os que presidiram os países antes de nós não tiveram coragem de colocar Cuba no Grupo do Rio.

Portanto, de coração, muito obrigado a cada um de vocês, aos presidentes, às presidentas, aos ministros, aos assessores. E, agora, eu só posso terminar convidando vocês para um almoço. A coletiva é depois do almoço, estamos com fome, estamos com “hambre”, já são duas horas.

Uma coisa importante, companheiros, é que até o final de 2010, até



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

terminar o meu mandato, já tem um decreto publicado, da Embaixada residente em Granada, e faltam apenas quatro países, Antígua e Barbuda, Dominica, São Cristóvão, e São Vicente e Granadinas. Até 2010, nós teremos embaixadas residentes em todos os países da América Latina e Caribe.

Um abraço, companheiros, e obrigado pela presença.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
celebração do Natal da Vida e da Cidadania dos Catadores e da  
População em Situação de Rua**

**São Paulo-SP, 23 de dezembro de 2008**

Eu fico pensando aqui no que falar para vocês. Estou vindo agora do Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, onde eu estava reunido com o Presidente da França. Somente no Brasil é que pode acontecer isso, ou seja, no mesmo dia um presidente estar no hotel Copacabana Palace reunido com o Presidente da França e, poucas horas depois, estar aqui reunido com os moradores de rua e os catadores de papel reciclável.

Eu sempre afirmei, padre Júlio, dom Odilo, que uma coisa que marca a vida de um governante, de um homem ou de uma mulher, é não esquecer de onde ele veio. A gente nunca pode esquecer a origem da gente, independentemente do que aconteça na vida da gente. A gente nunca pode esquecer quem são os nossos amigos de sempre e quem são os nossos amigos eventuais. Quando a gente está bem, a gente tem muitos amigos. Quando a gente cai em desgraça, os amigos desaparecem, e são aqueles de sempre que “comeram o pão que o diabo amassou” com você que são seus verdadeiros amigos para a vida inteira.

O governo pode fazer muito. Os companheiros que estão aqui, Paulinho Vannuchi, o companheiro Patrus, o companheiro Gilberto Carvalho, que estava aqui. O Gilberto Carvalho parece um anãozinho que desaparece da frente da gente a toda hora. Eu queria, Roberto, que você viesse aqui – Gilberto Carvalho, Paulinho – porque tem alguma coisa que está faltando a gente consertar hoje, porque nós temos mais dois anos na Presidência da República. Em dois anos nós já aprendemos muito, e em dois anos nós precisamos derrubar o resto da burocracia da máquina pública que impede que a gente



ande mais rápido.

É sempre muito complicado quando a gente decide uma coisa, essa coisa é encaminhada e depois de dois anos você encontra com os companheiros e eles falam assim para mim: “Olha, não aconteceu aquilo que foi avisado”. Por quê? Porque eu estou já há alguns meses, há alguns anos junto ao patrimônio da União, tentando fazer o levantamento de todos os prédios que tem nas grandes regiões metropolitanas para que a gente possa pegar os prédios que têm condições de moradia e permitir que as pessoas (se) mudem. O número de prédios... porque tem uma burocracia... Nós mandamos uma medida provisória em 2004 para facilitar o processo de tomada de um patrimônio da União e doá-lo para alguém. Nós perdemos essa medida provisória. Perdemos ela no Congresso Nacional, porque tem muita gente no Brasil interessada em “garfar” coisa do patrimônio da União e vender particularmente como se fosse sua.

Agora mesmo, quando nós fizemos a doação para o prefeito de Recife, de uma área no centro de Recife que era um terreno vazio em que ele queria fazer uma área de lazer, ele agora transformou num parque em homenagem à minha família, à minha mãe. Nós levamos mais de dois anos para conseguir legalizar, e advogados e mais advogados entravam na Justiça para impedir que a gente doasse o terreno.

Então, eu queria, neste ano de 2008, porque faltam dois anos... Eu vou vir aqui no ano que vem, vou vir aqui no ano que vem como presidente, e espero ser convidado quando não for mais presidente. Como eu vou vir aqui, eu queria fazer um pacto com o Paulinho Vannuchi, com o companheiro Patrus Ananias, com o companheiro Gilberto, com o companheiro Roberto e (com) a direção do Movimento representado pelas entidades, com o padre Júlio, para a gente fazer uma operação pente-fino nesses próximos dois anos.

O que é a operação “pente-fino”? É a gente, no começo deste ano, sentar em torno de uma mesa – e eu quero estar presente –, pegar os agentes



no meio do governo – todos os agentes, seja do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal, do BNDES –, colocar todo mundo em volta de uma mesa para a gente ver tudo o que a gente já deliberou, o que aconteceu e o que falta acontecer e porque não aconteceu, inclusive levar o companheiro Paulo Bernardo, ministro do Planejamento, levar a nossa diretora do Patrimônio da União. Porque, muitas vezes, no governo e na casa da gente é assim. Quantas vezes vocês pedem para um filho fazer uma coisa e ele fala: “está bom, mãe, eu vou fazer”. Aí no final da noite você pergunta: “você fez?”, “não, mãe, não”. E se não perguntar, nunca vai fazer.

Então no governo também é assim. Às vezes a gente decide as coisas. Todo mundo tem vontade, vocês não podem ter dúvidas de que o Patrus é um companheiro comprometido com a luta do povo mais humilde desse país. Agora, quando se trata de envolver muitos ministérios, cada um tem a sua máquina burocrática e, às vezes, a coisa demora mais e o Presidente só fica sabendo de ano em ano. Por que o que aconteceu, Júlio? Eu venho aqui todo ano. Aí quando eu chego aqui, os companheiros apresentam uma pauta de reivindicação. O Roberto já está até gordo de apresentar a pauta de reivindicação para mim. Ou seja, vocês apresentam uma pauta de reivindicação, nós recolhemos a pauta de reivindicação e fazemos uma prestação de contas daquilo que nós fizemos no ano anterior.

Eu acho que agora, Roberto, nós temos que mudar o padrão de funcionamento. Eu acho que agora nós temos que pegar o conjunto das coisas que nós já acordamos, saber o que está funcionando bem, o que não está funcionando, para que a gente possa praticar uma coisa que eu costumo chamar no governo de “Toyotismo”, ou seja, é o sistema de produção em que todos os que decidem estão em volta da mesa para ninguém ter tempo de colocar o papel na gaveta e esquecer. Ou seja, a pessoa terá que decidir ali, porque senão vem para mim, eu vou consultar o Gilberto, que vai consultar o Patrus, que vai consultar o Paulinho Vannuchi, que vai consultar o Advogado-



Geral da União, quando o Márcio Thomaz Bastos estava lá, ia consultar o Ministério da Justiça, quando o Marinho estava lá, ia consultar o Ministério da Previdência, o Ministério do Trabalho, ou seja, é tanta consulta que no final do ano as coisas que poderiam ser feitas em uma semana ou em um mês demoram um ano, ou demora mais.

Então, padre Júlio, o meu compromisso agora é a gente, no começo do ano sentar para a gente reverter essa situação e fazer as coisas acontecerem mais depressa. Eu sei que tem muita coisa boa acontecendo, mas também eu fiquei sabendo que tem coisa ruim acontecendo que não é por nossa culpa, por exemplo, o preço do papel que as pessoas estão catando caiu de preço. Eu estou sabendo que o preço do ferro-velho que vocês estão pegando aço para vender está caindo, está caindo muito. Ora, mas por que está caindo? Está caindo porque as siderúrgicas que compravam sucata estão tentando diminuir a produção porque a China, que produzia 500 milhões de toneladas de aço por ano, ela agora já diminuiu em 12% a produção, empresas como a Thyssen Group, na Alemanha, está mandando gente embora e está dando férias, outras empresas importantes estão mandando... por quê? Porque com a crise econômica mundial, sobretudo nos países desenvolvidos, eles pararam de produzir o tanto de aço que produziam, o tanto de casa que produziam, o tanto de carro que produziam. Vocês estão vendo nos jornais que a GM, a Chrysler e a Ford estão praticamente quebrando nos Estados Unidos. Então, tudo isso é menos produção, portanto menos perspectiva de a gente vender ao nosso preço o material que a gente recicla pelo preço que a gente vinha vendendo.

Mas isso também será uma razão para a gente colocar na nossa mesa de negociação. Todo mundo tem muita vontade, mas entre a vontade e a coisa acontecer é como a gente nadar. Todo mundo vendo na televisão um cara pular na água, todo mundo pensa que sabe nadar. Pule, para ver se sabe. Se não tomar cuidado, vai morrer afogado. Então, eu queria só lembrar os meus companheiros ministros que a gente não tem muito tempo. Só temos 24 meses



para dirigir esse país, e precisamos fazer em 24 meses mais do que nós fizemos nos seis anos que nós governamos, porque nós aprendemos mais, já sabemos onde é que estão os entraves, já sabemos onde trava, já sabemos o problema que vocês estão tendo com os prefeitos.

Dia 10 de fevereiro, eu vou ter reunião com todos os prefeitos do Brasil e eu que os estou convidando. Eu estou convidando os prefeitos, porque desde que eu tomei posse eu me reúno com prefeitos todo ano no mês de março. Eles me apresentam uma pauta de reivindicação, eu atendo ou não atendo. Este ano, eu quero apresentar uma pauta de reivindicação para os prefeitos, se prepare companheiro Marinho. E qual é a pauta de reivindicação que eu quero apresentar para os prefeitos? Por exemplo, para a gente acabar com o analfabetismo, ou a prefeitura se engaja de verdade, de corpo e alma, ou o presidente da República não sabe onde é que estão os analfabetos todos na periferia deste país. Para a gente cadastrar corretamente as pessoas do Bolsa Família, as prefeituras têm que se engajar, ir nos grotões, para a gente saber onde é que estão as pessoas que precisam do Bolsa Família. Para a gente diminuir a mortalidade infantil é preciso que o prefeito trabalhe com muito amor e com muito carinho, para ele poder gastar o dinheiro da saúde ou colocar mais, senão a gente fica repassando o dinheiro aqui de Brasília e o dinheiro não chega na origem que nós queremos que chegue, que é atender aos interesses da maioria da população.

Então, esses seis anos que nós temos de experiência vão nos permitir, Roberto, ter uma coisa mais forte. Primeiro, para a gente fazer, enquanto governo federal, segundo para a gente cobrar mais parcerias com os governos estaduais e mais parceria com os prefeitos deste país. Por quê? Embora cada ente federado tenha liberdade e autonomia, a verdade é que muitos deles dependem do dinheiro que a gente passa. Então é preciso que a gente comprometa o repasse de dinheiro... alguns compromissos dos prefeitos... Eu confesso a você, Roberto, que eu achava que aqui em São Paulo as coisas



estavam andando bem, porque eu falei naquela outra vez que eu vim aqui, falei com o prefeito e, pelo que eu estou vendo, as coisas não aconteceram.

É importante, gente... Essa história que vocês me contaram aqui, que de noite vão dar banho nas pessoas na rua, que tomam os documentos das pessoas, que afugentam... Eu estava falando com o Paulinho Vannuchi: nós vamos falar com o José Gregório, que é o coordenador aqui em São Paulo, e montar um esquema de conversar, porque é um descalabro as pessoas não respeitarem um ser humano apenas porque ele é pobre, apenas porque ele é mais frágil do que os outros.

Dom Odilo, eu vou dizer uma coisa para o senhor – eu tenho dito ao companheiro Patrus: a coisa mais barata do mundo é cuidar do povo pobre. Não tem nada mais barato e mais fácil (do que) a gente cuidar do povo pobre, porque com pouco dinheiro uma mulher pobre ela sabe ir ao supermercado e comprar comida para levar para casa, ela sabe cuidar do leite dos filhos. Agora, cuidar dos ricos é uma desgraça, porque custa caro, custa muito caro.

Vocês viram agora, vocês viram essa quebradeira que teve nos Estados Unidos, começou pelos Estados Unidos. Somente as Bolsas de Valores perderam, em três meses, US\$ 31 trilhões. Eu estou falando (em) trilhões, trilhões de dólares. Eu estou falando US\$ 31 trilhões até agora. Já foi, desapareceram do mapa. Só dinheiro que os governantes passaram para cuidar dos bancos, em três meses, foram US\$ 600 bilhões, que se tivessem sido jogados na produção, a gente não teria desemprego nos Estados Unidos, a gente não teria desemprego na Europa, a gente não teria desemprego em outros países.

Aqui no Brasil, a gente não teve esse problema. Nós não passamos dinheiro para banco, e o que eu tenho dito é que se a gente tiver que passar dinheiro, a gente vai passar dinheiro para gerar alguma coisa que produza um produto, que produza um emprego e que produza um salário.

É por isso que ontem eu fiz um pronunciamento na televisão, para poder





chamar a atenção das pessoas. Na verdade, dom Odilo, estão fazendo uma política, eu diria, de pânico na sociedade. Aliás, eu vou dizer para o senhor uma coisa: tem gente – e vocês sabem quem são – que está torcendo que a crise venha para o Brasil e arrebente tudo, para dizer: “Está vendo? O Lula não podia dar certo”.

Na verdade, essa crise, pela lógica, ela só poderia chegar aqui no Brasil por conta da diminuição das exportações. Se os Estados Unidos são um grande importador e deixam de comprar, a empresa brasileira vai ter problema. Se a Europa é um grande comprador e deixa de comprar, nós vamos ter problemas. Mas o que acontece: até nisso, Júlio, nós somos melhores do que os outros.

Quando eu comecei a viajar pelo mundo, o que a gente estava fazendo? A gente estava diversificando o nosso mercado. Em vez de vender só para os Estados Unidos e para a Europa, nós começamos a vender mais para a Argentina, começamos a vender mais para a América Latina, para a África, para o Oriente Médio, para a Ásia. Só para vocês terem idéia, em 2003 a gente tinha um comércio com a Argentina de US\$ 9 bilhões. Hoje nós temos US\$ 30 bilhões com a Argentina. Portanto, nós, teoricamente, somos um país que vai sofrer menos com a crise do que outros países que exportam muito para a Europa e para os Estados Unidos.

A segunda coisa extremamente importante é que aqui nós não tínhamos o sistema financeiro envolvido no *subprime*, ou seja, comprando papéis podres. Vocês estão lembrados de que o petróleo chegou a US\$ 150 o barril. Agora está a US\$ 40. Ninguém consegue explicar porque em apenas um ano, sem aumentar o consumo, o petróleo saiu de US\$ 30 para US\$ 150 o barril. Sabem por que subiu tanto? Pura especulação. Tinha gente comprando o barril de petróleo no papel. O Marinho está lembrado do famoso boi gordo. Uma vez eu fui com o Marinho lá, porque o Sindicato queria fazer um investimento, nós fomos ver o tal do boi gordo aqui em São Paulo. Aí eu cheguei lá e falei para o



cidadão da fazenda: cadê o gado? “Não, aqui não tem gado, aqui é só papel”. O dólar é a mesma coisa no petróleo.

Então, companheiros, eu estou dizendo isso para vocês, para dizer para vocês o seguinte: nós vamos surpreender aqueles que não acreditam no Brasil. Vocês podem ficar certos de que nós iremos fazer tudo o que tiver que fazer para que o País saia da crise muito melhor do que ele entrou. E aqueles que estão torcendo para que o Brasil caia em desgraça, certamente terão mais chance de cair em desgraça do que o País, porque este país será protegido por 190 milhões de habitantes.

Por isso, meus companheiros e companheiras, eu queria dizer para vocês uma coisa. É no momento de adversidade, de crise que a gente tem que ter coragem, sobretudo vocês, porque se tem alguém que tinha o direito de reclamar, que tinha o direito de jogar sapato num presidente... Vocês viram lá no Iraque, não é? Aquele... imaginem se aquele sapato estivesse com chulé. O Bush não tinha se machucado, mas tinha desmaiado.

Então, eu acho que um povo que nem o povo brasileiro, que passa o que vocês passam e estão aqui agradecendo e ao mesmo tempo cobrando, porque o governo tem consciência: cada conquista que a gente tiver, no dia seguinte ela já é pouco, a gente quer mais. É assim a vida humana, é assim a conquista da sociedade. E nós, em vez de achar ruim, nós temos que nos preparar para essa evolução da sociedade. A sociedade vai evoluindo, as pessoas vão aprendendo, as pessoas vão lendo. As pessoas conseguem conquistar uma vírgula, querem uma palavra, depois de uma palavra querem uma frase inteira, depois da frase inteira querem um livro, depois do livro querem 500 livros. Ou seja, é assim, e é bom que seja assim porque somente assim este país vai fazer justiça com a totalidade do seu povo.

É importante lembrar que nós somos herdeiros de um estoque de miseráveis neste país, nós somos herdeiros de 20 anos em que a economia brasileira não cresceu. E a economia brasileira não crescendo, eram jovens



que nasciam e que chegavam à idade adulta sem ter a possibilidade de trabalhar. Sem trabalhar não ganhavam renda. Se não ganhavam renda, não podiam construir família. Às vezes, eram até deserdados pela família e as pessoas, então, vinham para as ruas.

Graças a Deus, nós estamos educando as pessoas aos poucos, que quem está morando nas ruas hoje é menos culpado e que mais culpados são aqueles que ao longo de décadas, governaram este país e permitiram que surgisse tanta gente pobre.

Quando a gente vê um jovem de 18 ou de 19 anos sendo preso ou assassinado pela polícia, em vez de a gente dizer “morreu um bandido”, a gente tem que dizer “morreu um jovem, vítima da incompetência dos governantes, que não deram a ele a oportunidade de estudar, de trabalhar, de constituir família”.

Eu falo isso com a alma lavada, de alguém que todo santo dia acorda preocupado com aqueles mais humildes do País. É por isso que nós... Hoje eu vi uma manchete no jornal: 40 mil pessoas perderam o emprego no mês de novembro, se não me falha a memória. Agora, quando nós criamos, neste ano, do dia 1º de janeiro ao dia 1º de outubro, 2 milhões e 200 mil empregos, esse jornal não deu nem notícia.

Vocês fiquem tranqüilos (com) o seguinte: em dois anos, entre 1º de janeiro de 2007 e outubro de 2008, nós criamos, em menos de 24 meses, 4 milhões de empregos com carteira profissional assinada. E isso nós queremos manter. Se alguns empresários estão mandando gente embora agora, é precipitação. Eu disse noutro dia: está na hora de os empresários, na hora em que tem uma crise, fazerem o sacrifício que cada um de nós faz, e não descarregar logo nas costas do trabalhador e dispensar o trabalhador.

É importante que as pessoas aprendam que neste país está se construindo uma democracia, e que as pessoas são respeitadas, mas já ouvi de vocês que nem todo mundo respeita. Nós vamos contribuir para que as



peças sejam respeitadas. Obviamente que era preciso criar, Júlio, um número qualquer no Ministério do Paulinho – agora virou Ministério, ficou chique agora – ou no Ministério do Patrus, um número 0800 e não sei quanto. Quando vier alguém tacar água, alguém tem que ligar para esse número para que a gente possa atuar na mesma hora, até que eles tenham vergonha de fazer isso.

Companheiros e companheiras,

Falta só marcar a data, Gilberto, para que no começo do ano a coordenação do Movimento, mais o Júlio, mais eu, mais você, mais o Patrus, mais o Paulinho Vannuchi, mais o Planejamento e mais quem estiver envolvido em alguma coisa do acordo que ainda não foi conseguido colocar em prática, vamos ter que estar em volta de uma mesa para a gente tornar mais fácil a vida dessa gente, porque difícil já é o seu dia-a-dia.

A verdade, também, é que nunca o Movimento teve o chefe de gabinete representando ele na Presidência da República. Nunca. E o Roberto, eu vou te contar... O Roberto já engordou uns 20 quilos depois que eu conheço o Roberto. Roberto, eu queria te dizer o seguinte, queria dizer aos companheiros da orquestra, ao Júlio, ao dom Odilo, a todas as entidades que trabalham com vocês que eu tenho certeza de que nós ainda estamos longe de fazer tudo o que precisa ser feito, mas já fizemos muito mais do que foi feito em décadas e décadas neste país. E podemos fazer mais.

Eu quero agradecer às entidades que trabalham com vocês, às entidades que trabalham, que se matam, que se dedicam. Quero agradecer à Igreja que trabalha com vocês, mas, sobretudo, quero agradecer à liderança de vocês, tanto dos moradores de rua quanto dos catadores de papel, porque o nível de consciência política está ficando extraordinário.

Por isso, eu queria... a Marisa não pôde vir porque... A Marisa, também, sabem o que acontece? Ela está lá em casa com uma sogra, com operação de catarata, uma irmã com o tornozelo quebrado e um neto com o dedo quebrado.



Quer mais azar do que isso?

Então, eu queria, gente, desejar para vocês um bom Natal. Queria que vocês não perdessem a fé, não perdessem a esperança e acreditassem que Aquele lá de cima, que nos pôs no mundo, está olhando por nós. E essa provação que vocês estão passando todos os dias é o testemunho de que a gente pode melhorar a nossa vida.

Gente, só me despedir primeiro. Um grande abraço. Júlio, Gilberto Carvalho e você, Roberto, vão ficar com a responsabilidade de marcar essa conversa para a gente juntar todo o pessoal envolvido em vez de a gente... E você também. A gente vai ver se a gente resolve esse problema ou se a gente consegue aprimorar isso. Com relação aos companheiros do Sem-Teto que eu vi aqui – eu vi os companheiros do Sem-Teto aqui – também no começo do ano eu vou querer... eu sei que vocês estão pedindo uma audiência. Nós vamos apresentar uma proposta nova de moradia e queremos construir... Não, nós vamos apresentar uma outra proposta além dessa que nós já fazemos, para a gente discutir com o Movimento, está bem?

Gente, um grande abraço, Feliz Natal, que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Depoimento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, sobre o ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil, homenageado no programa Domingão do Faustão com o Prêmio Mário Lago**  
**Programa veiculado na TV Globo em 28 de dezembro de 2008**

Gil, eu posso dizer que você foi uma dádiva de Deus no meu caminho. Quando, em 2002, eu te convidei para ser ministro, eu imaginei que eu estava convocando uma pessoa apartidária para fazer parte do meu Ministério. De repente, eu te levo para o governo em nome do PV, e eu percebo que você é daqueles políticos que estão acima dos partidos. E aí eu fechei os olhos e falei: o Gil é mais importante do jeito que ele é, do que se ele fosse uma pessoa ligada diretamente às ordens de um partido político.

Quero te dizer, Gil, que você mudou a história da cultura no Brasil. Certamente, os que virão depois de nós vão perceber que existem dois momentos do Ministério da Cultura e da cultura no Brasil, antes do Gil e depois do Gil, porque a leveza e a seriedade com que você tratou a questão da cultura, os embates que você fez para fazer prevalecer o direito de toda região brasileira, ou seja, de levar cultura para os estados mais longínquos do Brasil, fazer com que o dinheiro fosse distribuído de forma mais justa para todos os estados, é uma coisa que eu nunca vou esquecer. Como também não vou esquecer a quantidade de vezes que você ficava emocionado, tentando levar mais dinheiro para o Ministério da Cultura.

Agora, Gil, de tanta convivência boa, de tantos momentos felizes que eu vivi contigo e com a Flora, que você me deu no Ministério, eu queria te dizer que tem um aqui, para mim, se eu viver 90 anos, 80, 70, ele vai viver gravado na minha memória, que é a nossa ida a um lugar chamado “Porta do Nunca Mais”, na ilha Gorée, no Senegal. Quando a gente entrou naquela Porta, que era a porta (pela qual) os escravos saíam da ilha onde eles ficavam presos, e



se deparavam com o oceano Atlântico sabendo que nunca mais iam voltar, e depois você cantou a belíssima música - que eu acho que você deveria cantá-la agora, neste momento, no Programa, homenageando os escravos da ilha Gorée - eu penso que foi um momento marcante da minha vida.

Gil, de coração, pode ficar certo de uma coisa: a gente, muitas vezes, escolhe os companheiros da gente e eles vão crescendo ao longo do tempo. Eu digo sempre o seguinte: nem todo irmão é um bom companheiro, porque está cheio de gente que tem desavença com irmão. Agora, todo companheiro é um grande irmão. E você, Gil, é um grande companheiro. Que Deus te dê toda a força possível para você e para a sua esposa, para que vocês possam vencer nessa nova etapa da sua carreira, mais experiente, mais extraordinário, mais ousado e mais artista do que nunca.

Boa sorte, meu irmão, e que Deus te acompanhe.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante sanção do Projeto de Lei dos IFETs – Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**

**Palácio do Planalto, 29 de dezembro de 2008**

Berger, se eu não tirar esse microfone daqui você vai sair mais na foto do que eu. Então, eu vou puxar... Aqui está bom. Eu sei lidar com isso, Berger, graças a Deus.

Primeiro, quero cumprimentar meus companheiros Fernando Haddad, da Educação, e o companheiro Hélio Costa, das Comunicações,

O nosso governador – e dizer para vocês que a vinda do Wellington hoje aqui é um sinal de esperteza dele. Ele só dá de folga para o governo federal o Natal. Ele já está aqui para saber o seguinte: “Eu quero saber se vai sobrar dinheiro que não foi gasto, porque eu preciso levar dinheiro para o Piauí”.

Quero cumprimentar os senadores Jucá, líder do governo; a Ideli, companheira líder do PT; a Fátima Cleide; o companheiro Cristovam e o companheiro Inácio Arruda,

Quero cumprimentar os deputados Alex Canziani, Eduardo Valverde, Osmar Serraglio e Reginaldo Lopes,

Cumprimentar o dr. Hélio, nosso prefeito de Campinas,

Cumprimentar o nosso companheiro Eliezer Pacheco, secretário de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério,

Cumprimentar os companheiros dirigentes de entidades de classe da área da educação,

Cumprimentar... Só tem uma pequena futura aluna aqui, cumprimentar essa aluna.

Bem, eu vou ter que repetir o óbvio aqui, mas é importante repetir,





porque dizem que se a gente não repetir muitas vezes a imprensa não publica. Então vocês, por favor, liguem os gravadores de vocês aí, porque...

Primeiro, eu queria agradecer aos deputados e aos senadores. Muitas vezes se tenta criar uma disputa mais do que ela é, na verdade, entre o Poder Legislativo e o Poder Executivo. Eu penso que não teve uma matéria importante, na área da educação, que nós mandamos para o Congresso Nacional, que não fosse aprovada quase por unanimidade. Nós só tivemos o percalço da questão da CPMF, que um dia a história vai julgar.

Mas o dado concreto é que em se tratando de saúde e de educação, o Congresso normalmente consegue votar, por unanimidade, a grande maioria das coisas que diz respeito à educação e saúde. Sobretudo quando as coisas são bem encaminhadas, são bem discutidas e, sobretudo, quando há vontade política do governo, quando há vontade política dos deputados e senadores ligados à área da educação, quando há vontade política dos educadores da área de escola técnica, as coisas funcionam com muito mais facilidade. Então, eu quero terminar o ano fazendo os meus agradecimentos à competência que vocês tiveram na aprovação desta Lei.

A sanção do Projeto de Lei nº 177, de 2008, que cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, reordena o sistema nacional de escolas técnicas quase 100 anos após a sua criação. Além da expansão do número de unidades, as escolas passarão por uma reorganização administrativa e pedagógica.

Os novos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia serão constituídos a partir da integração e reorganização de centros federais de educação tecnológica, escolas técnicas federais, escolas agrotécnicas federais e escolas técnicas vinculadas às universidades federais que atuam em uma mesma base territorial.

Vamos ver aqui para que serve tudo isso que nós estamos fazendo aqui e para que serviu a Lei. Primeiro, ofertar educação profissional e tecnológica



em todos os seus níveis e modalidades, sobretudo de nível médio; orientar a oferta de cursos, em sintonia com a consolidação e o fortalecimento dos arranjos produtivos; estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo e o cooperativismo, apoiando os processos educativos que levem à geração de trabalho e renda, especialmente a partir de processos de autogestão; constituir centros de excelência na oferta do ensino de ciências nas escolas públicas; oferecer programas especiais de formação pedagógica, inicial e continuada, para a formação de professores da educação básica, sobretudo nas áreas de física, química, biologia e matemática, assim como oferecer programas de extensão, dando prioridade à divulgação científica; atuar em todos os níveis e modalidades da educação profissional, mantendo estreito compromisso com o desenvolvimento integral do trabalhador.

Pelo menos metade das vagas ofertadas em cada Instituto Federal será destinada a cursos de educação profissional técnica de nível médio, preferencialmente integrada ao ensino médio, cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores e cursos de educação profissional para jovens e adultos do Proeja. Outros 20% das vagas serão destinadas aos cursos de licenciatura e programas especiais de formação pedagógica voltados à formação de professores e especialistas, para as disciplinas científicas do ensino médio e da educação profissional. Bom, é isso que vocês de bom grado aprovaram e que eu sancionei.

Agora, um outro dado importante, porque essas coisas precisam ser do conhecimento do povo, para ver como nós trabalhamos, ao longo da história do Brasil, para retardar o avanço da educação no nosso país. A criação das Escolas de Aprendizes Artífices foi o acontecimento mais marcante do ensino profissional na Primeira República. O Decreto-Lei nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, assinado pelo então Presidente Nilo Peçanha, criou 19 escolas nas capitais dos estados então existentes. Em 2003, a Rede Federal de Educação Tecnológica possuía 140 em 23 estados da Federação.



A Lei nº 11.195, de 18 de novembro de 2005, já com o voto de todos vocês, permitiu à União criar novas unidades federais de educação profissional e tecnológica. Após a nova lei, foram criadas 64 novas unidades na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Foram beneficiados os estados desprovidos de instituições dessa natureza, regiões do interior do País e as periferias dos grandes centros urbanos.

Em abril de 2007, entre as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação, foi lançada a segunda fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, com a meta de implantar outras 150 novas unidades de ensino até o final de 2010.

No final – e isso é importante, Cristovam – de todo o processo de expansão, a Rede Federal terá saltado de um patamar de 140 unidades de ensino para 354 escolas, o que representa nada mais, nada menos, do que mais de 150% de tudo o que foi feito.

O que é importante chamar a atenção no que está acontecendo na educação, no Brasil? Eu penso que muita gente aqui, no Brasil... dos senadores que estão aqui eu poderia citar dois principais: o Cristovam e a Ideli, mas poderia citar dezenas de deputados que se dedicam exclusivamente à área da educação. Motivos de brigas minhas com o movimento estudantil, para que a gente pudesse juntar um pouco mais o discurso e pegar uma combinação entre a escola privada e a escola pública.

O que está acontecendo hoje com o que foi aprovado até agora, e o que vai fazer daqui para a frente, é que o País está vivendo um momento de maior investimento em ciência e tecnologia, com o PAC da Ciência e Tecnologia. Este ano nós vamos inaugurar 100 escolas técnicas, ou seja, nós vamos inaugurar, em 2009, 100 de um país que tinha construído 140 em um século. Este ano nós vamos inaugurar 100. Só não definimos se vamos inaugurar uma de cada vez, 10 pacotes de 10, cinco pacotes de 20. Mas nós vamos inaugurar 100 escolas este ano, para inaugurarmos as outras 50 em 2010.



Certamente, nós ainda teremos muitas regiões do Brasil necessitando de escolas técnicas, nós ainda teremos... sobretudo as regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos. E é importante que outro governo venha e faça aquilo que precisa ser feito até a gente não ver mais ninguém reclamando da falta do ensino técnico no Brasil.

O mais importante de tudo é que este ano nós vamos ter a formação dos primeiros 56 mil jovens universitários do ProUni. Ou seja, não é pouca coisa. Primeiro, você vencer o tabu de colocar pobre na universidade. Segundo, você perceber que esses pobres, que foram esculhambados no começo, passarem a ser reconhecidos como os melhores em várias áreas. De Medicina a Engenharia, os estudantes do ProUni têm sido classificados como os de melhor qualidade.

Isso porque, possivelmente, aquele que já nasce predestinado a ir para a universidade não dá importância, porque a conquista não foi tão grande. Mas esse pobre, que tinha desanimado, que vai tirar o seu diploma este ano... já tirou o diploma agora, vai só fazer a entrega, eu estou falando para o Fernando Haddad: nós temos que fazer uma grande festa. Uma grande festa, que é para a gente não só valorizar o que foi feito, mas para a gente estimular outros jovens pobres, da periferia, que ainda pensam que não vai ter solução para o problema dele, a se estimularem e a terem vontade de voltar a estudar.

O ProJovem, nós queremos chegar a 4 milhões e meio de jovens até 2010, jovens que desistiram de estudar, jovens entre 15 e 24 anos que já estão aí no fio da navalha para cair na criminalidade ou perder totalmente a esperança. Nós, agora que conseguimos convencer os prefeitos de que é um grande programa... No primeiro ano que nós lançamos, pasmem, teve prefeito que não fez a inscrição, porque nós queremos fazer em parceria com as prefeituras, porque não cabe ao governo federal fazer a inscrição. Mas teve prefeito que não inscreveu gente para o ProJovem, passando a idéia de que na sua cidade não tem jovens carecendo de estudar.



Agora, me parece que aumentou muito a disposição dos prefeitos. Nós, com essa eleição de agora, vamos ter muitos prefeitos novos. Eu estou convocando uma reunião dos prefeitos, dr. Hélio, para o dia 10 de fevereiro, em que eu vou apresentar uma pauta de reivindicação para vocês. Historicamente, vocês apresentam uma pauta de reivindicação para mim, e eu vou apresentar uma pauta de reivindicação que eu acho positiva e necessária. Por exemplo: como a gente acabar com o analfabetismo neste país? Porque uma coisa é você não permitir que uma criança, nascida hoje, seja analfabeta. Mas acontece que nós temos um estoque, nós recebemos um estoque histórico, neste país, de pessoas que estão com 90 anos, ou com 17 anos, que não foram para a escola. Como a gente alfabetizar toda essa gente sem a participação dos prefeitos? Quem conhece a periferia de cada cidade, o interior, o campo são os prefeitos. Então, o que eu quero é pactuar com eles esse compromisso. Depois nós vamos discutir como fazer. Mas imaginem se os prefeitos brasileiros, começando agora, assumirem compromisso, em 2010 a gente poderá ter bem menos analfabetos do que nós temos hoje, no Brasil.

A segunda coisa é a questão da mortalidade infantil, da desnutrição. Essa coisa de cuidar de criança, se os prefeitos não assumirem a responsabilidade de detectar, no seu município, na mais longínqua periferia, os problemas reais, muitas vezes a política pública não chega a essas pessoas. Por quê? Porque a política pública, normalmente, ou chega nas pessoas que têm muita capacidade de organização e, portanto, de fazer protesto, ou na capacidade dos ricos de fazerem gestão junto ao governo para ter dinheiro. Mas aquele pobre mais miserável, se o prefeito não montar um critério de investigação, a gente não consegue descobrir que aquela pessoa existe.

Só para você ter idéia, Hélio: registro civil. Ainda hoje nós temos milhões de brasileiros que não têm registro civil. Alguém que nasce aqui em Brasília pode dizer: “É inconcebível”. Nós temos que obrigar... Primeiro, nenhuma criança pode sair do hospital sem o registro civil. É preciso ter um critério entre



os hospitais e os cartórios, para que a criança seja registrada. Mas, ao mesmo tempo, nós temos que saber que tem milhões de crianças que nascem ainda na base da parteira, como nós nascemos, na década de 40, de 50, ainda tem. E muitas vezes essas pessoas moram muito distante do centro da cidade, passam 8 meses, 9 meses, 10 meses sem registrar uma criança, depois até esquecem.

Por que você acha que eu tenho duas datas de aniversário, Hélio? Por que vocês acham que eu comemoro meu aniversário, no documento, no dia 6, e comemoro meu aniversário no dia 27? É porque meu pai, certamente, levou muito tempo para ir me registrar, e quando ele foi, deve ter esquecido. Você sabe que pobre, quando sai do campo para ir para a cidade, chega lá, a primeira coisa que ele faz não é ir ao cartório, quem sabe é passar numa bodega e fazer uma visita. O dado concreto é que, como eu, deve ter milhões de pessoas que não tiveram essa sorte. Como nós vamos fazer isso sem o prefeito? Não é o cartório que vai fazer, não é o Direitos Humanos que vai fazer. Quem vai fazer, quem é? São os prefeitos... de montar estrutura para que a gente possa garimpar onde tiver um deserdado neste país, a gente trazê-lo, para que ele tenha cidadania.

E aí tem outras coisas, eu estou pedindo para que cada ministro faça um levantamento na sua Pasta, de quais são as dificuldades que ele tem para chegar na pessoa para a qual o projeto foi criado.

Deixem-me dar um exemplo: Farmácia Popular. Primeiro, nós criamos a farmácia construída pelo governo. Aí, um cara muito inteligente resolveu criar um outro tipo de farmácia: um convênio com a rede particular de farmácias. Você acredita que tem muitos prefeitos que sequer conversaram com os farmacêuticos para que os farmacêuticos da sua cidade se inscrevam no Ministério da Saúde, e fazer um cara comprar remédio que custa R\$ 100,00 por R\$ 10,00, que custa R\$ 10,00 por R\$ 1,00? Tem muita cidade que não tem uma única farmácia cadastrada. Se o prefeito não for atrás, quem é que vai?



Então, nós estamos fazendo um levantamento fiel, começando da educação, passando pela saúde e depois pegando a cidadania, para a gente pactuar entre governo federal, governos estaduais e prefeituras, para ver se a gente consegue tornar o Brasil mais realista, tornar o Brasil mais cidadão, fazer com que as pessoas...

Eu chego em alguns lugares, Fernando... Você viu a minha indignação quando o IBGE mostrou que tem tantos jovens de 15 anos que estão na escola há tantos anos e não sabem ler. Eu não consigo entender como é que uma pessoa está na escola e não sabe ler. Eu não sei o que está acontecendo, você sabe que eu fico indignado com isso: “Ah, está há quatro anos na escola e não sabe ler, está há cinco anos na escola e não sabe ler”. Então, possivelmente, ou tem um erro na informação, ou o professor não sabe dar aula, mas alguma coisa está errado nisso.

E os números, no Brasil, são sempre os mesmos. Toda hora que você pergunta: “Quantos analfabetos tem no Brasil?” “Tem aproximadamente 15%”. Mas isso desde a década de 70. Nós precisamos criar políticas especiais para o Norte e para o Nordeste, porque você pega a região Centro-Sul e o Sul e tem um certo equilíbrio. Mas quando você chega no interior de Minas Gerais, Reginaldo, e chega no Nordeste brasileiro, o número triplica, e aí aumenta muito a média nacional.

Então, isso nós queremos fazer com os prefeitos. Sem eles será praticamente impossível a gente fazer e, por isso, nós estamos tentando fazer essa reunião, em que eu quero levar todos os ministros. Cada ministro vai chegar na frente dos prefeitos e dizer: “Na área da educação nós temos esse, esse e esse problema”, “na área da saúde temos esse, esse e esse problema”.

Na questão da rede, da internet, da banda larga, nós precisamos tornar cúmplices os nossos prefeitos e os nossos governadores, para que a política aprovada pelo Congresso Nacional chegue lá na periferia, onde a gente quer que ela chegue.



Eu queria agradecer, Fernando Haddad, porque eu acho que uma coisa que vai ter um salto de qualidade no final do governo é a questão da educação, não apenas o que está funcionando, mas as coisas que vão ser implantadas. E agradecer aos companheiros senadores e deputados porque sem vocês, às vezes com um pouco de demora, às vezes com muito discurso, mas sem vocês as coisas não teriam acontecido e a gente não teria legitimidade para implantar esses programas.

Eu acho que nós terminamos 2008 bem, na questão da educação. Acho que é um fim de ano muito importante, com a sanção desta Lei. E eu espero que a gente, em 2009, consiga fazer tudo o que nós nos comprometemos, Fernando. Você me deve 14 universidades, me deve a Universidade Afrodescendente – aí é o Congresso que precisa aprovar primeiro. Lá em Redenção, no Ceará, viu, Inácio? Você trate de articular a aprovação. Temos a Unila, aqui, a Universidade da América Latina, que também vai ser feita, está para aprovar o Projeto, não é isso?

E eu acho que se a gente conseguir fazer tudo o que está já mais ou menos engatilhado, nós vamos terminar o nosso 2009 como, quem sabe, o melhor ano da educação neste país. Acho que é um desafio, acho que é um desafio de todos nós. Uns, aqui, brigam como educadores, outros brigam como pessoas que querem mudar. A vida do Cristovam é brigar por isso, a vida de tanta gente, da Ideli, da Fátima. O dado concreto é que nós nunca estivemos tão próximos de tornar realidade o nosso sonho na educação. Tendo em conta que ainda falta muito para melhorar, no nível que nós queremos.

Em janeiro eu vou receber aqui a nossa coordenadora da Olimpíada de Matemática, a Suely Druck. Este ano, nós tivemos a participação de 18 milhões e 300 mil crianças. Para quem veio aqui pela primeira vez, eu vou dizer o que significam 18 milhões e 300 mil crianças. Em 2004 o Brasil tinha 274 mil crianças participando da Olimpíada de Matemática, e todas de escolas particulares, todas. O Nordeste - Piauí, Ceará - tinha uma grande participação.





Foi em 2004 que nós decidimos levar para a escola pública a Olimpíada de Matemática. Vocês sabem que no Brasil, essas boas notícias, tem sempre as pessoas que são contra. Quando nós falamos de levar para a escola pública, a primeira coisa que me disseram foi o seguinte: ‘Presidente, a molecada pobre não vai se interessar por isso, não vai se interessar por isso’. Conclusão: decidimos fazer. Em 2005 inscreveram-se 10,5 milhões de crianças; em 2006 inscreveram-se 14 milhões de crianças, isso porque a Justiça Eleitoral não deixou a gente fazer nenhum cartaz para as escolas, para convocar; em 2007, 17 milhões de crianças; em 2008, 18 milhões e 300 mil crianças.

A Argentina tinha 1 milhão e 200 mil crianças na Olimpíada de Matemática, os Estados Unidos, acho que tinham 6 milhões. Hoje não tem um país no mundo... nem a China, que tem a população maior que a nossa, tem uma Olimpíada de Matemática como nós temos.

Quem participou do evento da Olimpíada de Português deve ter ficado emocionado. Eu nunca participei de um ato daquela magnitude. Nós deixamos para anunciar os premiados no ato. As crianças vieram... trouxemos os 150 melhores classificados, mas não dissemos quem tinha ganho, o prêmio foi anunciado na hora. Quase todas as crianças que subiam ao palco, as premiadas, choravam a criança, chorava a mãe ou o pai da criança, e chorava o professor da escola. Inscreveram-se 6 milhões de crianças, porque a gente não tinha experiência, a gente não tinha um centro de português como a gente tem o instituto nacional de matemática aplicada. Nós fizemos com uma fundação do Banco Itaú. Como é o nome? Construindo o Futuro? Escrevendo o Futuro. Foi um sucesso e eu estou convencido de que no ano que vem vai ser o dobro disso.

Agora, nós precisamos terminar, Fernando, colocando Ciências, essas matérias que as crianças menos gostam... pode colocar Física, pode colocar....



Nós temos que ir criando Olimpíadas, porque o sucesso que têm despertado nas crianças é uma coisa extraordinária.

Esta semana vou ter uma reunião... esta semana não, quando eu voltar, depois do dia 10 eu vou ter uma reunião com a Sueli, vamos abrir a Olimpíada de 2009. Mas eu gostaria que em um ato que a gente fizesse com os premiados, que a gente convidasse os deputados e senadores ligados à educação, para eles verem a diferença que faz uma criança ser bem-atendida em uma escola, ser motivada em uma escola.

Eu acho, Fernando, que nós encontramos o caminho. Por isso, meus parabéns. Parabéns à sua equipe. Continue trabalhando assim que, certamente, você poderá ter futuro.

Muito obrigado a vocês e feliz Ano Novo.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração da primeira etapa do Parque Dona Lindu e do  
Monumento aos Retirantes**

**Recife-PE, 30 de dezembro de 2008**

Meu querido companheiro Eduardo Campos, Governador do Estado de Pernambuco, e sua companheira Renata Campos,

Meu querido companheiro José Múcio Monteiro, Ministro-Chefe da Secretaria de Relações Institucionais,

Meu caro João Lyra Neto, Vice-Governador do Estado de Pernambuco, Desembargador Jones Figueirêdo, presidente do Tribunal de Justiça de Pernambuco,

Deputada Ana Arraes,

Deputados Fernando Ferro, Inocêncio de Oliveira, Pedro Eugênio,

Meu querido companheiro João Paulo Lima e Silva, Prefeito de Recife, e sua esposa Luiza Eugênia de Oliveira e Silva,

Meu caro João da Costa, Prefeito eleito de Recife,

Senhora Marília Bezerra,

Brigadeiro Telles Ribeiro,

Senhor Paulo Roberto Lucas Alves, gerente regional da Secretaria de Patrimônio da União,

Meu querido companheiro Abelardo da Hora,

Meu querido companheiro Mestre Forró,

Meu querido companheiro Alceu Valença,

Nossa querida Diana, que cantou por último,

Meus queridos companheiros irmãos que estão aqui presentes – éramos em oito, agora somos em sete. Logo, logo, seremos todos cinzas, mas enquanto não formos, estaremos brigando para ver se a gente consegue contar



um pouco melhor a história de uma parte do Brasil que teimou, por vários séculos, em ser esquecida pela elite dirigente deste país.

Primeiro, eu não vou repetir o que o João Paulo falou aqui desta Praça, João Paulo. Eu tenho vários assuntos para conversar aqui, mas eu queria dizer o seguinte: este Parque vai ter grande parte das coisas que o povo precisa. O povo que mora num apartamento aqui na beira da praia não precisa de nada, porque ele já tem conforto no seu apartamento. Mas os pobres que vêm de fora, precisam.

Eu sou do tempo, João Paulo, que eu ia na Praia Grande, em São Paulo, e a gente tinha que sair numa Kombi – nem Kombi não era – com 15 pessoas dentro de uma Kombi. A porta da bicha nem fechava. A gente chegava lá, ia tomar banho numa cabine daquelas que tem um metro por meio metro, mal cabia a gente. Se a barriga crescesse um pouquinho, o umbigo ficava para fora e a porta não fechava.

Então, é melhor dar um tratamento mais adequado ao povo pobre, ao povo trabalhador, ao povo que vem do interior do País, porque há uma bobagem: alguns setores mais conservadores precisam compreender que se os pobres deixarem de ser pobres e virarem classe média, a classe média tende a virar classe rica, porque é o processo de evolução de todas as camadas sociais. Mas há quem queira teimar, neste país, que só alguns podem ter o privilégio de comer bem, morar bem, passear bem, e que o restante tem que trabalhar de sol a sol, ganhar mal, morar mal e estudar mal. Este país já foi assim durante muitos séculos. E nós viemos para cá para mudar, gostem ou não gostem.

Olhem, só para ter idéia do que vai ter aqui: aqui vai ter playground, aqui vai ter equipamento de ginástica, pista de cooper, pista de skate, estacionamento, quadras poliesportivas, vai ter banheiros, vai ter fraldário, e tem até guarda de material esportivo, isso na primeira fase.



Eu sei que tem gente que já fez protesto dizendo: “Não tem árvore”. A gente vai plantar. Mas é importante que os que reclamam que não tem árvores peguem um pouco do seu dinheiro e plantem algumas também.

Eu já ouvi dizer que tem gente que reclama do estacionamento. Obviamente que estacionamento é sempre um problema, porque o mundo inteiro é assim: a gente quer ponto de ônibus perto da casa da gente, mas não quer na porta da casa da gente; a gente quer que a prefeitura recolha o lixo, mas ninguém quer uma usina de lixo no seu bairro ou na sua vila; a gente quer que a polícia prenda os bandidos, mas ninguém quer uma cadeia na sua cidade; e assim vai. As pessoas se queixam, às vezes com razão, e aquilo que a gente puder resolver, vai resolver.

Só tem uma doença, João Paulo, que é a mais grave de todas: é o preconceito. O preconceito é uma doença. Certamente, se você, em vez de um busto de uma mulher retirante e seus filhos, tivesse feito o busto de um aristocrata da elite pernambucana, não teria preconceito e não teria tido processo.

Mas nós não temos o direito de ficar com raiva, João Paulo. Deus não nos colocou no governo deste país para a gente fazer o mesmo que a elite fazia, neste país. Nos colocou para termos mais paciência, para olharmos para aqueles que sempre foram esquecidos, para tentar fazer aquilo que para a elite era impossível fazer, porque era muito fácil contentar os pobres deste Nordeste brasileiro criando as frentes de trabalho, fazendo festa todo dia na periferia para as pessoas esquecerem as discussões importantes que precisavam ser feitas neste país.

Nós sabemos que não foi possível você fazer tudo nos seus oito anos, até porque o desmonte é de 100 anos, não é de pouco tempo. Como o Eduardo Campos não vai poder fazer tudo em quatro ou em oito anos. Como eu não pude fazer tudo em oito anos, para consertar o dismantelo de 500 anos. Não é fácil, não é fácil. O importante é que a gente saiba perfeitamente



bem o passo que nós estamos dando e o que está acontecendo na vida do povo mais pobre.

Esses dias eu tive um debate, meu caro Armando Monteiro, num jantar com empresários em Brasília, e um deles começou a reclamar que estavam diminuindo as vendas. E um outro falou: “Então, se estão diminuindo as suas vendas, saia de São Paulo e vá para o Nordeste, porque lá o povo pobre aprendeu a comer, está comprando mais, está tendo acesso a coisas que não conhecia”.

Então, a verdade é que o povo pobre está tendo uma ascensão, mais lenta do que eu gostaria que fosse, mais vagarosa, mas a verdade é que nós estamos aprendendo, porque para fazer uma simples praça como esta, este moço recebeu oito ações na Justiça.

A gente perdoa e a gente compreende todos aqueles que fazem protesto pelas coisas boas. Mas a gente não perdoa aqueles que eram contra esta praça porque queriam fazer especulação imobiliária com este terreno. E a gente também não pode compactuar com aqueles que são capazes de olhar com desdém para um busto de uma pobre retirante e são capazes de se ajoelhar para beijar o busto de uma princesa ou de uma rainha, em qualquer lugar deste país.

O maior legado, João Paulo, que eu recebi desta mulher que morreu como nasceu, analfabeta, mas que ensinou para os filhos uma coisa: nada é mais importante do que o caráter de um homem ou de uma mulher. Nada! Qualquer um de vocês pode não dar o carro que o filho deseja, qualquer um de vocês pode não dar o apartamento que o filho ou que a filha quer, qualquer um de vocês pode não dar o bem material que vocês gostariam de dar para os filhos. Agora, dêem caráter, que vocês estarão criando grandes brasileiros e grandes brasileiras.

É isso que falta neste país, é isso que a gente não vê na televisão, é isso que a gente não vê nos meios de comunicação. Como é que anda a



família neste país? O que a gente aprende? Quais são as boas informações que nós recebemos todo santo dia?

Nós, hoje – mais grave que qualquer problema neste país – temos um problema de degradação da estrutura familiar deste país. E não joguem a culpa nos pobres, não digam que a violência é apenas por causa de pobres, porque eu sou o testemunho de que se pobreza criasse bandido, a minha família não era de trabalhadores, era de bandidos, e eu não teria chegado à Presidência da República.

O que leva o pobre a virar bandido é a falta de esperança que, durante muitas décadas, a elite que governou este país tirou do povo o direito de sonhar, o direito de acreditar, o direito de pensar que o ano que vem seria melhor que o ano passado. E ela tirou porque estava compenetrada e convencida de que o Brasil precisaria ser governado apenas para 35 milhões de pessoas que faziam parte da classe média brasileira, aqueles que podiam viajar, aqueles que podiam tudo.

E nós, humildemente, o João Paulo, o Eduardo Campos, nós não queremos tirar nada de ninguém, nós não queremos tirar um centavo de ninguém, nós apenas queremos dar um centavo para quem nunca teve nada neste país.

É por isso, meus queridos... Eu não ia nem fazer discurso político, mas eu comecei a fazer para não engasgar a voz como o João Paulo engasgou, porque eu sei que não é fácil falar de mãe. Mas eu queria dizer ao nosso mestre, muitas vezes chamado de “mestre mestríssimo” por ninguém menos do que o nosso Gilberto Freyre... Quantas vezes ele dizia ao nosso querido escultor Abelardo Hora, meu “mestre mestríssimo”...

Eu penso, João Paulo, que a melhor homenagem que você prestou para mim não foi o nome deste Parque se chamar Dona Lindu, não foi um monumento à minha família. A melhor homenagem que você prestou para mim, João Paulo, foi provar, em oito anos de trabalho nesta prefeitura, que um



metalúrgico tem mais competência do que muitas outras pessoas para governar este país. João Paulo, se você não tivesse sido competente como você foi, se você tivesse sido um fracassado, não é que você não teria feito o seu sucessor, é que nós iríamos passar décadas sem poder eleger um prefeito porque iria ter aqueles que diziam: “Trabalhador não sabe governar. Peão de fábrica tem mais é que trabalhar, não tem competência para governar. Governar é coisa de gente chique, é coisa de quem nasceu em berço de ouro”.

Não tem nada, meu caro Eduardo Campos, que me dê mais orgulho, não tem nada que me dê mais orgulho... quando chegar no final do meu mandato, eu quero comparar tudo o que eu fiz com aqueles que governaram antes de mim, para a gente poder... Eu duvido que os ricos já ganharam tanto dinheiro neste mundo como ganham no meu governo. Duvido! Desafio um rico a dizer que ganhou mais dinheiro antes do meu governo. Todos eles, sem distinção, de usineiro a banqueiro, de dono de siderúrgica a dono de qualquer coisa. É só ver a receita dessas empresas.

E eu duvido que os pobres deste país já tiveram a participação no governo que tiveram no nosso governo também. Aquele Palácio do Planalto não foi feito apenas para reis e rainhas, ele não foi feito apenas para primeiros-ministros. Lá eu já levei moradores de rua; lá eu já levei catadores de papel; já levei lá os cegos com seus cachorros, porque tinha muita gente que não deixava entrar na igreja ou entrar nos shoppings, e eu queria provar que o cachorro nada mais era do que os olhos daqueles que a natureza não tinha permitido que enxergassem. Lá já entraram todos os segmentos da sociedade brasileira, porque a nossa Constituição diz que o governo tem que governar para o povo deste país.

Eu me lembro do preconceito, quando eu participei do encontro do GLBT, lá em Brasília. Todo mundo: “Lula, não vá, pelo amor de Deus. Olha, vai sair na foto, vai ter um gay que vai tirar foto com você, e vai ter uma lésbica que vai tirar foto com você”. Eu queria saber se alguém que me dá um





conselho desses, que não quer que eu vá ao encontro, se ele tem coragem de dizer para um gay na eleição: “Não vote em mim”, ou dizer para uma lésbica: “Não vote em mim”. Eu quero saber se ele tem direito de não receber o Imposto de Renda dessas pessoas. Na hora de pagar, na hora de trabalhar e na hora de votar: venham a nós. Na hora de ser tratado como nós, aí vira-se as costas. João Paulo, isso você quebrou nesta cidade, Eduardo quebrou neste estado e eu quebrei neste país. Mas ainda falta muito.

Mas eu queria dizer para vocês que, muito engajado nas lutas sociais, o nosso querido Abelardo da Hora define sua obra como “plena de amor e solidariedade”. Além de tudo, era um paquerador, além de comunista devia ser muito paquerador.

A seguir, eu vou ler uma coisa que Abelardo escreveu: “A minha arte é feita dos meus sentimentos e de meus pensamentos. Nunca os separo. A marca mais forte do meu trabalho tem sido, entretanto, o sofrimento e a solidariedade. A tônica é o amor, o amor pela vida que se manifesta também pela repulsa violenta contra a fome e a miséria, contra todos os tipos de brutalidade, contra a opressão e a exploração. Arte pela vida, em favor da vida. Às vezes, grito violentamente nos ouvidos dos brutos e dos antropóides monstruosos que forjam as guerras e as discriminações. Mas às vezes canto a vitória da minha gente, o amor da minha gente e as belezas da vida”. Meus parabéns, meu querido Abelardo.

Companheiros, eu tenho dois assuntos a tratar com vocês. Eu nunca imaginei fazer comício no dia 30 de dezembro. Eu acho que o nosso espírito agora está pensando em chegar ao final do ano, passar com a nossa família, quem bebe estoura um champanhe, quem não bebe festeja o champanhe estourado pelo outro. Mas eu não poderia deixar de vir aqui cumprir este último compromisso com meu companheiro João Paulo. Ele diz sempre que é uma questão de demarcação do campo de classe, mas o meu orgulho...

Eu fico orgulhoso, Alceu Valença, quando eu vejo... Tem gente que fala:



“Mas o jogador ganha muito”. A coisa que me dá mais prazer é ver uma pessoa pobre, da periferia, virar famoso como o Ronaldão, como o Ronaldinho, como tantos outros.

Agora, ver um trabalhador vencer na política... Não faz muito tempo, a gente só ia para a política bater palmas, chegar em palanque, nem pensar. E, de repente, você está vendo a ascensão de um companheiro como o João Paulo, que termina – depois de oito anos de mandato – com a aprovação que ele tem. É motivo de orgulho para o povo brasileiro, para os trabalhadores brasileiros e para todos aqueles que são amantes da democracia.

Queria dizer para vocês também que nós tivemos um 2008 excepcional. Há muito tempo nós não tínhamos um ano como tivemos 2008. Eu posso dizer a vocês: há mais de 35 anos a gente não tinha um ano como a gente teve em 2008. Lógico que tudo aquilo que a gente tem é sempre pouco, diante do que a gente quer. E a humanidade é assim mesmo, a gente tem que tentar sempre querer mais coisas, evoluir cada vez mais para melhorar cada vez mais. Mas 2008 foi um ano muito bom para o Brasil, muito bom.

Vocês estão acompanhando pela televisão que tem uma crise internacional, que tem uma crise que nasceu, não num país pobre da periferia. Não é culpa do Evo Morales, não é culpa do Chávez, não é culpa da Cristina Kirchner, não é culpa da Michelle Bachelet, não é culpa do Rafael Correa, não é culpa do Lula. É culpa dos países ricos, a começar pelos Estados Unidos da América do Norte, é lá... 69% dessa crise é oriunda dos Estados Unidos. E eu estou pedindo a Deus que o Obama, o primeiro negro eleito Presidente da República nos Estados Unidos – primeiro negro, o que não é pouca coisa – eu estou pedindo a Deus que o Obama consiga fazer o que tem que fazer muito rápido, porque se ele não fizer no primeiro ano, no segundo ano vão começar a pegar no pé do Obama.

Como eu acho que a vitória de um negro lá tem a mesma importância da vitória de um índio na Bolívia, e a mesma importância da vitória de um



metalúrgico no Brasil, eu estou pedindo a Deus que o Obama faça um bom governo, porque isso vai ajudar o nosso país.

A segunda coisa que vocês precisam compreender, eu não vou aqui detalhar, mas essa crise pode prejudicar o Brasil em dois momentos: primeiro, as exportações brasileiras. Os Estados Unidos e a Europa são grandes compradores mas, graças a Deus, o Brasil não depende muito dos Estados Unidos e nem da Europa. As nossas exportações para esses países representam menos de 16%, portanto, nós não estamos muito dependentes. Nós exportamos para a América Latina, para a Ásia, para o Oriente Médio, para a África. Mas, certamente, teremos alguns problemas porque os Estados Unidos são grandes compradores, a Europa é grande compradora. Por isso, eu estou torcendo para a Europa resolver logo o seu problema e para o Obama tomar posse logo e resolver logo o problema dos Estados Unidos.

Mas nós temos uma vantagem com relação à possível queda das exportações, que é o fortalecimento do nosso mercado interno. O Brasil ainda tem muita coisa para fazer, e eu quero dizer para vocês, olhando na cara de vocês, para vocês me cobrem: os pobres não pagarão a conta dessa crise, neste país.

Nós não vamos travar a economia por conta da crise. Nós não queremos que os empresários que estão fazendo investimentos deixem de fazer investimentos. Nós temos que assumir um desafio: se o empresário que está fazendo investimento agora parar e só começar a refazer o investimento quando a crise parar, ele pode perder o trem da história. Nós precisamos continuar fazendo os nossos investimentos para que quando essa crise acabar, lá fora, a gente dê um salto de qualidade e o Brasil passe a ter mais importância no cenário mundial.

Vocês sabem que tem gente torcendo para a crise arrebentar o Brasil. Tem gente dizendo: “Ah, agora a crise vai pegar o Lula. Agora é que nós vamos ver. Queremos ver se ele vai continuar bom na pesquisa. Queremos



ver, porque agora ele vai se lascar”. É assim que falam.

Olhem, essa gente que fala assim, ou não me conhece, ou não conhece o retirante nordestino. A gente, no Nordeste, que nasce pobre e que não morre até os 5 anos de idade, vira coisa encrunqueira para não permitir que uma crise faça a gente se abalar.

Eu vejo essa crise como uma oportunidade para este país. Podem ficar certos de que o governo vai tomar todas as medidas. Nós tivemos um problema de crédito agora, sério, porque nós tínhamos 30%... 30% do crédito no Brasil era crédito que os empresários tomavam emprestado, em dólar. Como o dólar desapareceu do mercado, esses empresários que pegavam dinheiro lá fora vieram pegar aqui dentro. Portanto, vocês viram notícias: a Petrobras indo pegar dinheiro na Caixa Econômica. Certamente, ela estava disputando com um empresário pequeno ou médio que pega na Caixa Econômica. Nós não queremos que isso aconteça. Por isso é que nós estamos disponibilizando dinheiro das nossas reservas para a Petrobras tomar emprestado, e não disputar com os pequenos aqui.

Eu estou convencido de que nós chegamos a janeiro com o crédito mais ou menos estabelecido neste país, ou seja, normalizar o crédito, reduzir o *spread* bancário, porque na hora em que falta dinheiro as pessoas aproveitam para aumentar o *spread*. Vamos reduzir isso e vamos fazer essa economia funcionar.

Então, na verdade, Eduardo, eu não quero assumir responsabilidade para mim, não, porque a crise não é minha. Mas, no fundo, no fundo, no fundo, é uma provação e eu quero provar que nós sabemos lidar com crise com muito mais competência do que muita gente que pensa que sabe lidar com crise. É muito fácil escrever um artigo sentado à uma mesa, tomando uísque, eu posso escrever qualquer coisa, julgando qualquer pessoa. Eu quero ver é você estar ali com a caneta na mão para dizer: assino ou não assino, faço ou não faço, contento ou descontento. Essa é a arte de fazer, e nós sabemos o que fazer.



Eu quero que vocês fiquem atentos, porque nós vamos vencer essa crise e vamos sair mais fortes dessa crise. Vamos sair mais fortes. Podem ficar certos disso: nós vamos vencer essa crise e vamos sair mais fortes dela. Eu sei que vai frustrar alguns adversários nossos, mas, paciência, faz parte do jogo político.

Eu queria, João Paulo, agradecer a você. Eu sei que você não é tudo o que você diz que é, dançador de frevo, cantador de forró, mas você provou ser um guerreiro da maior importância, João Paulo. Eu (incompreensível) sua primeira eleição aqui. Eu me lembro que eu vim um dia aqui e você pediu para mim: “Lula...” Naquele tempo me chamava de Lula. Ele falou assim, Eduardo: “Ô Lula, faz um discurso aí, que eles estão atacando peão metalúrgico”. Está lembrado? Eu subi no trio elétrico e falei: para defender peão, é comigo mesmo. Esse companheiro ganhou as eleições contra uma parte da aristocracia elitista deste estado, desta cidade, aqueles que pensavam que eram invencíveis. Ganhou, chegou à reeleição e ganhou outra vez, com todas as mentiras que levantaram contra ele, com a falsificação de coisas que foram feitas a mando de políticos representantes da elite aqui (incompreensível). E agora, o maior desafio. Esse companheiro consegue eleger um baixinho chamado João da Costa, prefeito desta cidade.

Eu acho, João Paulo, que essa homenagem à minha mãe é uma homenagem a milhões e milhões de retirantes nordestinos que, ao longo do final do século XIX e do século XX, perambularam por este país a fora. Eu tive parente que foi para São Paulo a pé, foram seis meses de viagem. Nós ainda fomos de pau-de-arara, foram 13 dias. Vocês pensam que é fácil? Hoje as pessoas reclamam de andar meia hora de ônibus... 13 dias em um pau-de-arara, dormindo muitas vezes embaixo de um caminhão, pedindo a Deus para não chover e chovia, e chovia. Ô desgraceira! Fazendo comida da água barrenta do rio São Francisco.



Chegamos em São Paulo, para minha desgraça... Minha mãe foi para lá porque o meu irmão mais velho mandou uma carta dizendo que o meu pai estava chamando, o que não era verdade. Ele inventou a carta, porque o meu pai veio para São Paulo, meu pai engravidou a minha mãe de mim e foi embora para São Paulo. Cinco anos depois ele voltou e engravidou a minha mãe da Tiana, da Ruth, que é a mais nova, a cada vez ele engravidava uma. E dessa vez ele levou o Jaime junto com ele. E o Jaime chegou em Santos e descobriu que ele tinha uma outra mulher.

Essa outra mulher dele era uma prima da minha mãe que tinha desaparecido quando meu pai foi embora para São Paulo. Ela já estava com um monte de filhos lá. Mas a cena, eu... a cena de a gente chegar no porto de Santos, uma mulher com sete filhos agarrados no rabo da saia, mais um tio também que morava aqui, o tio Odorico, tia Laura e dois filhos... não, um filho, que já morreu também. Chegou na porta do armazém, mandou chamar o tal do Aristides, e quando ele vê a gente... êta cabra forte, porque eu morreria de enfarto. Ele, maneiroso, mandou minha mãe para a casa de um compadre dele chamado acho que Zé Lima, Zé Lima... mandou para a casa dele e ficou com a gente na casa dele, junto com a outra mulher e com os outros filhos.

Veja o que é um pobre que parece ignorante, mas veja... com poucos meses ele tirou a que era amante e mulher – e já tinha um monte de filhos – da casa principal, da casa grande, levou para um bairro bem longe, no fim do bairro onde a gente morava, e trouxe a minha mãe para a casa que chamava casa grande. Casa grande coisa nenhuma, devia ter 70 m<sup>2</sup> a casa de madeira. Meu pai era tão bruto que ele dizia que as minhas irmãs não podiam entrar na escola porque não podiam escrever carta para o namorado. Tinha uma irmã minha, que eu não vou dizer quem é, que namorava um cara que morava vizinho da gente. Meu pai a proibia de namorar. Pois ela pulava a janela e ia namorar. Como qualquer um aqui fazia. Por isso que em vez de proibir é melhor a gente consentir, sabendo que vai acontecer.



Pois bem, eu penso que essa viagem da minha mãe para São Paulo é a demonstração do sofrimento do retirante nordestino. Não é fácil. Naquele tempo a gente ainda tinha possibilidade de arrumar um emprego ganhando um salário mínimo. Hoje, os nordestinos que vão, vão morar em lugares bem piores do que a gente foi naquela época. A gente morava num bar, a gente morava numa rua, rua Alpino de Moraes. A gente morava no fundo do bar de um tio meu e a gente tinha um quarto e cozinha, a gente morava em 13 pessoas. E tinha um banheiro que era utilizado pelo público do bar, que era o banheiro que a gente utilizava. Imaginem a “desgrameira”. Imaginem um bêbado indo ao banheiro antes de uma pessoa da casa ir.

Agora, a vantagem, João Paulo, é que eu nunca vi minha mãe reclamar, nunca vi essa mulher reclamar. Para ela, a vida era tocada como Deus queria que fosse tocada. Depois que a gente morou nessa rua, a gente tinha um fogão a querosene. Aquela minha irmã, a Tiana, tinha sete anos de idade, disse que o desgraçado desse fogão de querosene pegava fogo todo dia. Essa moça, não sei como ela não está traumatizada até hoje de ver o fogãozinho a querosene pegar fogo.

Depois nós compramos um fogão de duas bocas. Sabe o que é ter um fogão de duas bocas? E a gente foi mudar para uma outra casa, já melhor. Uma casa um pouquinho melhor, e o único móvel que a gente tinha era um fogão de duas bocas. Colocamos ele mais alto em cima do caminhão, só faltava a família em cima fazendo assim, para o pessoal ver o fogão de duas bocas. Aí as coisas foram melhorando, os irmãos foram trabalhando, trabalhando, e nós chegamos onde chegamos.

O que era extremamente importante, e que eu acho um ato de coragem, porque uma mulher de classe média, uma mulher advogada, uma médica, uma dentista, uma empresária largar do marido é fácil, porque ela tem autonomia financeira para largar do marido e ir embora de casa. Mas uma mulher analfabeta ter a coragem que a minha mãe teve de largar do meu pai, com oito



filhos, oito filhos... E saímos de casa para morar em um barraco com apenas um móvel que a gente levou. O móvel que a gente levou era uma tina. Sabem o que é tina? Uma barrica cortada no meio, um desses tonéis de carvalho cortado no meio, em que se lavava roupa. Era uma tina, uma faca de mesa e uma lata de leite Mococa, que era onde meu pai guardava o pão dele, porque ele comia pão diferente de nós. Guardava na lata, ia trabalhar, voltava de noite e comia aquele pão que era dele. O dele era pão-doce, o nosso era pão desse comum, que a gente come hoje.

Então, essa mulher pegou oito filhos, deixou a Marinete em casa para avisar para o meu pai. Deixou a Marinete em casa: “você avisa para o Aristides que eu fui embora”. E fomos embora.

O emprego sofisticado que nós tínhamos era que o meu irmão mais velho, que já morreu, era carvoeiro, carregava saco de carvão na cabeça. Chegava em casa parecendo um tição. O outro, Jaime, trabalhava, acho que vendendo sardinha, vendendo qualquer coisa no estaleiro, fazendo o que... O Vavá trabalhava num bar. O Frei Chico era um condenado. A gente ia vender coisas e ele queria que eu gritasse. Eu tinha vergonha de gritar, e ele me dava cocorote para eu gritar. Hoje eu falo muito mais do que ele. A Maria baixinha trabalhava de empregada doméstica, a Marinete de empregada doméstica, a Tiana já trabalhava de... não, não trabalhava coisa nenhuma, eu a sustentava com dez anos de idade.

Bem, então essa mulher teve essa coragem. Isso eu acho um ato de heroísmo, porque a grande maioria das mulheres pobres agüenta desaforo do marido, apanha porque ela não tem onde cair morta. Ela, às vezes, não sai de casa porque “ah, porque eu tenho oito filhos”, “porque eu tenho quatro filhos”, “porque eu tenho cinco filhos”, “porque eu tenho seis filhos”. E a minha mãe é um testemunho vivo de que é melhor a gente sofrer em liberdade do que a gente viver na base do sofrimento, na base da aporrinhação.





Então, eu acho, João Paulo, que essa homenagem é muito mais uma homenagem às mulheres deste país, às mulheres sofridas deste país, às mulheres marginalizadas deste país, porque hoje grande parte das mulheres é a chefe do lar, são elas que sustentam. Ainda temos, neste mundo, homens que sabem engravidar uma mulher mas não têm caráter para assumir a gravidez que eles fizeram e cuidar dos filhos que eles fizeram.

Então, eu quero te agradecer pela homenagem, meu querido, eu acho que onde ela está, está te agradecendo. E tem outras que nem ela, por aí afora. Tem umas que fraquejaram, não saíram, não foram, fraquejaram aqui mesmo, sofreram aqui e morreram aqui.

Graças a Deus, o nosso Nordeste vai mudar muito. Eu, nesse mês de janeiro, Eduardo – o João Paulo agora não é mais prefeito e vai só como convidado, vai ser o João Costa agora – nós agora vamos fazer uma visita a Lajedo, vamos fazer uma visita para ver a Transnordestina, que era um sonho do dr. Arraes. Em 1979, quando o Arraes foi comigo ao Crato fazer um comício, no avião – eu e o Arraes tomando um uísque, porque ninguém é de ferro – o Arraes falou assim para mim... eu não sei imitar o Arraes como o Eduardo Campos sabe, eu não sei imitar... Mas o Arraes falou assim para mim: “ô Lula, eu só quero que você faça uma coisa, faça essa Transnordestina”. Pois ela vai ser feita. O Arraes, lá de onde ele está, vai ver essa beleza.

Mas a obra mais importante que nós vamos ver é o Canal do São Francisco, esse canal que Dom Pedro, em 1847, tentou resolver o problema da seca no Nordeste. Pois não deixaram ele fazer a transposição. De lá para cá, todos os governos se amofinaram. Eu falei: nós vamos fazer essa obra. Sabem por quê? Porque uma vez eu fui buscar água numa jumenta que minha mãe tinha, estávamos eu e Maria baixinha, ela sempre foi baixinha assim. Não é que a desgraçada da jumenta deu uma queda na gente e começou a morder a minha barriga? E você tinha que encher o pote d’água, colocar no balaio para trazer para casa, rapaz. Um padrinho meu... padrinho, não. Um homem que se



chamava Padrinho Quezinho – eu lembro os nomes ainda – pegou essa jumenta, deu um corte nela aqui, e ela me largou. Já pensou o Lulinha ser comido por uma jumenta? Vocês não me teriam agora de Presidente, falando, quando todo mundo quer estar almoçando a esta hora.

Bem, gente, então, eu quero, de coração, dizer para vocês... eu já disse ao Eduardo Campos, e eu ainda preciso convencer a dona Marisa, que é dura de cair na queda, que eu gostaria de voltar a morar em Pernambuco. Não é fácil, porque a minha galega é nascida em São Bernardo e a galega não quer sair de São Bernardo. Então, como nós somos casados com comunhão de bens, e tudo a gente discute, e sempre ela leva vantagem, eu temo que não possa realizar o meu sonho.

Agora, eu queria terminar dizendo uma coisa para vocês, para ir embora e deixar vocês em paz: vocês estão acompanhando, pela televisão, os ataques lá no Oriente Médio. Uma organização palestina chamada Hamas, que ataca com bombas o lado de Israel, e Israel, com muito mais poderio, que ataca com bombas o lado palestino. Eu acabei de ligar para o ministro Celso Amorim e pedi para ele conversar com o Primeiro-Ministro da França para ver se a gente consegue convocar uma reunião de emergência para a gente tentar discutir isso, porque o que está provado é que a ONU não tem coragem de tomar uma decisão, de colocar paz naquilo lá. E não tem coragem, porque os Estados Unidos têm poder de veto e, portanto, as coisas não acontecem.

Há duas explicações que a gente pode analisar, de longe, do conflito. É verdade que o Hamas é um grupo muito radical, mesmo contra a Autoridade Palestina, mas é verdade também que o potencial armamentista de Israel, perto dos palestinos – é como se um estivesse com um palito de fósforo e o outro com uma bomba – é muito maior.

Portanto, o que está acontecendo ali? Tem eleição este ano, no próximo ano, e eu temo que as pessoas, com a pesquisa na mão, achando que devem atacar, façam o que o presidente Bush fez na guerra do Iraque. Ele tinha a



pesquisa, porque o povo americano era favorável, então resolveu fazer a guerra do Iraque para ganhar a eleição no segundo mandato. Acontece que violência gera violência, não vai fazer um (incompreensível) de paz.

Então, eu não vou fazer um apelo daqui porque eles não conseguem ver a nossa televisão lá em Israel e nem na Palestina. Mas eu penso que nós, do Brasil, vamos trabalhar para a gente fazer um esforço muito grande junto aos outros países, para ver se a gente encontra um jeito daquele povo parar de se matar, daquele povo parar de se violentar. Também não pode apenas os Estados Unidos ficarem negociando, porque eles já provaram que não dá certo. Então, se alguém está fazendo essa guerra por conta de eleição, é um erro.

Agora, também pode ser o seguinte: o presidente Bush está saindo no dia 20. Quem sabe o ministro da Defesa de Israel falou: “Deixa eu fazer logo o que tenho que fazer antes do Obama vir, porque o Obama pode não querer que eu faça isso”. Ou seja, também é uma coisa que não é correta.

Como o Brasil vive com a comunidade judaica em paz, com a comunidade árabe em paz, eu acho que nós poderíamos fazer um apelo para que Israel, os palestinos, construíssem a paz definitivamente, porque o mundo precisa de paz. Um país se constrói na paz. Então, eu queria, Eduardo, que a gente aqui, carinhosamente, batesse palmas bem forte pela paz no Oriente Médio, para que tanto árabes quanto judeus possam ouvir o nosso apelo de paz neste final de ano.

Feliz Ano Novo para todos vocês. Que Deus permita que a gente tenha um 2009 igual ou melhor do que 2008.

Um grande abraço e obrigado pela paciência de vocês. Obrigado, querido Eduardo Campos. Obrigado, João Paulo.

(\$211A)